

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANNA CAROLINA FERREIRA SANGIORGI

ATLAS FONÉTICO DE ALCÂNTARA – AFA

SÃO LUÍS

2023

ANNA CAROLINA FERREIRA SANGIORGI

ATLAS FONÉTICO DE ALCÂNTARA – AFA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientador: Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

SÃO LUÍS

2023

S225a Sangiorgi, Anna Carolina Ferreira.
Atlas Fonético de Alcântara – AFA / Anna Carolina Ferreira
Sangiorgi. – São Luís, 2023.

120 f

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) –
Universidade Federal do Maranhão, 2023.

Orientador: Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra.

1. Atlas fonético. 2. Alcântara(MA). 3. Dialetologia.
4. Geolinguística. I. Título.

CDU:81'286(812.1)(084.42)

ANNA CAROLINA FERREIRA SANGIORGI

ATLAS FONÉTICO DE ALCÂNTARA – AFA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientador: Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: José de Ribamar Mendes Bezerra

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

Assinatura:

Prof. Dr.: Alcides Fernandes de Lima

Instituição: Universidade Federal do Pará

Assinatura:

Prof. Dr^a.: Heloisa Reis Curvelo

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

Assinatura:

À minha mãe, Maria da Paz, por ser um exemplo de amor, de força e de determinação.

Aos meus filhos, Samuel, Alice e Davi, por serem o sentido da minha vida e pelo tempo em que eu não pude estar com eles durante a execução das etapas desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por seu amor incondicional, pelo amparo nos momentos mais difíceis dessa caminhada.

À minha mãe, que desde criança me ensina a importância dos estudos, que sempre se dedicou e deu o melhor de si para minha criação, a quem sou extremamente grata por seu amor por mim e pelos meus filhos. Meu agradecimento especial a ela, que foi essencial para a conclusão desta pesquisa, porque cuidou, em muitos momentos, dos meus maiores tesouros.

Aos meus filhos, Samuel, Alice e Davi, por serem a fonte de todo meu esforço e dedicação e por terem entendido que eu precisava de tempo para concluir este trabalho.

A todas as pessoas que contribuíram para a execução desta pesquisa, desde o transporte para as localidades, meus alunos e ex-alunos do IFMA – Campus Alcântara, que me ajudaram a contactar os moradores, até às pessoas que me emprestaram material bibliográfico sobre o município, em especial Caroline Aranha e Thianne Alves, e àquelas que se dispuseram a narrar sobre o que não estava nos livros.

Minha gratidão a todos os participantes do AFA das quatro localidades, Sede, Oitíua, São João de Côrtes e Mamuna, A pesquisa foi realizada em um momento muito difícil, de pandemia por Covid-19, e, mesmo assim, se dispuseram a responder o questionário com confiança e boa vontade. Agradeço a troca, o aprendizado e as boas risadas nesta primeira vez como pesquisadora de campo.

A Conceição de Maria de Araujo Ramos, minha querida e eterna professora, orientadora da minha monografia do curso de Letras, com quem primeiro conversei sobre a produção de um atlas em Alcântara e a quem devo muitas ideias contidas neste trabalho. Minha admiração pelo seu trabalho é imensa!

Para o final, deixo meu enorme agradecimento ao meu orientador, José de Ribamar Mendes Bezerra. Foi quem me acompanhou durante os anos até a conclusão desta dissertação, sem “soltar a minha mão”, apesar dos percalços que eu enfrentei. Sou grata por todas as críticas, as contribuições, as sugestões, por todo o auxílio com livros e material de gravação, enfim, pelo compartilhamento de anos de experiência dedicados à educação de qualidade e de excelência.

Muito obrigada!

RESUMO

O Atlas Fonético de Alcântara (AFA) tem o objetivo de mapear as variações fonéticas no município de Alcântara, no Estado do Maranhão, além de oferecer aos profissionais da Educação Básica dados sobre a realidade linguística dos alcantarenses para o aprimoramento do processo de ensino/aprendizagem. O referencial teórico adotado para a elaboração do AFA são os preceitos da Dialetologia e da Geolinguística, a partir de autores como Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (2010), Sílvia Figueiredo Brandão (1991), Maria do Socorro Silva de Aragão (2003), Vanderci de Andrade Aguilera (2014). O *corpus* desta pesquisa é constituído das respostas obtidas por meio da aplicação do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), elaborado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). As 159 questões contidas neste questionário visam a apurar a realização de vários fonemas. As cartas fonéticas do AFA apresentam dados relativos aos seguintes aspectos fonéticos: realização aberta ou fechada das vogais médias [e] [ɛ] [o] [ɔ] e das vogais altas [i] [u]; palatalização da consoante lateral [l] e das oclusivas [t] [d]; som consoante dos róticos e sibilantes em final de bloco sonoro. A pesquisa foi desenvolvida em quatro pontos de inquérito: a sede do município e mais três povoados – Oitua, São João de Côrtes e Mamuna. Em cada ponto, foram entrevistados seis informantes, que se distribuem, igualmente, em três faixas etárias – faixa etária I, de 18 a 30 anos, faixa etária II, de 50 a 65 anos, e faixa etária III acima de 70 anos – e em dois sexos – masculino e feminino. Quanto à escolaridade, os informantes foram escolarizados ou não escolarizados. Com base nos dados obtidos, foram elaboradas 28 cartas fonéticas, em que são apresentadas as variações fonéticas investigadas no QFF.

Palavras-chave: Atlas Fonético. Alcântara/MA. Dialetologia. Geolinguística.

RESUMEN

El Atlas Fonético de Alcântara (AFA) tiene como objetivo mapear las variaciones fonéticas en el municipio de Alcântara, en el Estado de Maranhão, además de proporcionar a los profesionales de la Educación Básica datos sobre la realidad lingüística de los alcantarenses para mejorar el proceso de enseñanza/aprendizaje. El marco teórico adoptado para la elaboración del AFA son los preceptos de la Dialectología y la Geolingüística, basándose en autores como Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (2010), Sílvia Figueiredo Brandão (1991), Maria do Socorro Silva de Aragão (2003), Vanderci de Andrade Aguilera (2014). El *corpus* de esta investigación está formado por las respuestas obtenidas a través de la aplicación del Cuestionario Fonético-Fonológico (QFF), elaborado por el Proyecto Atlas Lingüístico de Brasil (ALiB). Las 159 preguntas contenidas en este cuestionario tienen como objetivo determinar la realización de varios fonemas. Las cartas fonéticas del AFA presentan datos relacionados con los siguientes aspectos fonéticos: realización abierta o cerrada de las vocales medias [e] [ɛ] [o] [ɔ] y de las vocales altas [i] [u]; palatalización de la consonante lateral [l] y de las oclusivas [t] [d]; sonido consonante de los róticos y sibilantes em final de bloque sonoro. La investigación fue realizada en cuatro puntos de encuesta: la sede municipal y más tres pueblos – Oitiua, São João de Côrtes y Mamuna. En cada punto, fueron entrevistados seis informantes, que se distribuyen, igualmente, en tres grupos de edad – grupo de edad I, de 18 a 30 años, grupo de edad II, de 50 a 65 años, y grupo de edad III, mayores de 70 años – y en dos géneros – masculino y femenino. En cuanto a la escolaridad, los informantes fueron escolarizados o no escolarizados. Basándose en los datos obtenidos se crearon 28 cartas fonéticas, en las que se presentan las variaciones fonéticas investigadas en el QFF.

Palabras clave: Atlas fonético. Alcântara/MA. Dialectología. Geolingüística.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFA	Atlas Fonético de Alcântara
ALC 1	Sede
ALC 2	Oitua
ALC 3	São João de Côrtes
ALC 4	Mamuna
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMA	Atlas Linguístico do Maranhão
ALE	<i>Atlas Linguarum Europae</i>
ALiR	<i>Atlas Linguistique Roman</i>
CLA	Centro de Lançamento de Alcântara
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
IFMA	Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão
INF	Informante
INQ	Inquiridor
IPA	Internacional Phonetic Alphabet
QFF	Questionário Fonético-fonológico
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	15
1.1 Estudos Dialetológicos	15
1.2 Atlas de pequeno domínio.....	24
1.3 Fonética.....	26
2. METODOLOGIA.....	31
2.1 Alcântara: <i>locus</i> da pesquisa.....	32
2.2 Pontos de Inquérito	35
2.3 Informantes	38
2.4 Questionário	41
2.5 Pesquisa de campo.....	45
2.6 Coleta e Tratamento dos dados	47
2.7 Elaboração das Cartas Fonéticas	47
3. ATLAS FONÉTICO DE ALCÂNTARA – AFA	50
3.1 Carta Introdutória	50
3.2 Cartas Fonéticas	51
CARTA F1 D1	51
CARTA F1 D1 G.....	53
CARTA F1 D1 S.....	54
CARTA F1 D2	55
CARTA F1 D2 G.....	56
CARTA F1 D2 S.....	57
CARTA F2 D1	58
CARTA F2 D1 G.....	59
CARTA F2 D1 S.....	60
CARTA F2 D2	61
CARTA F2 D2 G.....	62
CARTA F2 D2 S.....	63
CARTA F3 D1	64
CARTA F3 D1 G.....	66
CARTA F3 D1 S.....	67

CARTA F4 D1	68
CARTA F4 D2	69
CARTA F4 D3	70
CARTA F5 D1	72
CARTA F5 D1 G.....	73
CARTA F5 D1 S.....	74
CARTA F5 D2	75
CARTA F6 D1	76
CARTA F6 D2	78
CARTA F6 D3 G.....	80
CARTA F6 D3 S.....	81
CARTA F6 D4 G.....	82
CARTA F6 D4 S.....	83
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS.....	90
ANEXOS.....	94
ANEXO A.....	95
ANEXO B.....	99
ANEXO C.....	101
ANEXO D.....	103
APÊNDICES	116
APÊNDICE A	117

INTRODUÇÃO

Desde o século XX, vários estudiosos se dedicam a observar, registrar e analisar as distinções no modo de falar das pessoas em diferentes localidades. Sob esse prisma, com base na observação da fala dos nativos do município de Alcântara, no Estado do Maranhão, surgiu a necessidade de buscar pesquisas que trouxessem dados sobre suas realizações fonéticas. Desse modo, ao constatarmos que não havia sido realizado nenhum estudo neste sentido, decidimos, então, dar início ao Atlas Fonético de Alcântara – AFA.

A elaboração do AFA tem por objetivo mais amplo mapear as variações fonéticas dos alcantarenses. Como objetivos específicos, pretendemos:

1) elaborar cartas fonéticas, a partir dos resultados obtidos em Alcântara da aplicação do questionário fonético-fonológico (QFF) elaborado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)/ Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA);

2) investigar a ocorrência dos seguintes fenômenos fonéticos – realização aberta ou fechada das vogais médias [e] [ɛ] [o] [ɔ] e das vogais altas [i] [u]; palatalização da consoante lateral [l] e das oclusivas [t] [d]; som consoante dos róticos e das sibilantes em posição final;

3) contribuir com as pesquisas do português falado no Maranhão; e

4) oferecer aos professores da educação básica do município de Alcântara dados sobre a realidade linguística dos alcantarenses para o aprimoramento do processo de ensino/aprendizagem.

Para dar conta desses objetivos, as perguntas que norteiam nosso trabalho são: 1) como os fenômenos fonéticos selecionados para nossa pesquisa são realizados pelos alcantarenses? 2) a faixa etária e o sexo dos falantes influenciam na escolha das variantes? 3) o fenômeno da despalatalização das oclusivas [t] [d] observado principalmente na fala de alcantarenses que nasceram no povoado Oitua e estudam em Alcântara é uma variação diatópica?

Os atlas linguísticos são muito importantes para a descrição e para a análise dos dialetos, pois consideram tanto os aspectos geográficos, como as variações diastrática e diafásica. Sílvia Figueiredo Brandão (1991, p. 24) conceitua atlas linguístico como “um conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito

geográfico”. Estes permitem identificar as variações em diferentes níveis da língua: morfossintático, pragmático-discursivo, fonético-fonológico, semântico-lexical. Neste trabalho, optamos, entretanto, pela elaboração de um atlas de pequeno domínio, com enfoque no nível fonético. Por este motivo, nomeamos nossa pesquisa de “Atlas Fonético de Alcântara – AFA”.

É importante destacar que o Projeto ALiB é um atlas de âmbito nacional, que busca mapear a realidade linguística do Brasil. Já o Projeto ALiMA é um atlas regional, cujo objetivo é retratar os falares da população maranhense. Para isso, conta com dezesseis pontos de inquéritos – Alto Parnaíba, Araisos, Bacabal, Balsas, Brejo, Carolina, Carutapera, Caxias, Codó, Imperatriz, Pinheiro, Raposa, São João dos Patos, São Luís, Tuntum e Turiaçu – devido à extensão territorial do estado e sua diversidade regional. Os dados levantados pelo ALiMA possibilitarão aprofundar o conhecimento da realidade linguística e cultural do Estado do Maranhão, uma vez que promoverão uma maior reflexão sobre as variantes que integram a língua portuguesa falada no Brasil.

Como é possível perceber, a cidade de Alcântara não faz parte da rede de pontos de pesquisa do projeto ALiMA. Assim sendo, o AFA se justifica, primeiramente, por representar uma importante contribuição para o mapeamento do modo de falar dos maranhenses.

Em segundo lugar, Alcântara é um dos municípios mais antigos do Maranhão, visto que, de acordo com o professor e historiador Jerônimo de Viveiros (VIVEIROS,1977), a localidade – ocupada por indígenas – já existia antes mesmo da fundação de São Luís em 1612 pelos franceses. Entre os anos de 1616 e 1618, teve início a colonização portuguesa em Tapuitapera e apenas em 1648 foi reconhecida oficialmente como Vila de Santo Antônio de Alcântara. Além disso, segundo o Decreto-lei nº 26,077 – “A”, de 22 de novembro de 1948 (BRASIL, 1948), foi elevada à “Cidade Monumento Nacional”, por seu valor cultural.

Por fim, esse município possui mais de duzentos povoados, distribuídos numa área total de 114.000 hectares, representando, assim, um território muito extenso e diversificado por comunidades, no qual convém investigar a variação fonética para uma melhor compreensão da identidade linguística do Estado do Maranhão.

Portanto, o AFA faz-se necessário tanto pela importância histórica, geográfica e social de Alcântara, como também por ser capaz de oferecer um

considerável número de dados para complementar as pesquisas dialetológicas já realizadas e dar subsídios para as diversas áreas do conhecimento.

Dentre os estudos já publicados visando a documentar a Língua Portuguesa no Maranhão, destacamos o Atlas Linguístico de Icatu (ALInI), de autoria da pesquisadora Thaiane Alves Mendonça, com o objetivo de identificar e mapear a variação linguística no nível semântico-lexical nesse município (MENDONÇA, 2017). No âmbito dos atlas de pequeno domínio, no nível fonético, o AFA, até o momento, é pioneiro no Estado do Maranhão.

Não obstante outros estudos, merecem destaque aqui, por suas importâncias para o conhecimento dos falares do Brasil e por guardarem semelhança com a presente pesquisa, os seguintes atlas fonéticos:

- (i) Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA) – (2004);
- (ii) Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara (AFeBG) – (2006);
- (iii) Micro Atlas Fonético do Estado do Rio De Janeiro (Micro AFERJ) uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses – (2008);
- (iv) Atlas Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri cearense (Alicace) – (2019);
- (v) Atlas fonológico-fonético das vogais médias pretônicas em Goiás – (2022);
- (vi) Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro ALiSon – (em andamento).

O referencial teórico adotado para a elaboração do AFA são os preceitos da Dialetologia, enquanto ciência; e da Geolinguística, como técnica mais moderna de pesquisa na área da Dialetologia, visto que esta permite uma abordagem mais ampla dos fatos linguísticos ao se ocupar tanto da documentação dos resultados obtidos a partir da utilização de mapas, como também do controle sistemático das variáveis sociais.

O presente trabalho está dividido em oito partes. Na **INTRODUÇÃO**, apresentamos a justificativa da pesquisa e os objetivos. Na seção I, **PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**, fazemos um percurso histórico sobre o desenvolvimento dos estudos dialetológicos no Brasil, apresentamos o conceito de atlas de pequeno domínio e abordamos conceitos de fonética e fonologia, bem como os principais fenômenos fonéticos selecionados para essa pesquisa. Na seção II, **METODOLOGIA**, apresentamos os métodos e os procedimentos relacionados à rede

de pontos de inquéritos; aos informantes; ao questionário; à pesquisa de campo; à transcrição e informatização dos dados; e à elaboração das cartas fonéticas. Na seção III, **ATLAS FONÉTICO DE ALCÂNTARA**, trazemos os mapas com os limites do município de Alcântara, sua localização em relação ao Estado do Maranhão e ao Brasil e 28 cartas fonéticas, referentes aos seis fenômenos fonéticos investigados nas quatro localidades, a partir da aplicação do questionário fonético-fonológico. As **CONSIDERAÇÕES FINAIS** trazem uma síntese dos resultados da pesquisa. Em seguida, apresentamos as **REFERÊNCIAS**, os **APÊNDICES** e os **ANEXOS**.

SEÇÃO I

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, são abordados os pressupostos teóricos nos quais se fundamentam esta dissertação. Assim, trataremos da Dialetoлогия e de seu método, a Geolinguística, apresentando conceitos basilares para o entendimento das discussões desenvolvidas. Além disso, serão abordadas definições importantes, referentes aos atlas de pequeno domínio, bem como de fonética e dos fenômenos linguísticos analisados para a elaboração das cartas fonéticas.

1.1 Estudos Dialetológicos

De acordo com William Labov (2008), até o século XX, não era comum estudar a língua observando-se a sociedade em que ela estava inserida. Entretanto, com o advento dos estudos sociolinguísticos, impulsionados por ele, percebeu-se que toda língua é passível de mudanças. A partir de então, o corpo social que a usa passou a ser considerado.

Para Labov (2008), o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada em relação ao contexto social, ou seja, é “estudar empiricamente as comunidades de fala” (LABOV, 2008, p. 259), entendidas como um conjunto de indivíduos que interagem verbalmente e também compartilham um conjunto de normas relativas aos usos.

Entre as várias disciplinas que se aproximam do campo a que se dedica a Sociolinguística estão a Dialetoлогия, a Geografia Linguística, a Sociologia da Linguagem, a Etnografia, a Pragmática, a Toponímia, cada qual com uma forma própria de abordar a língua.

Para Carmen Silva-Corvalán (1989, p. 8),

Sociolinguística e dialetoлогия se tem considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolinguística, a dialetoлогия reconheceu desde sempre a existência da heterogeneidade linguística.¹

¹ Tradução do original: Sociolingüística y dialectología se han considerado hasta cierto punto sinónimas en cuanto a que ambas disciplinas estudian la lengua hablada, el uso lingüístico y establecen las

Apesar de correlatas, se diferenciam quanto à abordagem dos fatos linguísticos. Enquanto a dialetologia é eminentemente diatópica, preocupando-se com a descrição e a localização espacial dos fatos considerados, a sociolinguística centra-se nas relações sociolinguísticas, isto é, nas correlações entre os fatos linguísticos e os fatores sociais.

De acordo com Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (2010, p. 15), “a dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Os estudos dialetais usam o método da Geografia Linguística para registrar os fenômenos. Para a autora (CARDOSO, 2000, p. 415 *apud* CARDOSO, 2010, p. 67),

a geolingüística hoje, deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados areais.

A variação social da língua é considerada tão importante quanto a variação espacial. Conforme afirmam Chambers e Trudgill (1994, p. 82), “Todos os dialetos são tanto espaciais quanto sociais, uma vez que todos os falantes têm não só um espaço social como uma localização espacial”². Logo, a variação diassexual, a variação diafásica, a variação diastrática e a variação diageracional devem ser levadas em consideração.

Segundo Valter Pereira Romano (2014, p. 142), “nos primeiros trabalhos dialetais, os estudiosos selecionavam determinada localidade e colhiam dados dos falantes locais, priorizando os sons, a gramática, e, em menor escala, a sintaxe, não dando muita atenção para o vocabulário”. Os pesquisadores selecionavam localidades da área rural e davam preferência a informantes mais idosos e analfabetos. Essas características foram resumidas por Zágari (2005, p. 35-36) na sigla “HARAS” (homem, adulto, rurícola, analfabeto, sedentário) que é uma versão em

relaciones que se dan entre ciertos rasgos lingüísticos y ciertos grupos de individuos. Así como la sociolingüística, la dialectología ha reconocido desde siempre la existencia de la heterogeneidad lingüística.

² Tradução do original: Todos los dialectos son tanto espaciales como sociales, puesto que todos los hablantes tienen un entorno social igual que una localización espacial.

português do acrônimo em inglês “NORMs” (nonmobile, older, rural males)” proposto por Chambers e Trudgill (1994, p. 58-59).

Considerava-se que esse perfil de informante garantiria que sua fala seria representante da variação do lugar, sem alguma ou pouca influência de outros padrões linguísticos. Em relação à baixa escolaridade, acreditava-se que o informante teria menos capacidade de monitorar sua fala, garantindo a coleta de uma fala mais espontânea.

Dessa forma, a Dialectologia, que surgiu no final do século XIX, teve, nos seus primeiros momentos, um caráter puramente monodimensional, pois se centrava na variação diatótica. Como observa Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (2010, p. 48),

Os primeiros estudos classificados como de cunho dialetal buscam retratar diferenças espaciais. O interesse pelo conhecimento da realidade linguística inserida no espaço físico levou a que se desenvolvessem trabalhos com a finalidade de descrever áreas e de apontar a realidade linguística de um território politicamente definido. Foi esse o objetivo das primeiras investidas no campo da dialetologia, como demonstra a iniciativa do Ministério do Interior na França – para ficar em apenas um exemplo ilustrativo –, em 1897, sob a responsabilidade principal de Charles-Etienne Coquebert de Montbret, para recolher versões da parábola do filho pródigo em cem diferentes *patois*, quase todos na França, cujos resultados se destinavam ao estabelecimento do perfil da língua francesa como língua materna, delineando-se os espaços por ela ocupados e demarcando-se os limites linguísticos no interior do país.

Para dar conta do seu objetivo, a Dialectologia utiliza o método da Geografia Linguística, também chamada Geolinguística, que busca apresentar os dados linguísticos sob a forma de mapa ou carta geográfica, distribuídos por pontos identificados. O conjunto desses mapas linguísticos constitui um atlas linguístico. Este, por sua vez, possui quatro tipos diferentes, de acordo com a tipologia europeia: atlas continentais, atlas de grupo linguístico, atlas nacionais e atlas regionais.

De acordo com Eugênio Coseriu (*apud* BRANDÃO, 1991, p. 11-12), Geografia Linguística é

O método dialectológico e comparativo que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos, ou aos falares estudados.

Para Chambers e Trudgill (1994, p. 45), a Geolinguística “busca criar uma base empírica da qual se possam extrair conclusões acerca de uma variedade linguística que se dá em certo lugar”³. Por conseguinte, esta preocupação pela sistematização na recolha de dados representou um grande avanço para os estudos dialetais. Logo, a metodologia da geolinguística prevê o estabelecimento de critérios de seleção das localidades, dos informantes, do tipo de questionário a ser aplicado, dos métodos para a aplicação destes e da publicação dos resultados em atlas linguísticos.

Dessa forma, aos poucos, alguns dialetólogos perceberam que, além da dimensão espacial da variação linguística, as características sociais dos falantes também deveriam ser consideradas nos estudos dialetais, ou seja,

(...) à diversidade de espaços físicos e geopolíticos junta-se a consideração dos parâmetros diagenérico, diageracional, diastrático, diafásico, diarreferencial ou nas especificações da diatopia, diatópico-topoestático, diatópico-topodinâmico, e de outros mais a que se pode ou possa chegar (CARDOSO, 2010, p. 62).

Sendo assim, a dialetologia e especificamente os estudos geolinguísticos assumem uma visão pluridimensional dos fatos linguísticos, apresentando, também cartograficamente, dados de natureza social. Esta ênfase nos fatores sociais é uma resposta às sucessivas transformações pelas quais o mundo vem passando, de modo a atender às necessidades da atualidade. Dessa forma, já não são prioridade os informantes mais idosos, não alfabetizados e da área rural, mas também aqueles de áreas urbanas, com maior grau de escolaridade e de diversificadas faixas etárias (CARDOSO, 2010).

Sobre a variação diageracional, a variação diagenérica, a variação diastrática e a variação diafásica, Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (2010) chama atenção para o fato de que, desde os primórdios dos estudos dialetais, os dialetólogos já possuíam sensibilidade para considerar a idade, o gênero, a condição social e a situação de elocução como fatores importantes. Segundo a autora, “não é descoberta da modernidade o reconhecimento das implicações sociais na língua falada por cada usuário” (CARDOSO, 2010, p. 61). A novidade reside no enfoque que essas variáveis recebem e no tipo de tratamento a que são submetidas.

³ Tradução do original: [...] busca crear una base empírica sobre la que extraer conclusiones acerca de la variedad lingüística que se dan em um certo lugar.

De acordo com Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (2010, p. 88),

Essa Geolinguística pluridimensional, que se consolida no final do século XX, vai ocupar-se do controle sistemático de variáveis sociais, mas terá que administrar, de modo competente, a pluralidade dos dados, sobretudo na cartografia dos resultados obtidos.

Sílvia Figueiredo Brandão (1991, p.12), a partir das contribuições de Manuel Alvar, um dos mais influentes dialetólogos, destaca que

Nenhum método será capaz de abarcar, em sua totalidade, a variabilidade de uma língua (...), mas é certo, por outro lado, que os princípios da geografia linguística, combinados aos da sociolinguística, podem ensejar um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução.

Dessa forma, a Dialetologia, no exame do fenômeno da linguagem, apresenta duas perspectivas que se complementam: o enfoque diatópico e as características sociais. Para dar conta da quantidade de informação e de dados que se relacionam, referentes a aspectos espaciais e sociais, a moderna cartografia faz uso de cartas pluridimensionais, permitindo, assim, o cruzamento de variáveis e exibindo os resultados que mostram o comportamento de cada uma delas. Aqui reside a importância do atlas linguístico, pois proporciona uma visão dinâmica de cada fato descrito.

De acordo com Valter Pereira Romano (2014), a primeira tentativa de elaboração de um atlas linguístico foi do alemão Georg Wenker, ao verificar as fronteiras dialetais da Alemanha Setentrional e Central. Entretanto, o suíço-francês Jules Louis Gilléron foi considerado o fundador da geografia linguística como método de investigação científica, visto que foi ele quem iniciou as pesquisas relacionadas às questões dialetais em diversas localidades francesas. Posteriormente, com a ajuda de Edmond Edmont, pôde publicar em 1902 os primeiros fascículos do Atlas Linguístico da França (ALF). Apesar das críticas recebidas, é inegável a contribuição feita por Jules Louis Gilléron para o método cartográfico.

O ALF é apontado como o primeiro atlas a orientar-se baseando-se nos critérios do método geolinguístico, elevando-o, assim, a uma posição de destaque na linguística europeia.

No Brasil, a publicação dos trabalhos “O dialeto caipira”, em 1920, de Amadeu Amaral, e “O linguajar carioca”, em 1922, de Antenor Nascentes, inaugurou

os estudos dialetológicos do português. Ambos os autores contribuíram significativamente para definir as bases metodológicas da pesquisa dialetal. Segundo Carlota da Silveira Ferreira e Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (1994, p. 41),

A porta se abriu para os estudos dialetais com *O dialeto caipira*. Nele encontram-se as linhas gerais para o estudo monográfico de uma região. O tratamento dos níveis fonético, lexical, morfológico e sintático a que se junta um vocabulário típico da área fazem da obra um marco e um modelo na descrição dos falares regionais do Brasil.

A promulgação do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952 (BRASIL, 1952), pelo Governo Brasileiro, refletiu uma necessidade já evidenciada por estudiosos, como por exemplo Amadeu Amaral (*O dialeto caipira*, 1920), Antenor Nascentes (*O linguajar carioca*, 1922), Mário Marroquim (*A língua do Nordeste*, 1934), entre outros. Sua elaboração foi um dos principais objetivos da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, regulamentada pela Portaria nº 536, de 26 de maio desse mesmo ano. Contudo, de acordo com Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (2005, p. 5), “reconheciam, todos, que naquele então as condições eram ainda impróprias, para não dizer adversas, para a realização de uma empreitada do porte da que representa um atlas linguístico nacional”. Antenor Nascentes (1958, p.7) aponta que devido às longas distâncias, dificuldades de deslocamento por causa da precariedade das estradas, falta de financiamento e de pesquisadores na área preparados para a pesquisa de campo, o trabalho de mapeamento linguístico do Brasil não começou logo de imediato.

Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (2005, p. 4) acrescenta que, antes, foi necessária uma mudança de mentalidade na abordagem dos fenômenos da variação linguística, a partir das ações de grandes nomes da dialetologia brasileira. São eles: a) Antenor Nascentes, com a publicação das “Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil” (1958); b) Serafim da Silva Neto, que, no “Guia para estudos dialetológicos” (1955), aborda a metodologia da pesquisa de campo, apresenta uma primeira tentativa de esboço de questionário e enumera tarefas para a execução do atlas linguístico nacional; c) Celso Ferreira Cunha, que defende a realização de atlas regionais e juntamente com Serafim da Silva Neto apresentou, em 1957, a proposta do Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil por regiões; d) Nelson Rossi dá sua importante contribuição com a publicação do primeiro atlas regional, em 1963, intitulado “Atlas Prévio dos Falares Baianos”.

Em 1996, Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso organizou o seminário “Caminhos e perspectivas para a geolingüística no Brasil” reunindo dialetólogos brasileiros, pesquisadores da área de dialetologia e o Prof. Michel Contini da Université Sthendal - Grenoble, Diretor do *Atlas Linguistique Roman* (ALiR) e membro do Comitê Diretor do *Atlas Linguarum Europae* (ALE). Durante o evento, foi retomada a ideia de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, que remonta a 1952. A partir desta reunião, o ALiB teve início de fato, quando já estavam publicados mais quatro atlas regionais — o “Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)”, em 1977; o “Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)”, em 1984, o “Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)”, em 1987, e o “Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)”, em 1994.

Nas reuniões do Comitê Nacional do ALiB, foram definidas as bases metodológicas para a execução do projeto: “os critérios para estabelecimento da rede de pontos, o perfil dos informantes, os questionários a serem aplicados; uma metodologia própria para a coleta de dados e arquivamento dos materiais” (CARDOSO, 2005, p. 8).

O ALiB conta com duzentos e cinquenta pontos que incluem as vinte e cinco capitais de Estado, à exceção de Palmas (Tocantins) e do Distrito Federal, por tratarem-se de cidades com fundação recente, sem possibilidade para a época de fornecerem informantes nascidos na localidade com as características necessárias para participação no projeto. São mil e cem informantes, distribuídos equitativamente entre homens e mulheres, em duas faixas etárias (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos). Quanto à escolaridade, devem ser alfabetizados, tendo cursado, no máximo, o ensino fundamental, possuidores de uma profissão definida, que não requeira grande mobilidade e que se encontre inserida no contexto social local. Para as vinte e cinco capitais do Estado, foram incluídos mais quatro informantes de nível universitário, observadas as mesmas correlações de sexo e faixa etária. O projeto conta com questionários elaborados após muitas discussões e previamente testados, por duas vezes e em duas versões, em diferentes partes do Brasil (CARDOSO, 2005).

Constituído de sete partes distintas, o Questionário Linguístico do Projeto ALiB está assim organizado: (1) QFF - Questionário fonético-fonológico (159 perguntas, às quais juntam-se 11 questões de prosódia); (2) QSL - Questionário semântico-lexical (202 perguntas); (3) QMS - Questionário morfossintático (49 perguntas); (4) QP - Questões de pragmática (04 perguntas); (5) TDS - Temas para discurso semi-dirigido (04 temas – relato pessoal, comentário, descrição e relato não

peçoal); (6) PM - Perguntas metalinguísticas (06 perguntas) e (7) LE - Texto para leitura (“Parábola dos sete vimes”).

O projeto ALiB iniciou-se em 1996, contudo o trabalho de campo começou em 2001, conforme planejado, quando já estavam fixadas tanto a metodologia, como as condições necessárias à efetivação da pesquisa. Os inquiridores e os auxiliares de pesquisas de campo passaram por um processo de formação, mantido de forma continuada, em *workshops* nacionais com o objetivo não só de preparar seus pesquisadores para a execução do projeto e tratamento dos dados reunidos, como também para avaliação, discussão e direcionamento do trabalho.

Em novembro de 2021, um seminário comemorativo dos 25 anos de história e realizações do Projeto ALiB aconteceu, na modalidade *online*, com a participação de grandes nomes da dialetologia nacional. Na ocasião, Jacyra Andrade Mota, Felício Wessling Margotti e Amanda dos Reis Silva apresentaram uma retrospectiva histórica do projeto; lembraram saudosamente os pioneiros, descrevendo algumas dificuldades e aprendizados ocorridos no percurso; destacaram as equipes regionais, os congressos internacionais de Dialetologia e Sociolinguística e os projetos internacionais com a presença do Projeto ALiB. Além disso, foi apresentado o estágio atual em que se encontra o projeto:

- dos sete volumes programados, os dois primeiros foram publicados em 2014; o volume III foi entregue à editora EDUEL em setembro de 2022; e os demais, de IV a VII, dedicados a fatos linguísticos que não se incluíram nos volumes anteriores e dados do interior, encontram-se em andamento;
- também estão em desenvolvimento: o sistema ALiB-WEB, que possibilitará o acesso das cartas linguísticas do ALiB ao público interessado; a inserção no sistema ALiB de uma amostra sonora de todas as capitais, com exemplos dos fatos fônicos publicados no volume II.

Desde a reunião do comitê nacional, em Londrina, em julho de 2000, a equipe de pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) havia começado a dialogar com o ALiB. No entanto, a participação do Maranhão somente foi oficializada em dezembro de 2001, quando a UFMA celebrou o convênio com a Universidade Federal do Bahia (UFBA) e com outras Instituições de Ensino Superior (IES) para a elaboração do atlas nacional.

Assim, o Projeto ALiMA busca, por um lado, descrever a realidade linguística maranhense e, por outro, contribuir para a descrição do português falado no Brasil, isto é, tem por objetivos

preencher as inúmeras lacunas relativas ao português falado no Maranhão e dar continuidade ao caminho traçado no Estado por estudiosos no século passado, contribuindo ora para desconstruir ideias cristalizadas e equívocos sobre o falar maranhense, ora para confirmar suposições feitas sobre esse falar, uma vez que a recolha de dados empíricos, resultado de pesquisa *in loco*, permitirá fazer afirmações com bases científicas sobre esse falar. Por outro lado, com a participação do Maranhão no Projeto ALiB, contribuiremos para a macrodescrição do português brasileiro. (RAMOS *et al*, 2005, p. 254)

O ALiMA utiliza a metodologia desenvolvida pelo Comitê Nacional do ALiB, com algumas alterações de acordo com as necessidades.

Quanto à rede de pontos linguísticos, foram mantidos os nove pontos já selecionados para composição do ALiB (Alto Parnaíba, Bacabal, Balsas, Brejo, Imperatriz, São João dos Patos, São Luís, Turiaçu e Tuntum) e acrescentadas mais sete localidades (Araiozes, Carolina, Carutapera, Caxias, Codó, Pinheiro e Raposa).

Para a seleção dos informantes, foram adotados os mesmos critérios propostos pelo ALiB: em cada localidade foram inquiridos quatro informantes (dois homens e duas mulheres), com exceção de São Luís, capital do Estado, que teve participação de oito informantes (quatro homens e quatro mulheres), situados nas duas faixas etárias (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos), alfabetizados até a sexta série do Ensino Fundamental, além de quatro informantes com formação universitária na capital.

Seguindo o material do ALiB, foram aplicados os três tipos de questionários: fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático. Não houve alteração no questionário fonético-fonológico, porém tanto o semântico-lexical, quanto o morfossintático tiveram algumas questões suprimidas e outras acrescentadas devido a nossa realidade linguística. Da mesma forma, houve modificações nas questões de pragmática e nos temas para discursos semidirigidos. As questões de prosódia e uma questão de metalinguística foram eliminadas.

O Projeto ALiMA, além de ser referência no Estado na área de Estudos da Linguagem, é responsável por despertar o interesse de muitos pesquisadores sobre

o português falado no Maranhão, haja vista a quantidade de estudos e publicações sobre o tema, incluindo-se aqui o presente trabalho.

Sob coordenação da professora doutora Conceição de Maria de Araujo Ramos, atualmente, o ALiMA encontra-se em fase de elaboração das cartas linguísticas. Conta com uma equipe de professores e auxiliares de pesquisa engajados em descrever a realidade linguística do português do Brasil no Maranhão para identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais e semânticos que caracterizem diferenciações ou definam a unidade linguística no Estado.

1.2 Atlas de pequeno domínio

A adoção da Geolingüística enquanto método da Dialectologia resultou em grandes avanços e não restam dúvidas de que ainda passará por profundas e sucessivas transformações, considerando as demandas da realidade atual.

Como dito anteriormente, os atlas linguísticos, em termos europeus, podem ser distribuídos em quatro categorias, do menor para o maior: i) atlas linguísticos continentais, ii) grupos de línguas, iii) nacionais e iv) regionais. No entanto, de acordo com Greize Alves da Silva e Valter Pereira Romano (2022, p. 19), considerando-se a extensão do território brasileiro, faz-se necessária uma remodelação desta terminologia para a realidade brasileira, classificando os atlas linguísticos em

a) atlas continentais; b) grupos de língua; c) nacionais; d) regionais; e) estaduais e f) pequeno domínio/locais, os quais se aplicam na realidade brasileiras os do tipo c, d, e, f. Os trabalhos de pequeno domínio/locais buscam a descrição de nuances restritas a uma região específica dentro de outro território mais amplo e, nessa finalidade, possuem particularidades teórico-metodológicas em sua composição: a rede de pontos é mais densa e seu instrumentos de coleta é direcionado às questões regionais e locais (SILVA; ROMANO, 2022, p. 22).

Dessa forma, os atlas de pequeno domínio cumprem um papel importantíssimo, pois ocupam-se de realidades menores que não conseguiriam ser contempladas de maneira minuciosa em macroatlas. A característica marcante deste tipo de atlas é seu grau de aprofundamento de um território.

Para Greize Alves da Silva e Valter Pereira Romano (2022, p. 23), “em termos brasileiros, propõe-se que atlas regionais não sejam interpretados como atlas estaduais ou de pequeno domínio dadas as especificidades geográficas do Brasil.

Assim, considera-se que atlas regionais englobam uma região administrativa completa”.

Nesse contexto, o ALiMA é definido, então, como atlas estadual, já que “dá conta das especificidades dialetais de uma unidade federativa completa em seus limites político-territoriais” (SILVA; ROMANO, 2022, p. 23); e o AFA é categorizado como atlas de pequeno domínio, visto que busca retratar as nuances dialetais do município de Alcântara dentro de outro território mais amplo – o Estado do Maranhão.

Apresentamos, a seguir, alguns exemplos de atlas de pequeno domínio citados por Greize Alves da Silva e Valter Pereira Romano (2022, p. 24), sendo dois de cada Região Administrativa:

- Região Norte: o Atlas Linguístico dos Karipunas do Amapá (2020) e o Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (2017);
- Região Nordeste: o Atlas Linguístico de Icatu – AlinI (2017) e o Atlas Fonético e Léxico-Semântico do Cariri cearense – Alicace (2019);
- Região Sudeste: o Atlas Semântico-Lexical do Grande ABC (2007) e o Atlas Linguístico Pluridimensional do Português Paulista (2018);
- Região Sul: o Atlas Linguístico de Curiúva – PR e Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná - ALINPIPR (2021);
- Região Centro-Oeste: Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário – ALiCola (2013) e o Atlas Semântico-lexical do Norte do Mato Grosso – ASLNMAT (2015).

Sobre esses atlas, Greize Alves da Silva e Valter Pereira Romano (2022, p. 24) esclarecem que

São atlas pluridimensionais que documentam a fala em diferentes perspectivas: comunidade em situação de bilinguismo, como por exemplo, o atlas dos karipunas, no estado do Amapá; 25 pequenas cidades, como Icatu, no interior do Maranhão e Curiúva, no interior do Paraná; mesorregiões de um estado, como o Norte Pioneiro do Paraná e do norte-matogrossense; regiões metropolitanas, como a Grande ABC paulista, ou mesmo comparação entre municípios, como no interior do estado de São Paulo, ou cidades como, Corumbá e Ladário, no estado do Mato Grosso do Sul.

Portanto, a partir desta breve explanação, buscamos apresentar uma proposta de tipologia dos atlas linguísticos, baseada na realidade do nosso país,

ressaltando o conceito de atlas de pequeno domínio, com suas especificidades e assim explicitar por que o AFA se encaixa nesta terminologia.

1.3 Fonética

O AFA centra-se nos mesmos aspectos fonéticos já apresentados no volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil (2014), a partir da aplicação do QFF no município de Alcântara. Dessa forma, faz-se necessário abordar alguns conceitos de fonética imprescindíveis para a compreensão dos dados.

Thaís Cristófaró Silva (2017, p. 110) define fonética e fonologia da seguinte forma:

fonética *phonetics* disciplina da linguística que apresenta os métodos para descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles utilizados na linguagem humana. Algumas subdivisões da fonética são: **fonética articulatória**, **fonética auditiva**, **fonética acústica** e **fonética instrumental**. Relaciona-se ao uso do conhecimento linguístico, ou seja, ao **desempenho**. Os domínios da **fonética** e da **fonologia** são complementares.

fonologia *phonology* disciplina da linguística que investiga o componente sonoro das línguas naturais do ponto de vista organizacional. Determina a distribuição dos sons e o contraste entre eles, com ênfase na organização dos sistemas sonoros. Caracteriza também a boa-formação das sílabas e dos aspectos suprasegmentais como, por exemplo, o tom e o acento. Relaciona-se com o estudo gramatical do conhecimento linguístico, ou seja, a **competência**. Tem interface com a fonética, com a morfologia e com a sintaxe.

A fonética descreve os sons da linguagem do ponto de vista físico e articulatório. Já a fonologia estuda os princípios que regulam a estrutura sonora das línguas, estabelecendo as sequências de sons permitidas e excluídas na língua analisada. A unidade da fonética são os fones, enquanto a unidade da fonologia é o fonema, isto é, a menor unidade segmentável e capaz de criar oposição distintiva entre duas formas linguísticas. Segundo Dinah Callou e Yonne Leite (1993, p. 36) “o fonema é um som [...] que tem um valor diferenciador entre dois vocábulos. A realização fônica em si vai interessar à fonética, à fonologia interessa a oposição de sons dentro do contexto de uma língua dada”.

Essas duas disciplinas que estudam os sons da fala são interdependentes. Nos estudos fonológicos, é necessário partir do conteúdo fonético para determinar as

unidades distintivas de cada língua. Sendo assim, ambas se complementam: a fonética trata da substância, enquanto a fonologia ocupa-se da forma.

Para o AFA, focamos em descrever a realização dos sons observados na fala dos alcantarenses, ou seja, optamos por elaborar um atlas fonético. Sendo assim, não é nosso objetivo descrever o som dentro do sistema linguístico. Nesse sentido, destacamos que as cartas fonéticas do ALiB trazem essa complementaridade entre fonética e fonologia, porém as cartas fonéticas do AFA, ainda que mantenham a nomenclatura no título de suas cartas para manter o padrão do ALiB, não se ocupam em descrever a posição em que os sons ocorrem.

Para tentar registrar o que se passa na fala, é feita uma transcrição fonética com símbolos de um alfabeto específico, entre colchetes, ou seja, a transcrição fonética “é uma representação dos sons da fala que geralmente utiliza os símbolos do IPA. A partir de uma transcrição fonética é possível recuperar a pronúncia de um enunciado” (SILVA, 2017, p. 213).

O Alfabeto Fonético Internacional – em inglês Internacional Phonetic Alphabet (IPA) – é um “sistema de notação fonética com o objetivo de propor uma representação específica para os sons da fala. Sugere um conjunto de símbolos e diacríticos para registrar todo e qualquer som das línguas naturais” (SILVA, 2017, p. 50).

O objetivo do alfabeto fonético e da transcrição fonética é possibilitar a uma pessoa treinada que faça a transcrição e a leitura de qualquer som em qualquer língua natural já descrita. Dessa forma, o alfabeto fonético deve conter convenções inequívocas e de conhecimento geral.

O alfabeto adotado pelo ALiB/ALiMA tem como base o IPA, porém apresenta adaptações que se tornaram mais adequadas para a realidade linguística brasileira. Ainda que o IPA seja o alfabeto mais adotado em todo mundo, Maria do Socorro Silva de Aragão chama atenção para a necessidade de o pesquisador estar atento para tomar decisões durante as transcrições, já que “muitas vezes um símbolo pode ser utilizado, mas na realidade ele representa o som de outra língua e não de nossa língua, embora sejam semelhantes” (2003, p. 115).

Sendo assim, o Comitê Nacional do ALiB decidiu que as equipes regionais farão apenas uma transcrição fonética ampla – aquela que se vale de um conjunto simples de símbolos, sem muitos detalhes fonéticos e omite aspectos redundantes previsíveis pelo contexto – dos itens do Questionário Fonético-Fonológico e que

providenciará uma tabela dos sinais adotados (utilizando o alfabeto fonético internacional IPA) (ARAGÃO, 2003). Para o AFA, adotamos o alfabeto fonético do ALiB/ALiMA, conforme descrito no Anexo A.

Para a elaboração do AFA, optamos por investigar os mesmos fenômenos fonéticos que já foram analisados e cartografados pelo ALiB e apresentados no volume 2 do Atlas, publicado em 2014 (CARDOSO *et al.*, 2014), com o objetivo de oferecer dados que viessem a somar com os já coletados no atlas nacional. Desse modo, as cartas fonéticas do AFA apresentam:

– Realização aberta ou fechada das vogais médias [e] [ɛ] [o] [ɔ] e das vogais altas [i] [u];

Os sons vogais no português brasileiro são sujeitos à variação podendo realizarem-se como vogais fechadas [e] [o], abertas [ɛ] [ɔ] e altas [i] [u]. Desde Antenor Nascentes que a realização aberta ou fechada é considerada uma marca regional.

Para Antenor Nascentes (1953), o modo de falar brasileiro se subdivide em dois grupos – o do Norte e o do Sul. Sob esse prisma, no tocante aos aspectos fônicos do Nordeste, o timbre das vogais médias é um dos dois fatos linguísticos – o segundo é a entoação – que estabelece a distinção entre os falares do Norte e o do Sul.

De acordo com Jacyra Mota (2016, p. 61), “Quanto ao timbre das vogais médias [...] predominam na região Nordeste as variantes vocálicas abertas, como em t[ɛ]rreno, b[ɔ]tar”.

Outro estudo interessante é o intitulado “Comportamento da vogal média anterior pretônica no Estado do Pará” (2014), de autoria de Edinaldo Gomes dos Santos, que corrobora com Jacyra Mota ao afirmar que “do ponto de vista geolinguístico, o Nordeste se encontra mais bem classificado na proposta de Nascentes, por se verificar o delinear de uma zona dialetal mais homogênea em relação ao abaixamento da vogal média em posição pretônica” (SANTOS, 2014, p. 160). Os resultados obtidos nesta pesquisa concluem que o fenômeno constitui um quadro multidialetal no Pará, ou seja, há zonas dialetais de três variantes [e], [ɛ] e [i], com preferência pela variante [e] em grande parte do território.

Do conjunto de monografias, dissertações e teses já publicadas sobre as vogais médias, citaremos algumas a seguir:

O comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo (VIEIRA, 2010) – dissertação de autoria de Shirley Vieira;

Pretônicas na língua falada em Sergipe: dados do Projeto ALiB (LOPES, 2013) – monografia de autoria de Paulo Henrique de Souza Lopes;

As vogais médias pretônicas na fala de Goiás com base nos dados do Projeto ALiB (SOUZA, 2018) – dissertação de autoria de Daiane Silva Souza;

As vogais médias pretônicas em Minas Gerais nos dados do ALiB (ALVES, 2022) – tese de autoria de Diocles Igor Castro Pires Alves;

Vogais postônicas não finais: do sistema ao uso” (2010) – tese de autoria de André Pedro da Silva;

Sobre vogais médias em posição postônica não final na fala popular do Rio de Janeiro (2012) – artigo das autoras Alessandra de Paula e Silvia Figueiredo Brandão.

– Palatalização da consoante lateral [l] e das oclusivas [t] [d]

Quando um som consoante adquire uma articulação palatal ou próxima à região palatal, temos um fenômeno chamado palatalização. Dessa forma, em determinadas circunstâncias, os fones [l] [t] [d] podem ser articulados não mais como dentais, mas sim como palatais.

O fone [l] diante da vogal anterior [i] pode realizar-se como [ʎ]. Sobre a palatalização, destacamos os estudos de Carlene Ferreira Nunes (2014), “Perfil histórico da palatal /ʎ/”, e de Marilucia Barros de Oliveira, “Palatalização do /l/ no Brasil: alcances e limites”.

O fone [t] pode realizar-se como [tʃ]; e o fone [d] pode realizar-se como [dʒ]. Segundo Maria do Socorro Silva de Aragão (2003, p. 109),

a palatalização das consoantes /t, d/ em [tʃ, dʒ] antes da vogal anterior /i/ ou depois da semivogal anterior /y/, estudada pelas equipes dos Atlas Linguísticos da Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe e Paraná, é considerada uma marca dos estados do Rio de Janeiro, Ceará e parte de Minas Gerais e Bahia. Diversos outros trabalhos têm sido feitos, analisando diferentes regiões do país.

Algumas dissertações já publicadas sobre este fenômeno são: “[pɛxˈdidɐ] ou [pɛxˈdʒidɐ]?, [tɔˈmatɪ] ou [tɔˈmatʃɪ]?: uma análise geossociolinguística da realização

dos fonemas /d/ e /t/ no falar de ararienses e pinheirenses”, de Francimone de Graça Barros Dutra (2021) e “Palatalização das oclusivas dentoalveolares antes de [i] no interior baiano” (2018), de Mariana de Almeida Moreira Ribeiro.

– Som consoante dos róticos e das sibilantes em coda silábica

Thaís Cristófaró Silva (2017, p. 75) define que coda é um “termo adotado para indicar a parte pós-vocálica da sílaba que é ocupada por um som consonantal. [...] No português as consoantes que podem ocupar a posição de coda são: os sons róticos, as sibilantes e a lateral”. Codas podem ocorrer no meio da palavra – coda interna – ou no final da palavra – coda externa.

Quando os sons consoantes róticos e sibilantes ocupam a coda externa, seus sons podem, em alguns casos, ser apagados. Maria do Socorro Silva de Aragão (2003, p. 112) afirma que “a apócope das consoantes /r/ e /s/ > [∅], em posição final absoluta, vem sendo estudada por dialetólogos e sociolinguistas ora como variante regional, ora como variante social”. O símbolo fonético [∅] representa o apagamento fonético. Sobre o apagamento do rótico, destacamos a pesquisa “Pra mim tê uma coisa, eu tenho que trabaiá muito: o apagamento do /R/ final no português falado no Maranhão, de autoria de Conceição de Maria de Araujo Ramos *et al*, 2005.

O AFA apresenta cartas linguísticas que contêm os dados referentes à presença *versus* ausência em nomes e verbos do som consoante dos róticos em coda silábica externa e interna; e as realizações palatais do som consoante das sibilantes em final de bloco sonoro.

SEÇÃO II

2. METODOLOGIA

A metodologia do trabalho científico prevê que se possa claramente especificar os passos adotados para a realização da investigação. Sendo assim, esta seção tem por objetivo definir, de forma detalhada, o que foi pesquisado, em quais localidades, como foi pesquisado e quais os instrumentos e as técnicas usados para a consecução da pesquisa. Apresentamos o *corpus* da pesquisa, dando informações sobre a rede de pontos, a constituição da amostra, a caracterização dos informantes, o questionário, a coleta de dados e, por fim, os critérios adotados para a elaboração das cartas fonéticas.

Para o AFA, adotamos uma abordagem organizada, mista e aplicada, de modo a atender os objetivos propostos.

Durante a pesquisa, seguimos algumas instruções da metodologia proposta pelos projetos Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), com o objetivo de contribuir com dados que nos deem uma noção cada vez mais completa do português falado no Maranhão.

Considerando que o nosso estudo se centra no âmbito fonético, adotamos o QFF do ALiB (cf. Anexo D) para atender aos objetivos da pesquisa. As 159 questões contidas nesse questionário linguístico, desenvolvido pelo Comitê Nacional do ALiB, foram aplicadas sem alterações. Utilizamos as sugestões propostas pelo ALiB para fazer as perguntas, seguimos as recomendações de uso de réalias, mímicas e objetos como formas complementares para obtenção de respostas, além da reformulação de perguntas.

Conforme estabelecido pelos projetos ALiB/ALiMA, também usamos a ficha da localidade e a ficha do informante (cf. Anexos B e C, respectivamente).

Contemplamos o estudo das variáveis diageracional e diagenérica para os municípios selecionados na amostra para compor o AFA.

Nos Projetos do ALiB/ALiMA, os informantes são distribuídos por duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos –, contemplando os dois sexos. Como optamos por seguir a metodologia destes projetos, mantivemos, para o AFA, as mesmas faixas etárias utilizadas pelo ALiB/ALiMA e decidimos ampliar, incluindo mais uma – idosos acima de 70 anos. Com isso, diferente do ALiB/ALiMA que possui 4

informantes em cada localidade, com exceção das capitais onde este número sobe para 8, no AFA, fizemos uma previsão de entrevistar 6 informantes em cada localidade, contemplando os dois sexos. Sendo assim, esperávamos ter 2 informantes de ambos os sexos em cada uma das três faixas etárias selecionadas para o nosso atlas de pequeno domínio.

O volume 2 do ALiB traz cartas fonéticas com dados relativos a vogais médias em posição pretônica e em posição postônica não final; consoantes em coda silábica /R/ e /s/; e palatalização das consoantes lateral /l/ e oclusivas /t,d/ diante de vogal alta /i/. Nossas cartas fonéticas apresentam os mesmos fenômenos, porém abordados do ponto de vista puramente fonético. Por conseguinte, posteriormente, os dados do AFA poderão ser utilizados tanto para uma análise comparativa com as cartas elaboradas pelo ALiB, referentes a São Luís, por exemplo, como também a outras localidades, de acordo com a necessidades.

Com base no minucioso estudo da metodologia empregada pelo ALiB/ALiMA e seguindo as etapas propostas por Sílvia Figueiredo Brandão para a elaboração de um atlas linguístico, a saber: 1) levantamento preliminar de dados; 2) fixação dos pontos de inquérito; 3) seleção dos informantes; 4) técnica de escolha de dados (elaboração de um questionário); 5) aplicação dos inquéritos; 6) arquivamento eletrônico e transcrições de dados; 7) preparo das cartas (BRANDÃO, 1991), apresentamos a seguir o detalhamento da metodologia empregada na nossa pesquisa.

Realizamos, em um primeiro momento, um estudo bibliográfico devido à necessidade de fundamentação teórica sobre os estudos dialetológicos e geolinguísticos já realizados no Brasil. Além disso, desenvolvemos uma pesquisa sobre a história do município de Alcântara. É fundamental, conforme afirma Sílvia Figueiredo Brandão (1991, p. 25), “que se proceda a um estudo preliminar que possibilite conhecer as especificidades da região em que se desenvolverá a pesquisa e os segmentos sociais que a constituem”.

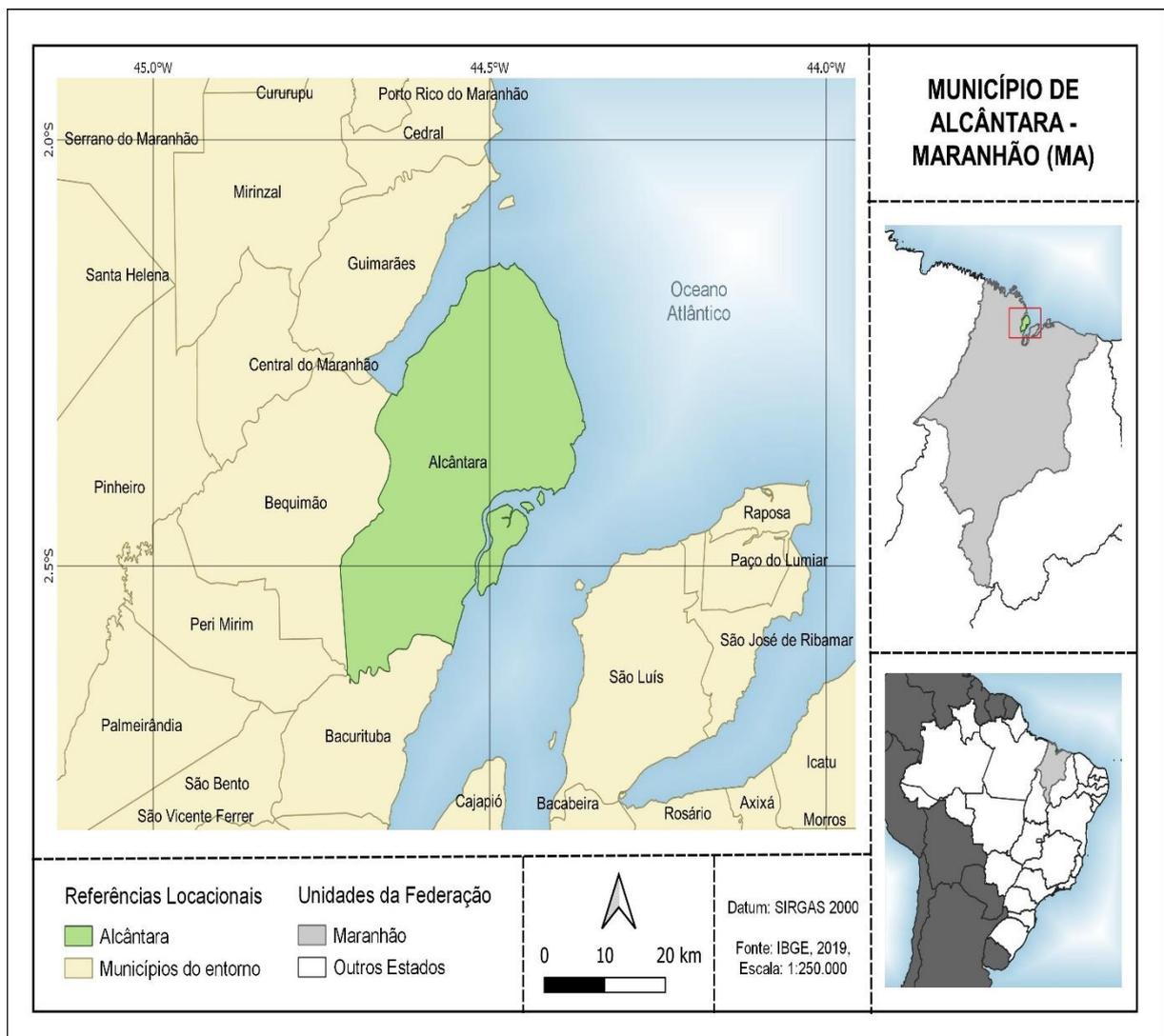
2.1 Alcântara: *locus* da pesquisa

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2017), Alcântara está situada na Região Geográfica Intermediária São Luís (2101) e

na Região Geográfica Imediata São Luís (210001). A área total do município é de 1.167,964 km² e conta com uma população estimada em 2022 de 18.467 habitantes. A densidade demográfica é de 15,81 habitantes por km² no território alcantarenses (IBGE, 2022).

As Ilhas do Livramento, do Cajual e das Pacas pertencem ao município. Alcântara faz fronteira com os municípios de Bequimão, de Peri Mirim e de Bacurituba, é vizinho dos municípios de São Luís e Guimarães e situa-se a 22 km ao Norte-Oeste de São Luís, sendo a maior cidade nos arredores (Mapa 1).

Mapa 1 - Localização do município de Alcântara, Maranhão – Brasil



Elaboração: Juliana Pedroso.

Segundo o professor e historiador Jerônimo de Viveiros (VIVEIROS, 1977, p. 15), Alcântara é um dos municípios mais antigos do Maranhão, visto que a

localidade – ocupada por indígenas – já existia antes mesmo da fundação de São Luís em 1612 pelos franceses. O IBGE (2022) também corrobora esta informação quando afirma que “não se pode precisar a fundação de Alcântara, mas o certo é que em 1612 já havia um aglomerado de aldeias das quais ela fazia parte com o nome significativo de Tapuitapera (terra dos índios)”.

Entre os anos de 1616 e 1618, teve início a colonização portuguesa em Tapuitapera. Passou à condição de cabeça da capitania de Cumã em 1624 e apenas em 1648 foi reconhecida oficialmente como vila, passando a chamar-se Alcântara. Nesse período, já estavam erguidos os primeiros engenhos de açúcar (VIVEIROS, 1977).

Em 1756, com a criação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, pelo Marquês de Pombal, houve um potente processo de desenvolvimento econômico, com o uso da mão-de-obra do negro africano escravizado, uso de ferramentas e novas sementes. Entre a segunda metade do século XVIII e início do século XIX, Alcântara se configura como importante ponto de produção agrícola, principalmente com o plantio de arroz, algodão, açúcar e produção de sal. De acordo com Viveiros (1977, p. 60), “no decênio de 1850 a 1860, o velho município possuía 81 fazendas de cereais, 22 engenhos de açúcar, 24 fazendas de gado e para mais de 100 salinas”.

No período de 1865 a 1870, começou em Alcântara a decadência econômica, devido a vários fatores. Segundo Viveiros (1977, p. 89), “O maior, sem dúvida, foi o incremento da indústria açucareira da Província. As terras de Alcântara, por serem areentas, são impróprias à lavoura canavieira...”. O habitat das lavouras estava no Pindaré, Mearim e Baixo Itapecuru, porém os alcantarenses enfrentavam dificuldades no transporte. A produção maranhense se deslocou do litoral para os vales dos rios e Alcântara começou a ser abandonada. A Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, apressou a decadência econômica e o urbanismo de São Luís a completou (VIVEIROS, 1977). Assim sendo, Alcântara foi deixada às pressas pela maioria da sociedade aristocrática da época. Neste período, observou-se um aumento na população na cidade de São Luís.

De acordo com o Decreto-lei nº 26.077 – “A”, de 22 de novembro de 1948 (BRASIL, 1948), Alcântara é elevada à “Cidade Monumento Nacional”, em

reconhecimento ao valor cultural do conjunto arquitetônico e paisagístico local, atribuindo à cidade status de obra de arte.

Em 1980, teve início a instalação do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) no município, a partir do Decreto nº 7.822, assinado pelo então governador do Estado do Maranhão, João Castelo Ribeiro Gonçalves, autorizando a desapropriação de 52 mil hectares. Em 1991, a área foi retificada para 62 mil hectares. Foram 312 famílias, um total de 1.508 pessoas, remanejadas para sete agrovilas construídas pelo CLA: Espera, Cajueiro, Ponta Seca, Pepital, Só Assim, Marudá e Peru. Atualmente, a Aeronáutica pretende expandir sua área em mais 12.000 hectares, o que deve impactar no deslocamento de aproximadamente 2.000 quilombolas distribuídos em 27 povoados.

Em novembro de 2008, foi publicado o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) de Alcântara, fundamentado pelo Laudo Antropológico elaborado por Alfredo Wagner Berno de Almeida (2006). Da área total de 114.000 hectares, 78.105 hectares das terras são considerados como Território Único de Alcântara. Sendo assim, do seu território, 68% é quilombola; 24% é não quilombola e 8% pertencem ao CLA. De acordo com a Fundação Cultural Palmares (FCP, 2019), Alcântara possui 155 comunidades quilombolas certificadas.

2.2 Pontos de Inquérito

A escolha da rede de pontos de inquéritos foi baseada nos principais aspectos geográficos, linguísticos, históricos e administrativos de modo a mapear todo o município. A maior parte da população de Alcântara encontra-se na zona rural, sendo composta por mais de duzentos povoados. Desta forma, por tratar-se de uma área muito extensa, optamos por aplicar o questionário em quatro pontos: a sede do município e os povoados Oitíua, São João de Côrtes e Mamuna.

É importante acrescentar que, inicialmente, havíamos planejado incluir mais dois povoados: Bom Jardim e Raimundo Sú, totalizando, assim, seis pontos de investigação. Contudo, tivemos que excluí-los durante o período em que os inquéritos foram realizados, devido à longa distância destes povoados em relação à sede e à dificuldade de locomoção durante a pandemia de COVID-19. No entanto, esperamos futuramente realizar a pesquisa nestas localidades para complementar o AFA.

A justificativa pela escolha das quatro localidades – Sede, Oitiua, São João de Côrtes e Mamuna – está descrita a seguir.

A Sede, centro administrativo do município de Alcântara, é separada da capital do Maranhão pela Baía de São Marcos. A travessia pode ser realizada por embarcações (barco e catamarã) que partem do Cais da Praia Grande ou da Praia da Ponta D'areia, dependendo do horário da Tábua das Marés. Também é possível atravessar a Baía de São Marcos de *ferry boat*, com horários de viagens já definidos, até o Cujupe e de lá seguir para Alcântara de carro ou de van. Por via terrestre, situa-se a 425 km da ilha de São Luís pela estrada estadual MA-106.

É o segundo município mais antigo do litoral ocidental do Estado do Maranhão. “Em sua trajetória histórica, registra-se sua evolução urbana, partindo de aldeia, capitania, freguesia, vila, cidade Termo e Comarca” (DLIS, 2003, p. 27). Por todos esses aspectos, faz-se necessário pesquisar a forma de falar dessa localidade e, em estudos posteriores a este, comparar com dados já registrados da capital pelo ALIMA.

Oitiua é um dos maiores povoados de Alcântara, com uma extensão territorial de 746.006 hectares. Sua população descende da miscigenação do homem branco com o índio. Os moradores contam que por volta de 1860 vários homens vindos em uma embarcação de Portugal eliminaram a tribo de índios que ali vivia, restando apenas um habitante que escapou do ataque. Mais tarde, este casou-se com uma mulher branca e tiveram três filhos. Algumas famílias de origem branca do povoado Jacioca de Bequimão estabeleceram-se em Oitiua. Em 1954, viviam apenas dezesseis famílias; em 1983 este número subiu para cento e trinta e, atualmente o povoado conta com quatrocentas e quatro famílias, com uma população de 1434 habitantes aproximadamente. Apesar de não haver, até o momento, trabalhos científicos sobre as particularidades fonéticas de seus moradores, é possível identificar empiricamente alguns fenômenos presentes na fala, como a despalatalização do /t, d/ diante de /i/. Esperamos comprovar esta hipótese a partir da elaboração do AFA.

São João de Côrtes, historicamente, era uma vila onde viviam índios e jesuítas. Seus habitantes contam que é um dos povoados mais antigos do município, com aproximadamente 300 anos, comemorando-se sua fundação todo dia 04 de outubro. Segundo Alfredo Wagner Berno de Almeida (2006, p. 158), “é um dos mais populosos e possuía um pequeno estaleiro de construção de barcos”. Desde 1911,

São João Côrtes é um dos distritos de Alcântara, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005 (IBGE, 2022).

A escolha da localidade Mamuna deu-se, além da sua localização em relação à Sede, pelo fato de que este povoado faz parte de uma área maior, ainda em negociação com o governo federal, para expandir o CLA, apesar de os moradores não concordarem. Sendo assim, consideramos extremamente necessário registrar sua forma de falar, ainda que não seja possível afirmar se, ou quando, ocorrerá o remanejamento das famílias que ali residem. Os moradores não sabem precisar exatamente sua data de fundação, mas acreditam que Mamuna tem entre 200 e 300 anos de existência.

Um dos desafios da nossa pesquisa foi encontrar fonte bibliográfica referente à data de fundação dos povoados, pois são localidades muito antigas onde não eram comuns registros escritos, mas sim a tradição oral. Por este motivo, utilizamos dados aproximados baseados nos relatos dos moradores.

Sobre a identificação das localidades no AFA, os pontos foram denominados alfanumericamente com quatro caracteres, sendo três alfabéticos (letras ALC) e um numérico (números de 1 a 4), como exemplo temos ALC 1 – Sede (do município de Alcântara).

A numeração dos quatro pontos foi atribuída, no mapa do município de Alcântara (Mapa 2), partindo da Sede e seguindo um sentido horário, resultando em:

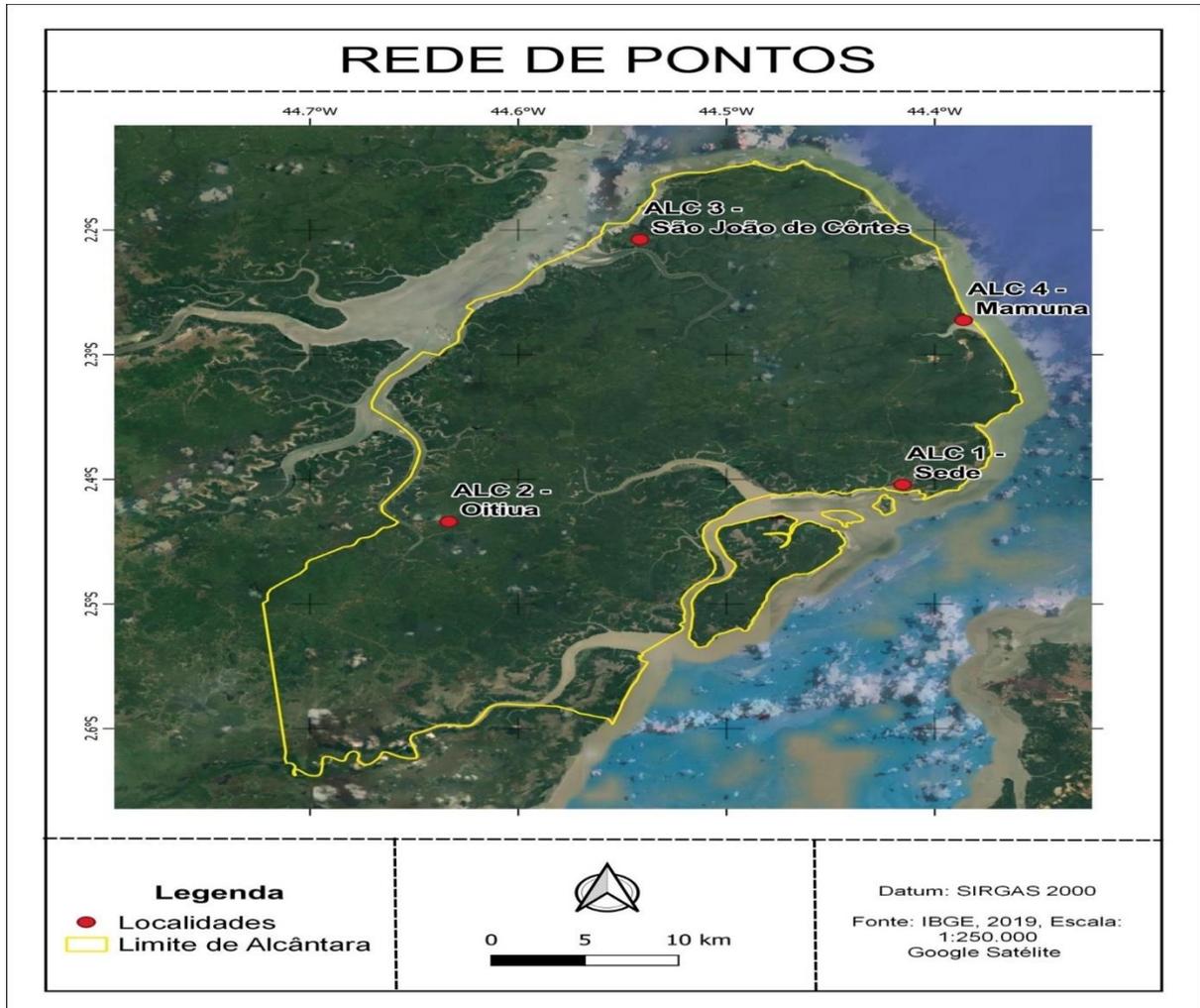
ALC 1 – Sede;

ALC 2 – Oitiua;

ALC 3 – São João de Côrtes;

ALC 4 – Mamuna.

Mapa 2 – Rede de Pontos de Inquérito



Elaboração: Juliana Pedroso

2.3 Informantes

O AFA se insere na dimensão topoestática dos informantes, ou seja, estes devem ser naturais da região linguística pesquisada, da qual não se tenham afastado do local de residência por mais de 1/3 de suas vidas e se recomenda que seus pais sejam nascidos na mesma região linguística em estudo. Sobre a atuação na sociedade, sugere-se que se escolham informantes com endereço fixo, histórico de moradia e trabalho na localidade. Devem ser evitados profissionais com trabalho itinerante, como motorista (interestadual) ou caminhoneiro, por exemplo.

Em cada localidade, buscamos seis informantes, três do sexo masculino e três do sexo feminino, nascidos no lugar de investigação, com residência e trabalho fixos. Além das duas faixas etárias propostas pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e utilizadas também pelo projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), adotamos uma terceira faixa etária, pelo fato de Alcântara conter um expressivo número de idosos, segundo dados do IBGE (2022).

Para o AFA, quanto à escolaridade, os informantes podem ser escolarizados ou não escolarizados, visto que a oferta de educação é precária. Dados do Diagnóstico Participativo do Município de Alcântara (2003) apontam que o número de salas de aula não é suficiente para atender à população. De acordo com o IBGE (2022), o município possui apenas 41 escolas de ensino fundamental e quatro escolas de ensino médio. Dessa forma, optamos por incluir os não alfabetizados na nossa pesquisa.

Assim, os sujeitos da pesquisa foram selecionados de acordo com os seguintes critérios:

- Sexo
 - Masculino;
 - Feminino;
- Faixa Etária
 - I – 18 a 30 anos;
 - II – 50 a 65 anos;
 - III – acima de 70 anos;
- Escolaridade
 - Escolarizados;
 - Não escolarizados.

Antes da aplicação do questionário, preenchemos a Ficha do Informante (cf. Anexo C), proposta pelo ALiB/ALiMA, que contém, além dos dados pessoais, as características socioculturais de cada um dos vinte e três participantes da pesquisa, que incluem informações sobre acesso aos meios de comunicação, hábitos de leitura, participação em diversões, bem como observação das características psicológicas (tímido, vivo, perspicaz, sarcástico) e da espontaneidade da elocução (total, grande, média, fraca) (CARDOSO, 2010).

Outra questão essencial quando se trata da produção de um atlas linguístico, e em especial do fonético, é a necessidade de observar,

no momento da seleção dos informantes, as características de fonação, atentando-se para problemas fono-articulatórios (por exemplo, gagueira), não integridade do aparelho fonador (ausência de dentes) e o tipo de reflexo que acarreta na sua elocução para, em caso de interferência, não serem tomados para a investigação linguística (CARDOSO, 2010, p. 95).

Tivemos dificuldade em encontrar informantes acima de 70 anos que não tivessem problemas de dentição, pois a população alcantareense é muito carente de serviços básicos de higiene bucal, saneamento básico e assistência à saúde em geral.

A denominação dos informantes selecionados para a pesquisa está identificada no Quadro 1 a seguir. Antes da barra (/), temos a designação do ponto de inquérito (já explicado no item anterior); após a barra, a caracterização dos informantes, identificados com algarismos ímpares para o sexo masculino e pares para o sexo feminino. As faixas etárias acompanham a ordem atribuída ao sexo dos informantes. Sendo assim, os indivíduos da faixa etária I se referem aos informantes 1 e 2 de cada localidade, os da faixa etária II se referem aos informantes 3 e 4 de cada localidade e os da faixa etária III se referem aos informantes 5 e 6 de cada localidade. Os informantes ímpares são do sexo masculino e os pares, do feminino.

Quadro 1: Codificação dos informantes de acordo com os fatores sociais

	Sede	Oitua	São João de Côrtes	Mamuna
Masculino, Faixa Etária I	ALC 1/1	ALC 2/1	ALC 3/1	ALC 4/1
Feminino, Faixa Etária I	ALC 1/2	ALC 2/2	ALC 3/2	ALC 4/2
Masculino, Faixa Etária II	ALC 1/3	ALC 2/3	ALC 3/3	ALC 4/3
Feminino, Faixa Etária II	ALC 1/4	ALC 2/4	ALC 3/4	ALC 4/4
Masculino, Faixa Etária III	ALC 1/5	ALC 2/5	ALC 3/5	ALC 4/5

Feminino, Faixa Etária III	ALC 1/6	ALC 2/6	ALC 3/6	–
-------------------------------	---------	---------	---------	---

Fonte: Elaborado pela autora.

O perfil dos informantes participantes do AFA se encontra descrito no Apêndice A. É importante destacar que não foi possível encontrar um informante em Mamuna, o do sexo feminino e pertencente à faixa etária III, que estivesse apto a participar da pesquisa. Dessa forma, o AFA foi realizado com um total de 23 informantes e não 24, como havia sido previsto no início.

2.4 Questionário

Aplicamos o questionário Fonético-fonológico (QFF) – proposto pelo Projeto ALiB e mantido pelo Projeto ALiMA sem alterações para a realidade maranhense – com 159 questões elaboradas para apurar a realização de determinados fonemas em determinados contextos. Conforme afirma Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (2010, p. 96),

O questionário fonético-fonológico tem um objetivo muito específico: apurar determinado(s) tipo(s) de realização que se documenta(m) numa área ou em diferentes áreas, razão pela qual deve obter, nos vários sítios pesquisados, dados produzidos nas mesmas circunstâncias e nos mesmos contextos fônicos. Persegue o registro da mesma forma como resposta, como se ilustra com as perguntas seguintes:

31. **CASCA**

Para comer uma banana, o que é que se tira?

139. **VELHO**

Um sapato que não é novo é _____?

Seguimos várias recomendações propostas pelo ALiB/ALiMA para aplicação dos questionários, conforme descrito a seguir:

a) Convenções para fazer as perguntas. Podemos observar a partir dos exemplos a seguir que no questionário há uma formulação prévia da pergunta, com o objetivo de garantir uniformidade na aplicação dos inquéritos. Além disso, são usados recursos auxiliares, como gestos, mímicas, apresentação de figuras, *realias*, que ajudem ou complementem a formulação da pergunta e, conseqüentemente, a obtenção da resposta.

Quadro 2: Convenções para fazer as perguntas**CONVENÇÕES**

1) Reticências (...) no início da pergunta, significam: “Como se chama?”

2) Em itálico, figuram:

a) remissões a itens anteriores

e.g.: PINGUELA (perg. 2, QSL)

Como se chama um tronco, pedaço de pau ou uma tábua que serve para passar por cima de um _____ (cf. *item 1*)?

b) sugestões de gestos / atitudes que possam facilitar o entendimento da pergunta pelo informante.

e.g.: ONDA DE MAR (perg. 5, QSL)

Como se chama o movimento da água do mar? *Imitar o balanço das águas.*

REAL / REAIS (perg. 76, QFF)

E quanto é que se paga para viajar daqui a _____? *Dizer o nome de uma cidade próxima.*

LANTERNA (perg.174, QSL)

Como se chama aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (*mímica*)?

3) Entre colchetes, figura(m) outra(s) possibilidade(s) de formulação da pergunta, caso o informante não tenha compreendido a formulação anterior.

e.g.: PEITO (perg. 117, QFF)

Onde a criança mama na mãe? [Onde o bezerro mama na mãe?] [A carne branca da galinha se chama carne do _____?]

4) Em caixa alta, em itálico, indica-se a ampliação da pergunta.

e.g.: MUDAR / CORRER UMA ESTRELA (perg 32, QSL)

E quando se vê uma _____ (cf. *item 31*), como é que se diz?

IDENTIFICAR OS VERBOS USADOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE.

5) Sublinhada e em negrito, no QFF, encontra-se a transcrição grafemática do(s) segmento(s) fônico(s) que se quer, prioritariamente apurar.

e.g.: **AMANHÃ** (perg. 59, QFF)

Como se chama o dia que vem depois de hoje? [O que não deu para acabar hoje eu deixo para acabar _____].

PASSAGEM (perg. 75, QFF)

Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?

CINEMA (perg. 96, QFF)

Aonde se vai para ver um filme?

Fonte: Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001

b) Uso tanto da Ficha do Informante, com informações pessoais como nome completo, apelido, renda, contato com os meios de comunicação, além de participação em diversões e religião, quanto da Ficha da Localidade, que possui dados como o nome oficial, nome regional, número de habitantes, atividades econômicas predominantes, entre outras informações relevantes para conhecimento da realidade local;

c) Utilizamos figuras impressas e *realias*, pois, conforme recomenda Jacyra Andrade Mota (2006, p. 250), “em alguns casos, a utilização de gravuras e a apresentação do próprio objeto (*realia*) ajudam na compreensão das questões formuladas”.

Apesar das convenções para fazer as perguntas, observamos que em algumas questões os informantes do AFA tiveram dificuldades em dar a resposta esperada ou não conseguiram responder.

As dificuldades encontradas durante as aplicações dos inquéritos nos quatro pontos do AFA podem ser equiparadas às descritas a seguir por Vanderci de Andrade Aguilera (2014, p. 95-96), quando esta referiu-se ao ALiB:

(i) o referente (objeto, utensílio, animal, ação) faz parte do conhecimento de mundo do informante, mas este só conhece a forma dialetal. Como exemplos, registram-se: *azougue* para Ímã (13) e *crivo* para Peneira (24), obtidas em Macapá-AP; *zoada* para Barulho (154), em São Luís-MA; e *foco* para Lâmpada (10), em Curitiba-PR. Nesse caso, a pesquisa ganha na

documentação de variantes lexicais regionais, mas perde na obtenção do registro do fonema fônico previsto;

(ii) o informante desconhece o referente pela descrição feita na pergunta, isto é, pelos semas que compõem a formulação, como a abóbora “ser consumida em doces” (32) (Belém-PA);

(iii) o informante desconhece o referente pela descrição feita na pergunta, como na questão 100 para Companheiro, que pode levar a *amigo, colega, parceiro*; ou na questão 138 para Doido, resposta que pode ser preenchida por inúmeras variantes: *louco, maluco, biruta, pinel, ruim de cabeça, estressado nervoso, totoca*;

(iv) o referente não faz parte do mundo vivenciado pelo informante como Ovelha (41), em regiões em que a criação de ovinos não tem representatividade econômica, e Procissão (107), para os evangélicos e não católicos;

(v) a forma é mais produtiva em algumas regiões, ou mesmo na fala de gerações mais idosas, como Braguilha (142);

(vi) o entrevistador se equivoca na formulação, como na questão 132 para Genro, arguindo pelo “pai do marido”.

Ainda que houvesse a reformulação das perguntas e o uso de *realias*, algumas questões não foram respondidas, porém as entrevistas foram validadas, já que o percentual de não-resposta foi inferior a 10% em cada inquérito realizado.

As questões consideradas do QFF para apurar a ocorrência dos aspectos fonéticos selecionados para a elaboração do AFA estão descritas em seguir:

– Realização aberta ou fechada das vogais médias [e] [ɛ] [o] [ɔ] e das vogais altas [i] [u];

No QFF, foram consideradas as respostas a trinta questões para apurar a realização das vogais médias anteriores [e] [ɛ] [i]. São os vocábulos: (2) terreno, (3) prateleira, (4) televisão, (6) tesoura, (8) travesseiro, (11) elétrico, (24) peneira, (27) fervendo, (29) cebola, (49) elefante, (52) remando, (67) estrada, (69) desvio, (74) seguro, (76) real, (83) prefeito, (84) escola, (92) pernambucano, (97) defesa, (102) questão, (109) pecado, (110) perdão, (113) pescoço, (123) ferida, (126) desmaio, (144) perfume, (145) presente, (150) perda, (152) perguntar, (158) esquerdo.

A variação das vogais médias posteriores [o] [ɔ] [u] também foi pesquisada nos seguintes vocábulos do QFF, totalizando vinte e três questões: (12) torneira, (22) gordura, (25) colher, (30) tomate, (36) botar, (37) bonito, (41) ovelha, (46) borboleta, (79) obrigado, (85) colegas, (87) borracha, (94) correio, (101) advogado, (104) inocente, (107) procissão, (111) coroa, (114) orelha, (119) coração, (122) joelho, (147) sorriso, (148) dormindo, (149) assobio, (159) morreu.

As realizações [e] [ɛ] [i] também foram apuradas nos vocábulos: (66) número, (157) hóspede; e para as realizações [o] [ɔ] [u] foram consideradas as questões: (15) fósforo, (17) pólvora, (32) abóbora, (39) árvore.

– Palatalização da consoante lateral [l] e das oclusivas [t] [d]

O QFF tem dezessete questões para analisar este fato: (3) prateleira, (6) tesoura, (26) liquidificador, (30) tomate, (49) elefante, (55) noite, (56) dia, (62) tarde, (69) desvio, (104) inocente, (106) mentira, (116) dente, (126) desmaio, (131) tio, (145) presente, (150) perda, (157) hóspede.

– Som consoante dos róticos e das sibilantes em coda silábica

As perguntas do QFF utilizadas para abordar tais aspectos foram:

1. Presença *versus* ausência do som consoante dos róticos em coda silábica externa em nomes: (25) colher, (26) liquidificador, (61) calor, (129) mulher;
2. Presença *versus* ausência do som consoante dos róticos em coda silábica externa em verbos: (18) varrer, (36) botar, (43) montar, (80) trabalhar, (88) rasgar, (146) beijar, (151) encontrar, (152) perguntar, (153) sair;
3. Presença *versus* ausência em nomes e verbos do som consoante dos róticos em coda silábica interna: (12) torneira, (22) gordura, (27) fervendo, (39) árvore, (46) borboleta, (62) tarde, (65) catorze, (92) pernambucano, (105) certo, (110) perdão, (144) perfume, (148) dormindo, (150) perda, (152) perguntar, (158) esquerdo;
4. Realizações palatais das sibilantes em coda silábica interna e externa: (9) luz, (15) fósforo, (21) arroz, (31) casca, (63) três, (64) dez, (67) estrada, (69) desvio, (76) reais, (84) escola, (85) colegas, (86) giz, (88) rasgar, (102) questão, (113) pescoço, (120) costas, (124) caspa, (126) desmaio, (137) voz, (155) paz, (156) mesma, (157) hóspede, (158) esquerdo.

2.5 Pesquisa de campo

A coleta dos dados foi realizada *in loco*, entre os meses de março e novembro de 2021, período em que vivenciamos a pandemia por Covid-19 em todo o mundo. Nesse contexto, tivemos que tomar alguns cuidados adicionais para evitar

contaminação: a aplicação do questionário foi realizada em local tranquilo e arejado; mantivemos o distanciamento de um metro e meio entre o inquiridor e o entrevistado e usamos álcool em gel para assepsia das mãos sempre que necessário. Não foram utilizadas máscaras de proteção para evitar comprometimento da gravação durante a captação do áudio.

Foram realizadas três entrevistas experimentais com informantes da sede do município. Posteriormente, estas foram transcritas e analisadas com o objetivo de identificar os erros e fazer os ajustes necessários. Concluída esta etapa, iniciamos os inquéritos que compõem o *corpus* da pesquisa.

Um dos desafios da pesquisa foi o caminho percorrido até as localidades selecionadas. Estas estão distantes da Sede do município de Alcântara, possuem acesso difícil, por estradas de chão com muitos buracos, inclinações, sem iluminação adequada e muitas vezes desertas. Como não possuem pousadas, tínhamos que ir cedo e retornar para a Sede antes de escurecer.

Em duas localidades – Sede e São João de Côrtes –, não foi difícil selecionar os informantes que se enquadrassem no perfil delimitado para a pesquisa, pois tivemos o auxílio de mediadores que residem na localidade investigada. As entrevistas foram agendadas com antecedência e os informantes se mostraram receptivos e dispostos a participar.

No entanto, em Oitiua, apesar da presença do mediador, muitas pessoas se negaram a participar, ou não estavam em casa no horário marcado, levando-nos a voltar à localidade algumas vezes além do esperado para concluir os inquéritos. Em Mamuna, também passamos pela mesma situação, porém com o agravante de não ter sido possível encontrar um informante idoso, do sexo feminino, da faixa etária acima de 70 anos, que estivesse apto para responder às perguntas. Havia duas idosas que se encaixavam no perfil, entretanto, devido à idade avançada, não tinham condições de responder às questões. Por este motivo, nesta localidade, encerramos os inquéritos apenas com 5 informantes.

Em todas as localidades, apesar de solicitarmos que parentes não estivessem presentes durante a realização dos inquéritos e não interferissem nas respostas dos inquiridos, passamos por várias situações em que isso aconteceu e dificultou o andamento das entrevistas. Houve ainda casos em que a pergunta teve sua resposta invalidada, porque o parente respondeu no lugar do entrevistado. Em

Mamuna, tivemos que desconsiderar um inquérito, visto que uma moça presente na sala respondeu a mais questões que a própria informante.

Apesar de todo o cuidado com a escolha do local para realização da entrevista, tivemos algumas interferências de cachorros latindo, carros de som passando na rua e pessoas chegando que interrompiam a gravação.

2.6 Coleta e Tratamento dos dados

Durante os inquéritos definitivos, utilizamos três equipamentos de gravação: (i) um gravador da marca *Sony*, modelo ICD-PX240, (ii) um da marca *Polaroid*, modelo PDR 302); (iii) um celular da marca *Apple* (modelo Iphone 6, com 64GB de memória).

Após a coleta, os dados foram arquivados em um banco de dados eletrônico. Realizamos a transcrição fonética utilizando a fonte SILDoulosIPA recomendada pelo ALiB/ALiMA. Utilizamos o programa *Microsoft Excel* para organização e melhor visualização das ocorrências.

As planilhas foram elaboradas levando-se em consideração as quatro localidades, cada uma com uma pasta específica, na qual é possível localizar a transcrição fonética de todas as respostas dos inquiridos em cada localidade. Também há uma planilha para cada fenômeno fonético abordado no AFA, contendo as ocorrências selecionadas para apuração do segmento fônico investigado. Esta organização facilitou a elaboração das cartas fonéticas.

2.7 Elaboração das Cartas Fonéticas

Nas cartas fonéticas, consideramos as respostas que contemplam a unidade fônica graficamente assinalada no QFF, conforme o ALiB orienta nas convenções para a aplicação do questionário:

Sublinhada e em negrito, no QFF, encontra-se a transcrição grafemática do(s) segmento(s) fônicos que se quer, prioritariamente, apurar.

e.g.: **AMANHÃ** (QFF perg. 59)

Como se chama o dia que vem depois de hoje? [O que não deu para acabar hoje se deixa para acabar _____].

PASSAGEM (QFF perg. 75)

Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?

CINEMA (QFF perg. (96)
Aonde se vai para ver um filme? (CARDOSO *et al*, 2014, p. 138).

Para a elaboração das cartas fonéticas, utilizamos a Base Cartográfica Integrada Digital do Brasil ao Milionésimo – bCIMd – v. 2.0 no formato compatível para utilização em softwares de Sistemas de Informações Geográficas (SIGs). O software utilizado para a elaboração das cartas foi o QGIS.

Seguimos as normas do ALiB, adaptando-as para a nossa necessidade. Assim, temos:

a) Primeiramente, as Cartas Introdutórias, contendo os limites geográficos do município de Alcântara, sua localização dentro do Estado do Maranhão e dentro do mapa do Brasil.

b) Em seguida, apresentamos as Cartas Fonéticas, tendo ao centro a figura do mapa de Alcântara, com a indicação dos quatro pontos linguísticos demarcados.

c) O título do Atlas encontra-se centralizado logo acima da área do mapa na parte superior e ao seu lado está localizado o número da carta. O título da carta e a legenda com os dados linguísticos objetos da cartografia constam no lado direito do mapa.

Quanto ao título, as cartas são numeradas sequencialmente, com a indicação alfabética F, seguida do número (de 1 a 6) referente ao tipo de carta fonética. Os fenômenos linguísticos estudados nas cartas fonéticas com sua denominação estão descritos a seguir (CARDOSO *et al*, 2014):

CARTA F 1: vogais médias em posição pretônica

CARTA F 2: vogais médias em posição postônica não final

CARTA F 3: palatalização da consoante lateral /l/ diante de vogal alta [i]

CARTA F 4: consoantes em coda silábica – /R/

CARTA F 5: consoantes em coda silábica – /s/

CARTA F 6: palatalização da consoante lateral /t, d/ diante de vogal alta [i]

É importante reforçar que a nomenclatura utilizada para o título das cartas fonéticas do AFA foi mantida conforme consta no volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al*, 2014), apesar de haver o uso de símbolos próprios da fonologia, como o emprego de fonemas entre barras. Ressaltamos que o AFA leva em consideração a realização fônica representada por símbolos fonéticos entre colchetes.

A cada uma das cartas acrescenta-se uma letra que indica as informações relativas ao caráter:

- Diatópico (D) nas quatro localidades escolhidas para compor a rede de pontos do AFA – Sede, Oitiua, São João de Côrtes e Mamuna;
- Diageracional (G) – faixas etárias I, II e III;
- Diassexual (S) – informantes dos sexos masculino e feminino.

Quanto à apresentação das cartas fonéticas, seguimos os seguintes critérios:

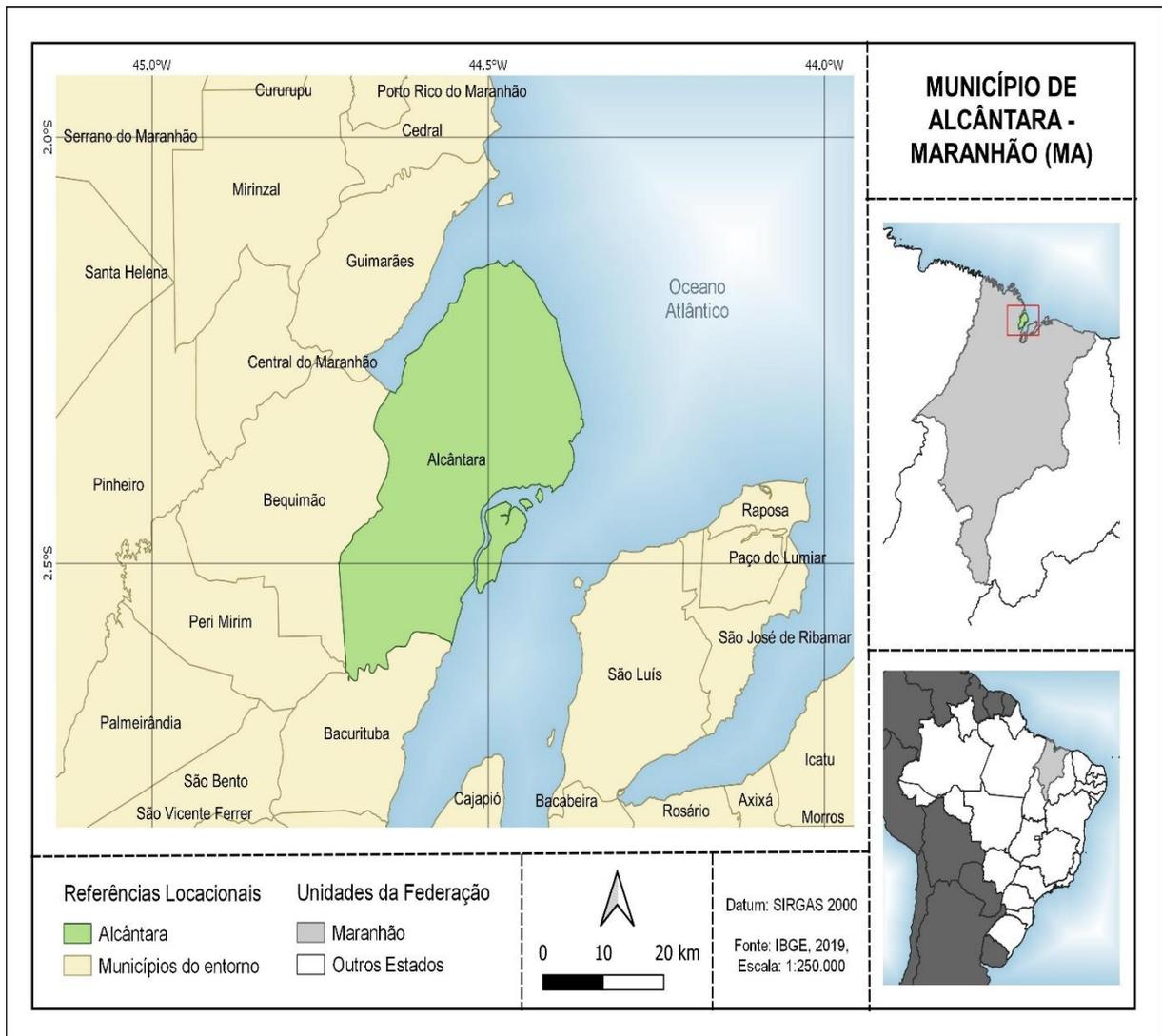
1. Indicação da variação sob a forma de barras verticais;
2. Utilização na carta diatópica de cores vinculadas à representação da variante em ordem decrescente, iniciando sempre pelo vermelho, seguido pelo amarelo, e o verde, quando necessário;
3. Indicação, mediante ausência do gráfico em determinada localidade, de que o fato linguístico em análise não foi documentado ou que não se consideraram válidas as ocorrências únicas registradas dentre as fornecidas pelos vinte e três informantes.
4. Apresentação, após a carta diatópica, de cartas com dados referentes à faixa etária e sexo dos informantes. Nessas cartas, utilizam-se, nos gráficos, as combinações de cores: azul, mostarda e roxo, para as diageracionais; e vermelho e azul, para as diassexuais.

SEÇÃO III

3. ATLAS FONÉTICO DE ALCÂNTARA – AFA

3.1 Carta Introdutória

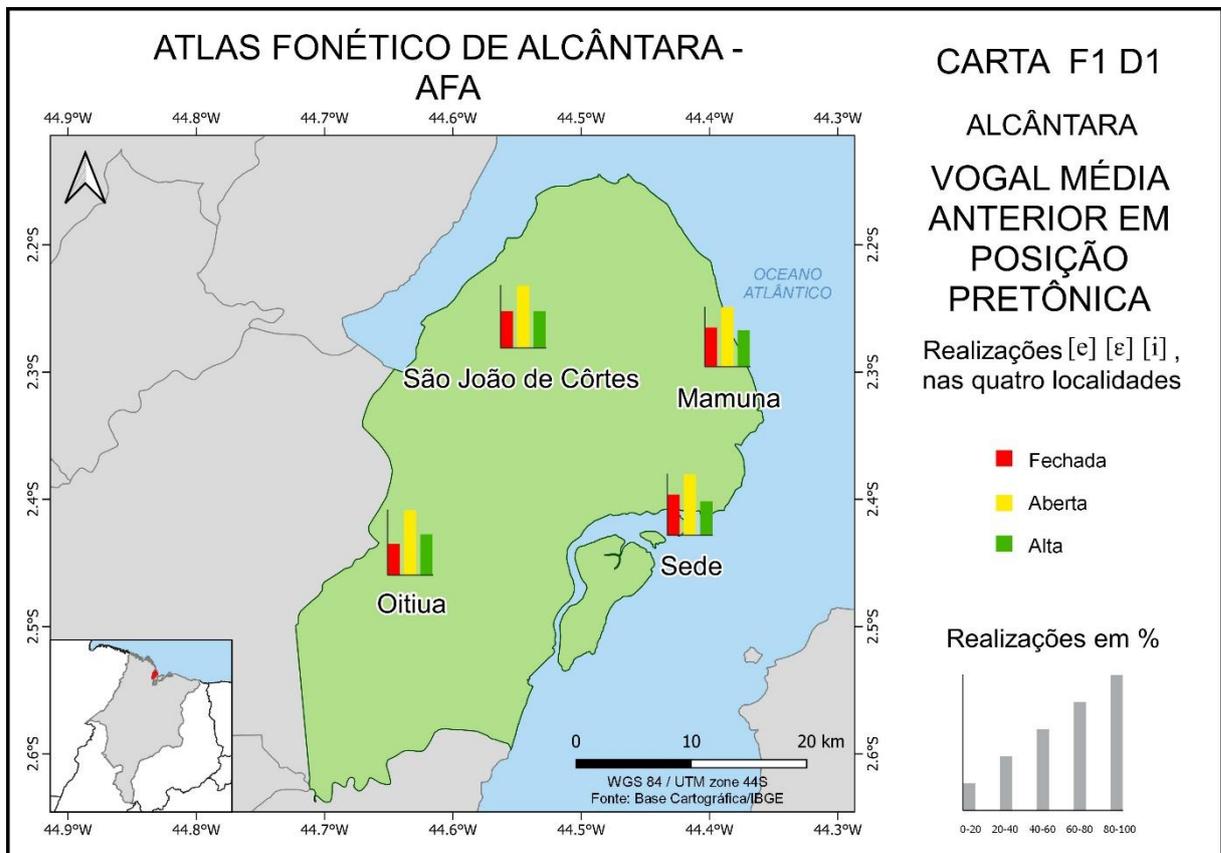
LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ALCÂNTARA MARANHÃO – BRASIL



Elaboração: Juliana Pedroso

3.2 Cartas Fonéticas

CARTA F1 D1



Elaboração: Juliana Pedroso

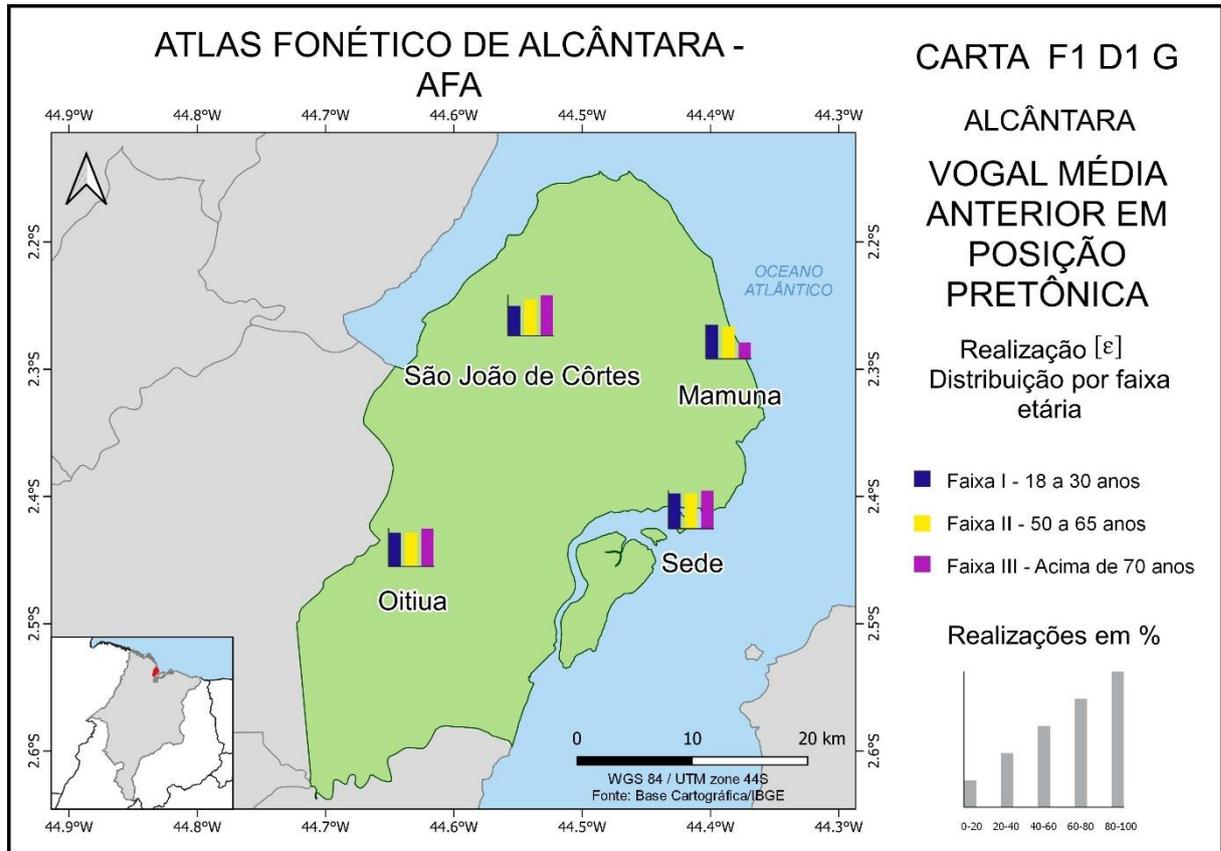
NOTAS

Os dados cartografados contemplam as realizações vocálicas médias anteriores registradas a partir de respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF).

No QFF, foram consideradas as respostas a trinta questões para apurar a realização das vogais médias anteriores em posição pretônica. São os vocábulos: (2) terreno, (3) prateleira, (4) televisão, (6) tesoura, (8) traveseiro, (11) elétrico, (24) peneira, (27) fervendo, (29) cebola, (49) elefante, (52) remando, (67) estrada, (69) desvio, (74) seguro, (76) real, (83) prefeito, (84) escola, (92) pernambucano, (97) defesa, (102) questão, (109) pecado, (110) perdão, (113) pescoço, (123) ferida, (126) desmaio, (144) perfume, (145) presente, (150) perda, (152) perguntar, (158) esquerdo.

No *corpus* analisado, registraram-se 652 ocorrências das vogais anteriores médias, 298 (46%) das quais se realizaram como médias abertas [ɛ], 176 (27%), como médias fechadas [e] e 178 (27%), como altas [i].

CARTA F1 D1 G

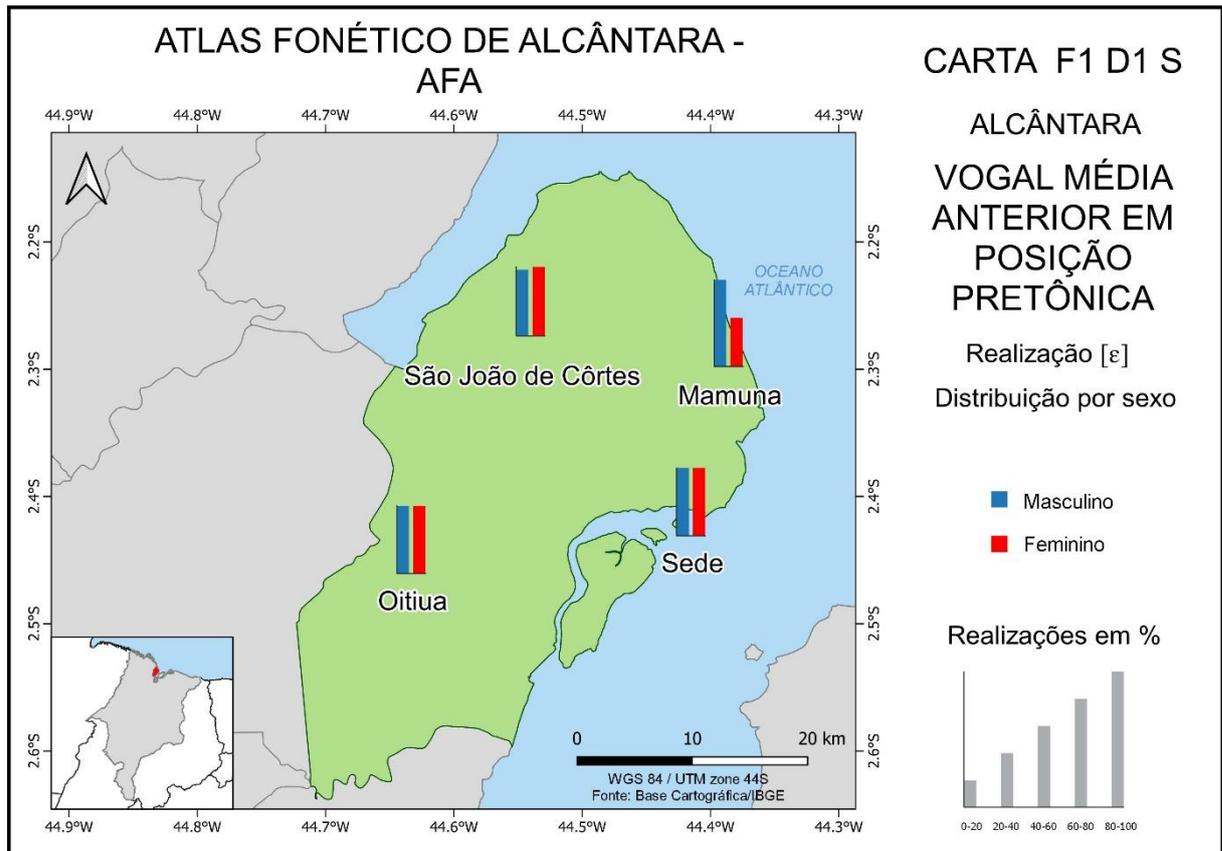


Elaboração: Juliana Pedroso

NOTAS

Com relação à distribuição por faixa etária da realização da vogal média anterior [ɛ], observou-se que houve um percentual maior de realização na faixa etária III tanto na Sede – do total de 80 realizações, registrou-se 26 (33%) na faixa I, 26 (33%) na faixa II e 28 (34%) na faixa III – como em Oitua – do total de 78 realizações, registrou-se 25 (32%) na faixa I, 25 (32%) na faixa II e 28 na faixa III (36%) – e em São João de Côrtes – do total de 79 realizações, registrou-se 22 (28%) na faixa I, 27 (34%) na faixa II e 30 na faixa III (38%). Em Mamuna, por outro lado, do total de 61 realizações, houve uma quantidade maior de ocorrências na faixa I, com 25 (41%), seguido de 24 (39%) na faixa II e 12 (20%) na faixa III.

CARTA F1 D1 S

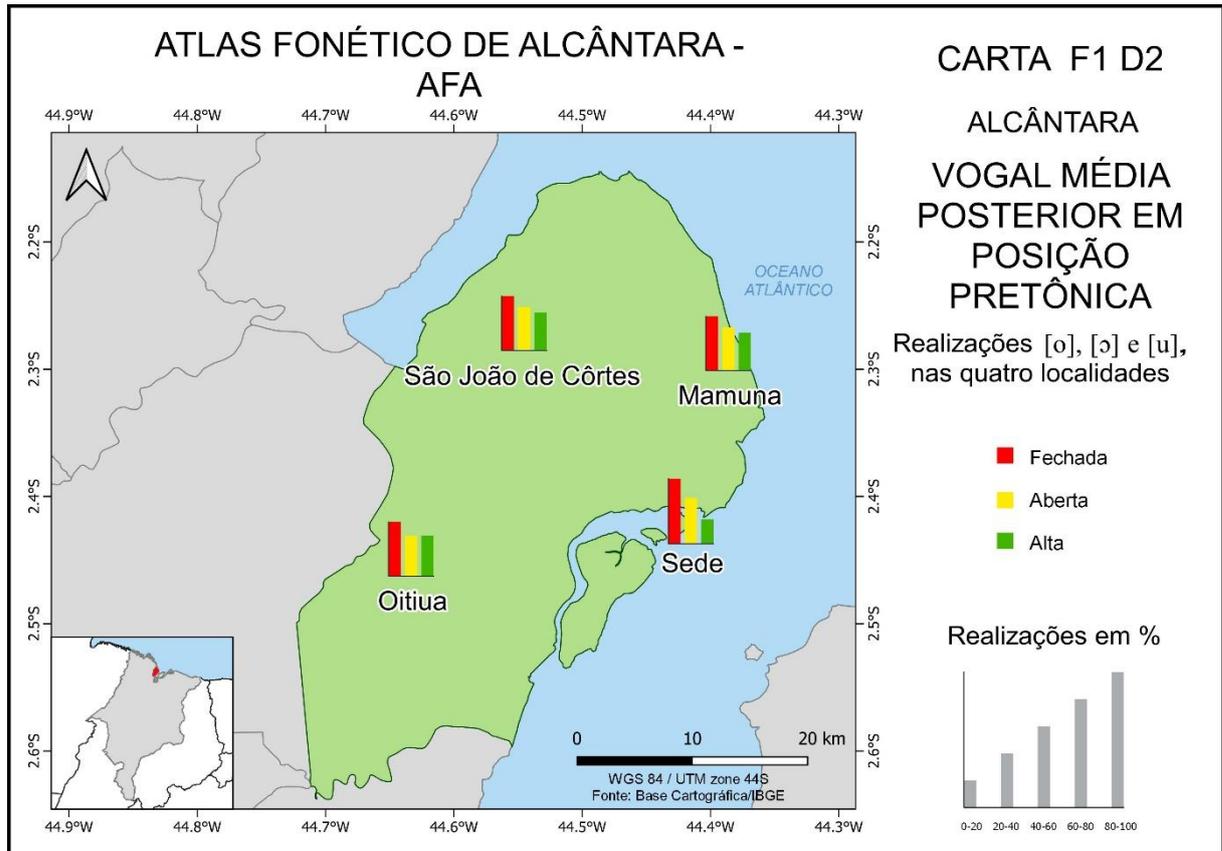


Elaboração: Juliana Pedrosa

NOTAS

Os dados cartografados demonstraram uma divisão equitativa, com 50% de realizações da vogal média anterior aberta [ɛ] tanto para o sexo masculino, como para o feminino, na Sede, com 80 ocorrências ao todo e em Oitiua, com 78 ocorrências no total. Em São João de Côrtes, das 79 ocorrências, 39 (49%) foram do sexo masculino e 40 (51%) do sexo feminino. Em Mamuna, do total de 61 ocorrências, o percentual de realizações foi maior entre os homens com 39 ocorrências (64%), em relação às mulheres, com 22 ocorrências (36%).

CARTA F1 D2



Elaboração: Juliana Pedroso.

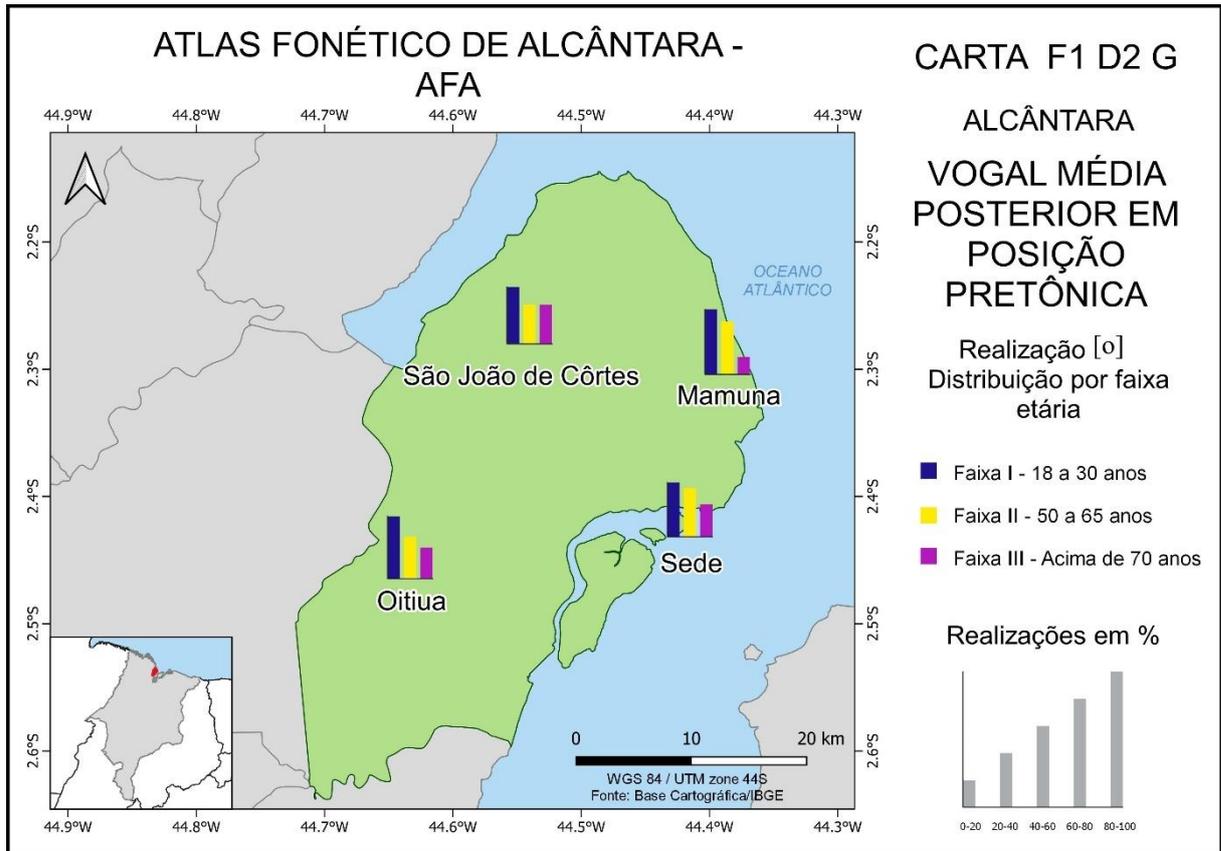
NOTAS

Os dados cartografados contemplam as realizações vocálicas médias posteriores registradas a partir de respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF).

No QFF, foram consideradas as respostas a vinte e três questões para apurar a realização das vogais médias posteriores. São os vocábulos: (12) torneira, (22) gordura, (25) colher, (30) tomate, (36) botar, (37) bonito, (41) ovelha, (46) borboleta, (79) obrigado, (85) colegas, (87) borracha, (94) correio, (101) advogado, (104) inocente, (107) procissão, (111) coroa, (114) orelha, (119) coração, (122) joelho, (147) sorriso, (148) dormindo, (149) assobio, (159) morreu.

No *corpus* analisado, registraram-se 505 ocorrências de vogais médias posteriores, 213 (42%) das quais se realizaram como médias fechadas [o], 162 (32%) como médias abertas [ɔ] e 130 (26%), como altas [u].

CARTA F1 D2 G

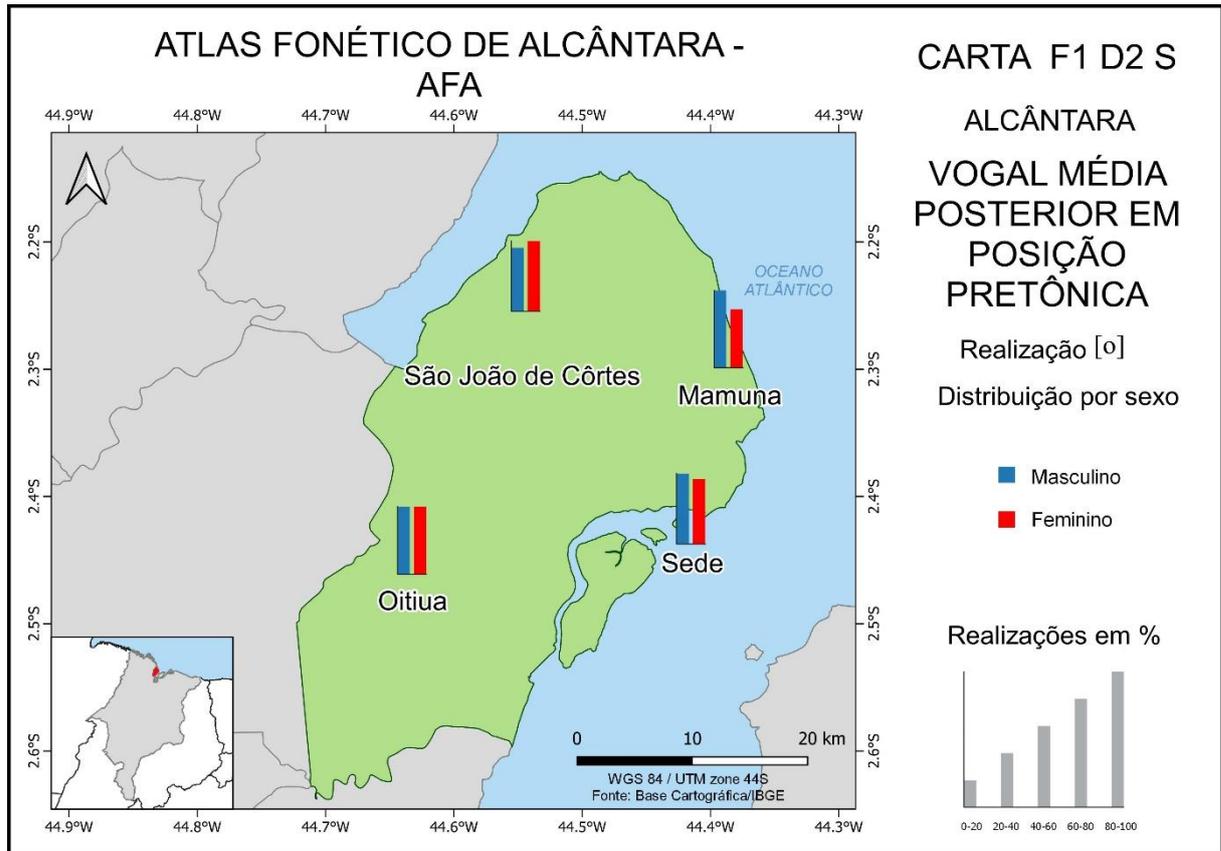


Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

No tocante à distribuição por faixa etária da realização da vogal média posterior [o], observou-se que a faixa etária I teve um alcance maior de ocorrências, seguida pela faixa etária II nas seguintes localidades: Sede, do total de 62 realizações, registrou-se 25 (40%) na faixa I, 22 (36%) na faixa II e 15 (24%) na faixa III; Oitua, do total de 52 realizações, registrou-se 24 (46%) na faixa I, 16 (31%) na faixa II e 12 (23%) na faixa III; e Mamuna, do total de 44 realizações, registrou-se 21 (48%) na faixa I, 17 (39%) na faixa II e 6 (13%) na faixa III. Em São João de Côrtes, do total de 55 realizações, também houve um percentual significativo na faixa etária I, com 23 (42%) de ocorrências, porém, ao contrário das demais localidades, registramos o mesmo percentual de realizações para as faixas etárias II e III, 16 (29%) em cada uma).

CARTA F1 D2 S

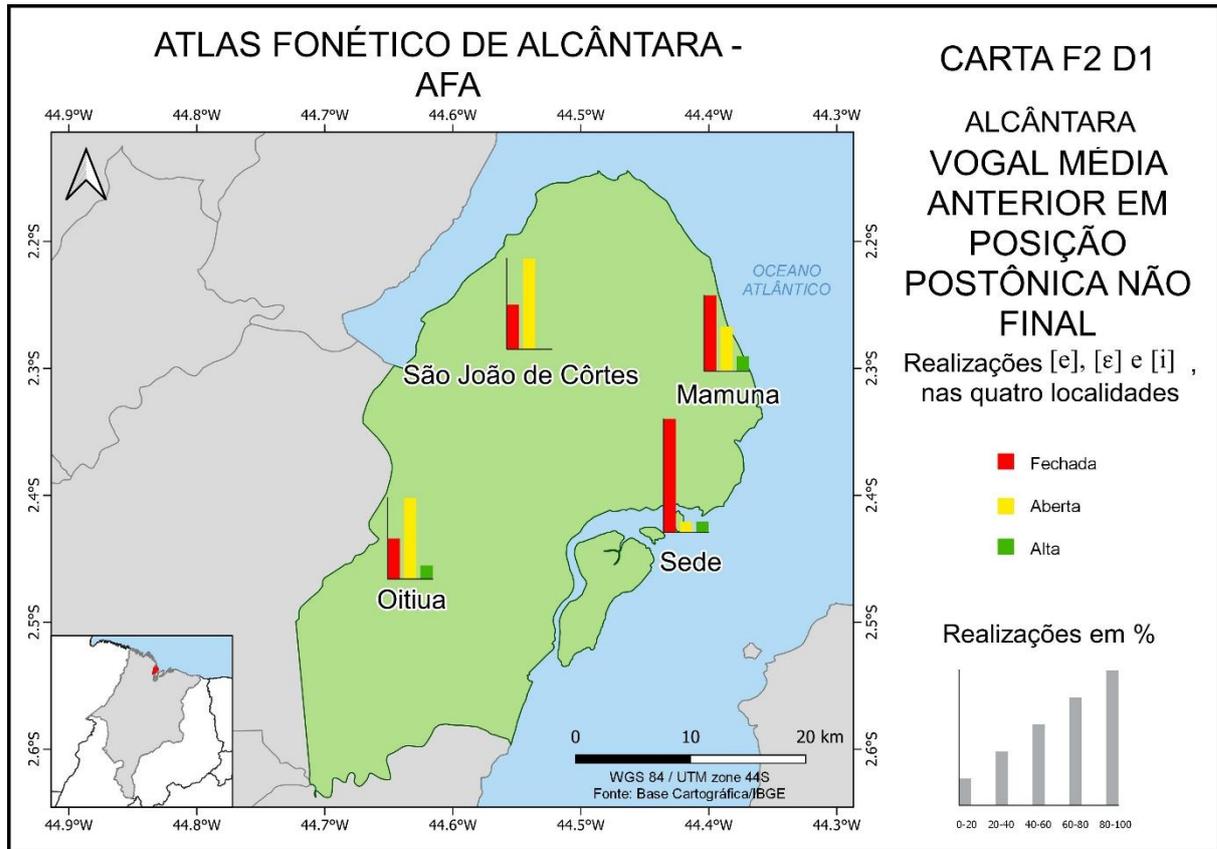


Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Quanto à distribuição por sexo da realização da vogal média anterior fechada [o], observou-se que: 1) na Sede e em Mamuna, houve um percentual de ocorrências um pouco maior entre os informantes do sexo masculino, 32 (52%) e 25 (57%), respectivamente, em relação ao sexo feminino, 30 (48%) e 19 (43%), respectivamente; 2) registrou-se uma distribuição equitativa de 50%, em Oitua, entre ambos os sexos, com 26 realizações em cada localidade; e 3) em São João de Côrtes, o sexo feminino alcançou 29 (52%) realizações e o sexo masculino 26 (48%).

CARTA F2 D1



Elaboração: Juliana Pedroso

NOTAS

Os dados cartografados contemplam as realizações vocálicas médias anteriores, registradas a partir de respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF).

Do QFF, foram consideradas duas questões, cujo objetivo era apurar a realização dessas vogais nos seguintes vocábulos: (66) número e (157) hóspede.

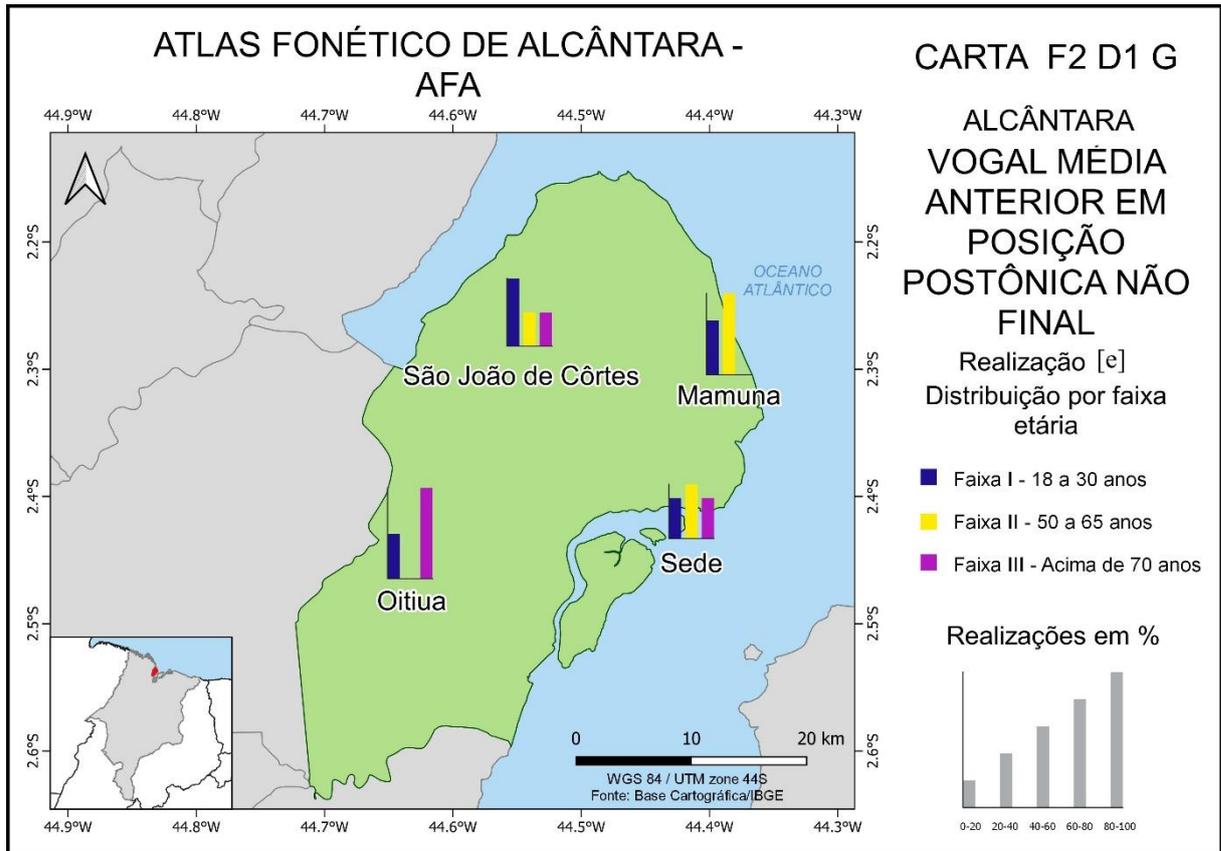
As realizações vocálicas médias anteriores, fechadas, abertas e altas, consideradas, alcançaram um total de 43 ocorrências, sendo 22 (51%) com vogal fechada [e], 18 (42%) com vogal aberta [ɛ] e 3 (7%) com vogal alta [i].

As três ocorrências da vogal alta [i] foram observadas no vocábulo hóspede, dos seguintes informantes:

- ALC1/2 – Sede, faixa etária I, sexo feminino;
- ALC 2/3 – Oitua, faixa etária II, sexo masculino;
- ALC 4/4 – Mamuna, faixa etária II, sexo feminino.

Em São João de Côrtes, não houve ocorrência da vogal média anterior alta.

CARTA F2 D1 G

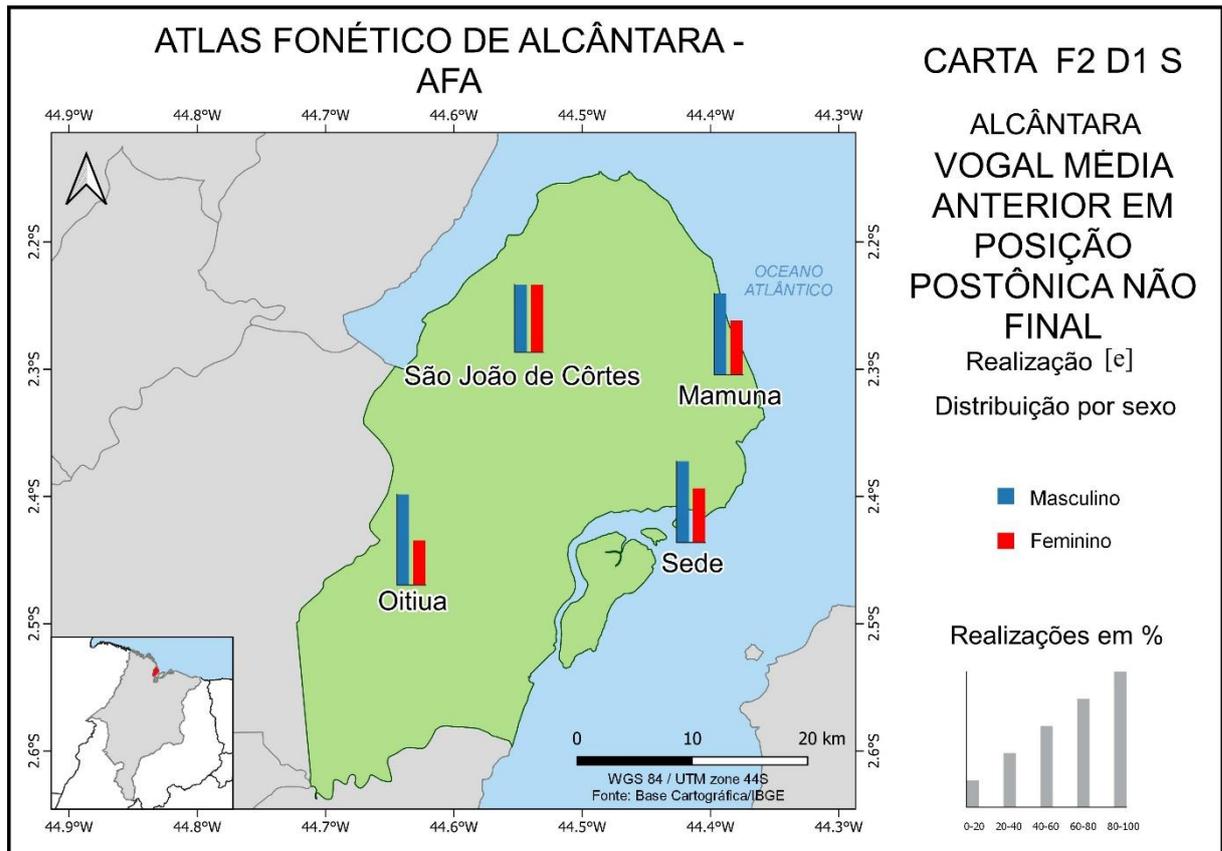


Elaboração: Juliana Pedroso

NOTAS

Na distribuição por faixa etária da realização da vogal média anterior fechada [e], observou-se que, na Sede e em Mamuna, do total de 10 e 5 realizações, respectivamente, houve um percentual maior na faixa etária II, de 4 (40%) e 3 (60%), respectivamente, enquanto em Oitua, essa variante não foi registrada para a mesma faixa etária. Em São João de Côrtes, do total de 4 realizações, registrou-se metade delas (50%), na faixa etária I.

CARTA F2 D1 S



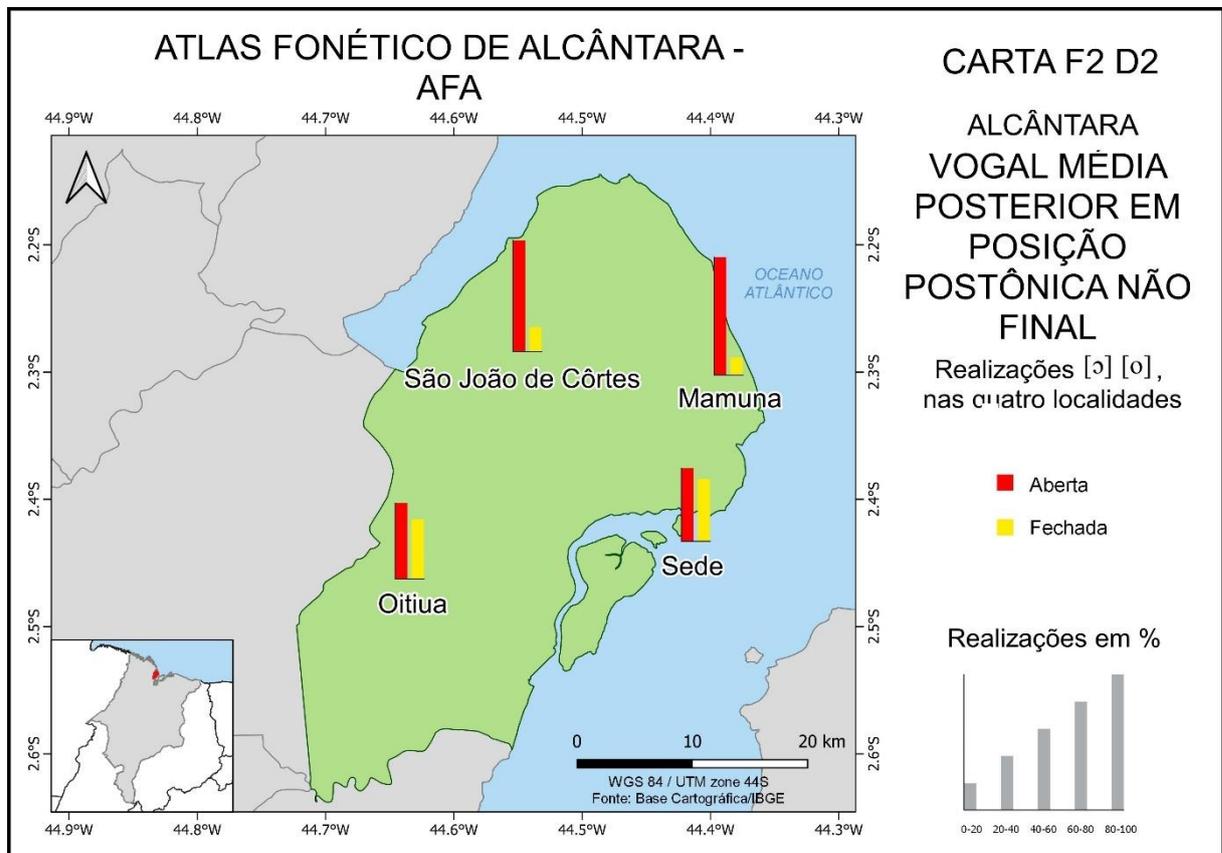
Elaboração: Juliana Pedroso

NOTAS

De acordo com os dados cartografados, na Sede, em Oitua e em Mamuna, houve um percentual maior de realização da vogal média anterior fechada [e] pelo sexo masculino, com 6 (60%) ocorrências no total de 10, com 2 (67%) ocorrências, no total de 3 e com 3 ocorrências (60%), no total de 5, respectivamente. Em São João de Côrtes, percebeu-se que, das 4 ocorrências consideradas nesta localidade, homens e mulheres realizaram igualmente a variante fechada, alcançando um percentual de 50% para cada sexo.

Destaca-se ainda que, na Sede, 100% dos informantes do sexo masculino usaram apenas a variante [e] na realização dos dois vocábulos considerados para verificar a ocorrência da vogal média anterior em posição postônica.

CARTA F2 D2



Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Os dados cartografados contemplam as realizações vocálicas médias posteriores, a partir de respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF).

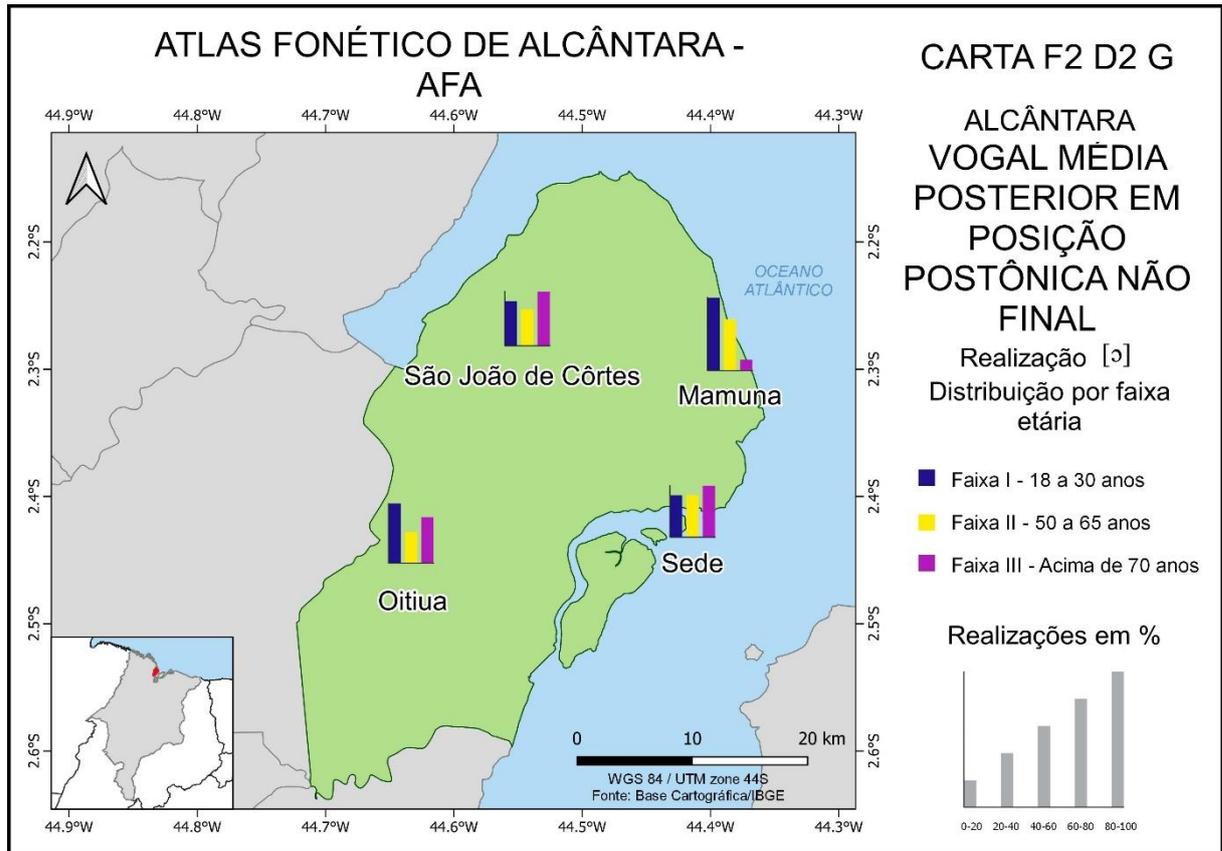
Do QFF, foram consideradas quatro questões, cujo objetivo era apurar a realização dessas vogais, nos vocábulos: (15) fósforo, (17) pólvora, (32) abóbora e (39) árvore.

Nas quatro localidades, foram consideradas 77 ocorrências das vogais médias posteriores, abertas e fechadas, em posição postônica não final. Destas, as realizações abertas [ɔ] foram 53 (69%) e as fechadas [o] foram 24 (31%).

Registrou-se a realização da vogal média posterior alta [u] na resposta à questão 32, abóbora [a^hbɔbuɾɐ], por dois informantes:

- ALC 2/4 – Oitua, faixa etária II, sexo feminino;
- ALC 4/2 – Mamuna, faixa etária I, sexo feminino.

CARTA F2 D2 G

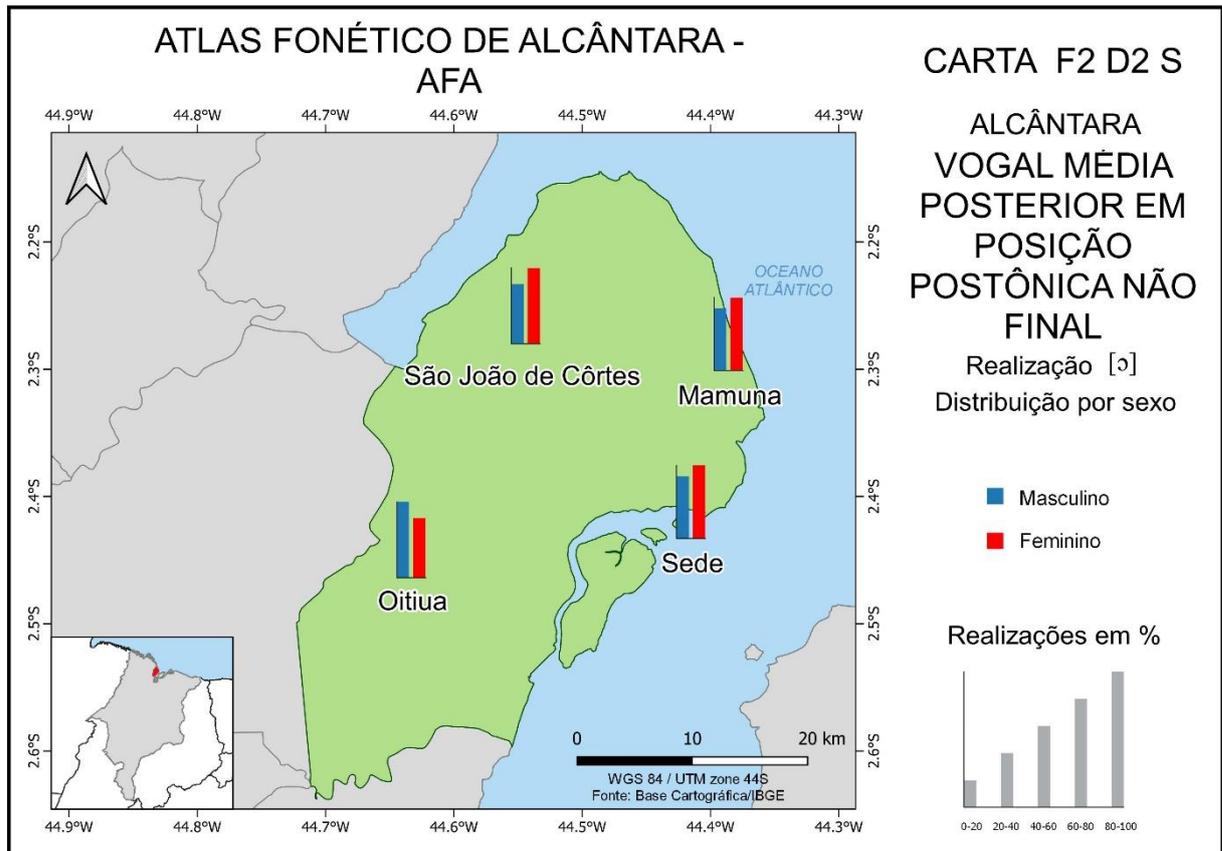


Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Com relação à distribuição por faixa etária da realização da vogal média posterior [ɔ], observou-se que, na Sede, do total de 13 realizações, registrou-se 4 (30%) na faixa I, 4 (30%) na faixa II e 5 (40%) na faixa III; e em São João de Côrtes, do total de 18 realizações, registrou-se 6 (33%) na faixa I, 5 (28%) na faixa II e 7 (39%) na faixa III. Dessa forma, em ambas as localidades, houve um percentual maior de realização na faixa etária III. Enquanto nas localidades Oitua e Mamuna registrou-se um alcance maior na faixa etária I, 4 (44%) ocorrências do total de 9, e 7 (54%) ocorrências do total de 13, respectivamente.

CARTA F2 D2 S

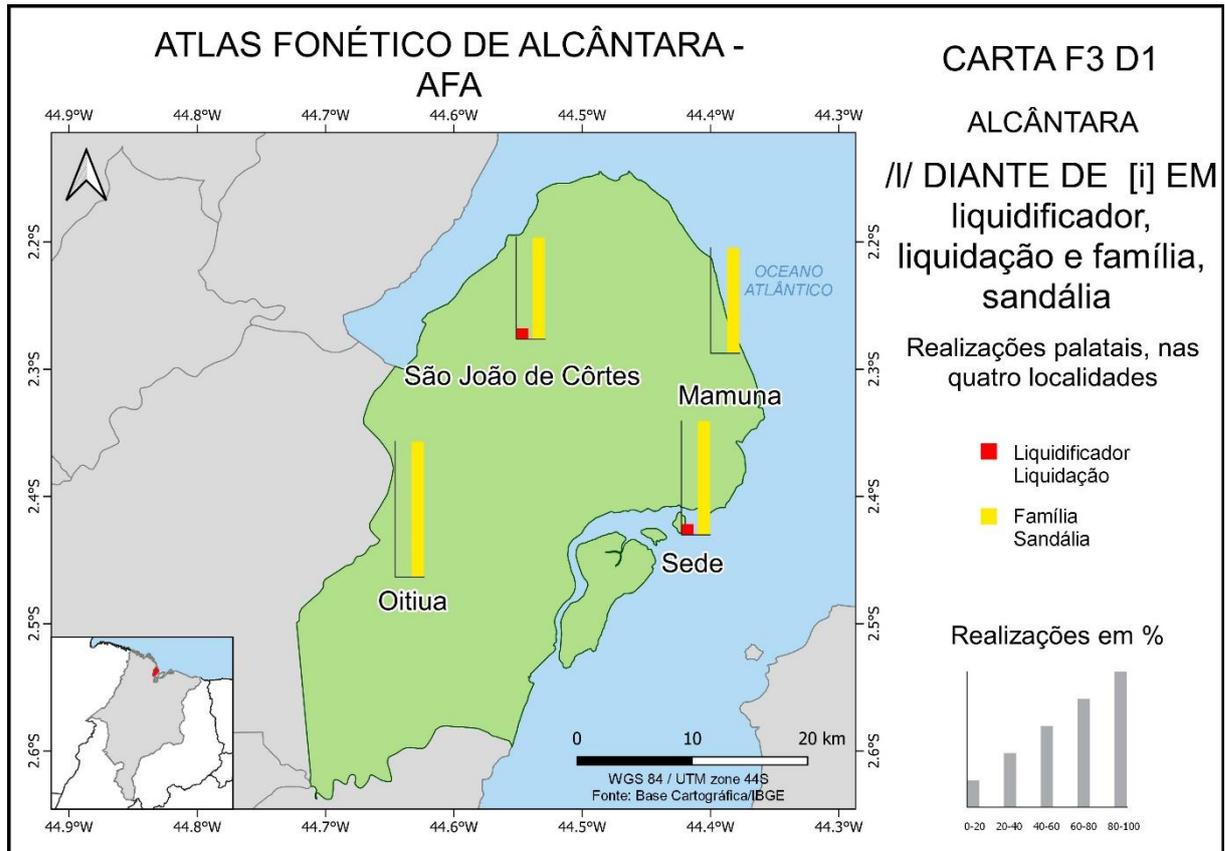


Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Sobre a distribuição por sexo da realização da vogal média posterior [ɔ], observou-se que as localidades Sede e Mamuna registraram o mesmo percentual de ocorrências para o sexo masculino e para o sexo feminino, ou seja, do total de 13 ocorrências, 6 (46%) foram do sexo masculino e 7 (54%) do sexo feminino. Em São João de Côrtes, houve também um percentual maior para o sexo feminino, 10 (56%) ocorrências, em relação ao sexo masculino, 8 (44%) ocorrências. Já Oitua foi a única localidade em que houve um percentual maior para o sexo masculino, 5 (55%) ocorrências, e menor para o sexo feminino, 4 (45%) ocorrências.

CARTA F3 D1



Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Os dados cartografados contemplam as realizações palatais registradas a partir de respostas do Questionário Fonético-Fonológico a quatro questões: (26) liquidificador, (95) liquidação, (130) família e (140) sandália.

Dividiu-se essas questões em dois grupos: 1) realizações palatais nos vocábulos *liquidificador* e *liquidação* e 2) realizações palatais nos vocábulos *família* e *sandália*.

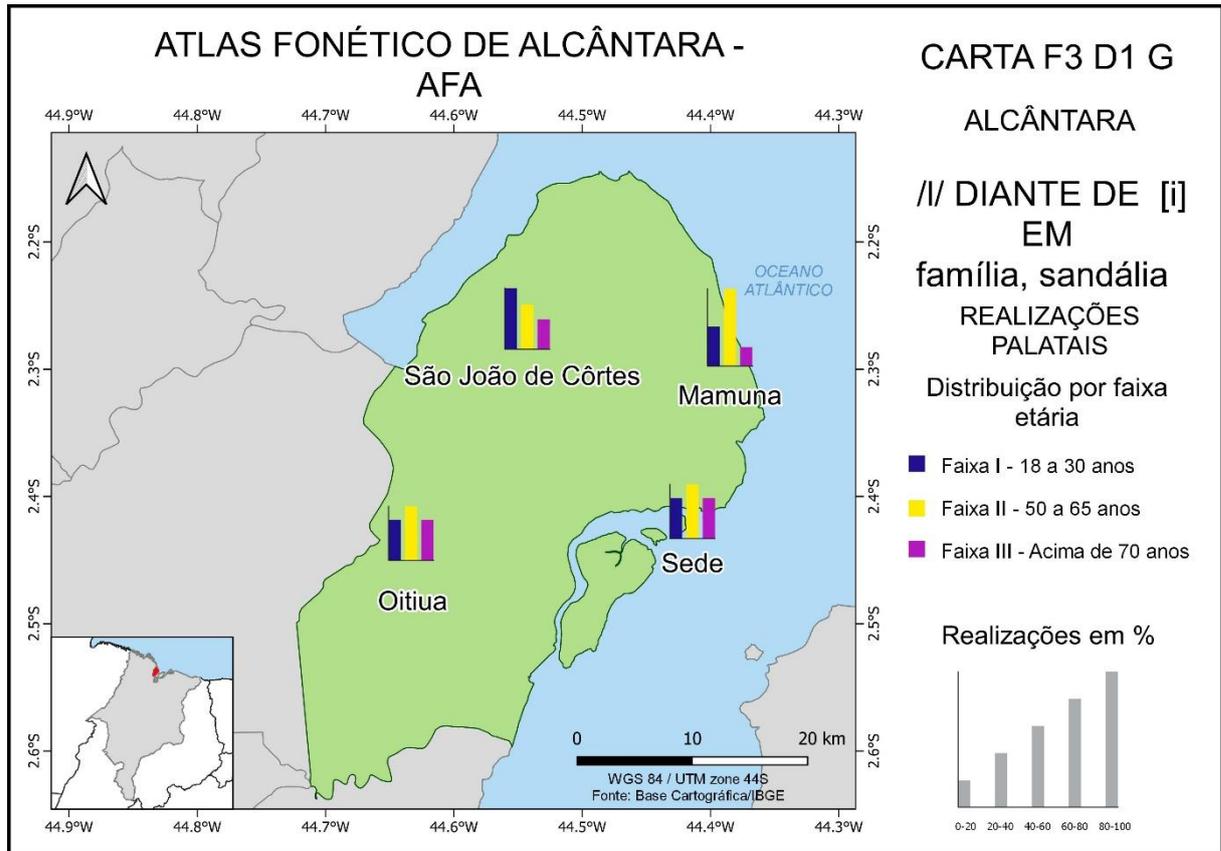
Para os vocábulos *liquidificador* e *liquidação*, observou-se que, do total de 42 ocorrências, a maior parte, ou seja, 40 (95%), foram realizadas com a consoante lateral alveolar [l], enquanto a lateral palatal [ʎ] obteve apenas 2 (5%) realizações.

As realizações palatais foram registradas no vocábulo *liquidação*, nas respostas dos seguintes informantes:

- ALC 1/1 – Sede, faixa etária I, sexo masculino;
- ALC 3/2 – São João de Côrtes, faixa etária I, sexo feminino.

As realizações palatais consideradas nos vocábulos *família* e *sandália* alcançaram 36 (84%), do total de 43 ocorrências registradas. Sendo assim, houve 7 (16%) realizações da lateral alveolar. Destaca-se que, em Oitua, 100% das realizações consideradas para estes dois vocábulos foram palatais.

CARTA F3 D1 G

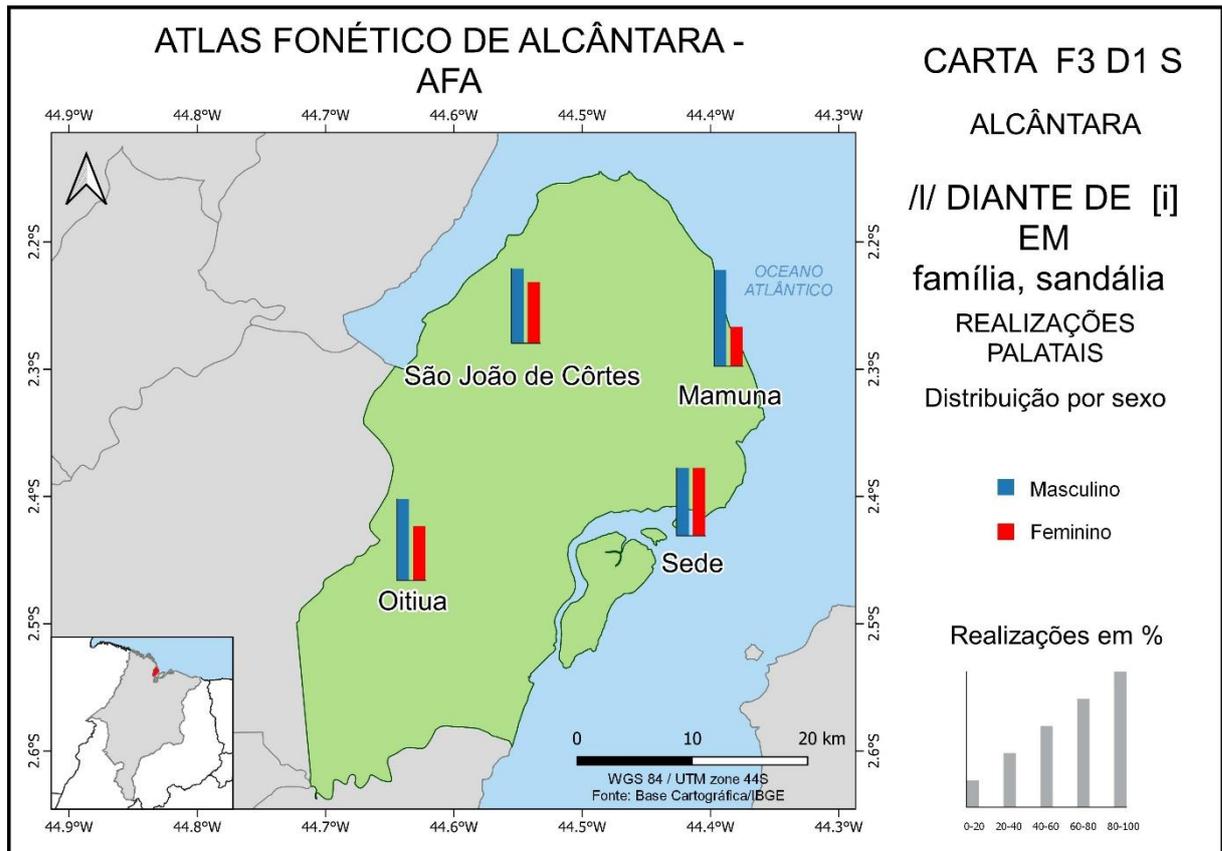


Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Os dados cartografados referentes à distribuição por faixa etária das realizações palatais nos vocábulos *família* e *sandália* demonstraram um percentual maior nos informantes da faixa etária II na Sede, 4 (40%) do total de 10 ocorrências, em Oitua, 4 (40%) do total de 10 ocorrências, e em Mamuna, do total de 7 ocorrências, 4 (57%) foram registradas na faixa II. Em São João de Côrtes, observou-se que a faixa etária I alcançou mais realizações palatais, 4 (45%) das ocorrências, que as faixas etárias II e III, 3 (33%) e 2 (22%), respectivamente.

CARTA F3 D1 S

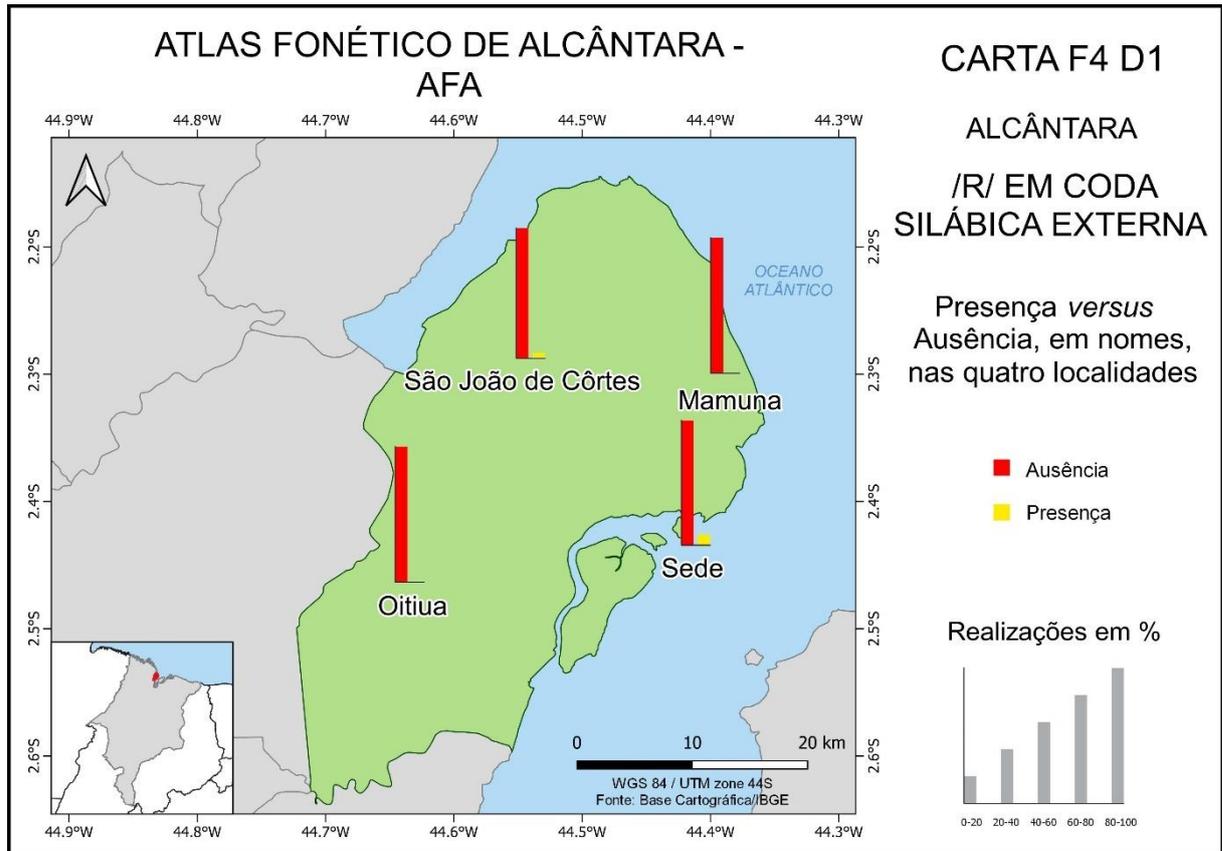


Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Quanto à distribuição por sexo das realizações palatais nos vocábulos *família* e *sandália*, observou-se o mesmo percentual de realizações entre homens e mulheres na Sede, com 5 (50% ocorrências) para cada sexo. Nas demais localidades – Oitua, São João de Côrtes e Mamuna – o percentual foi maior entre os informantes do sexo masculino. Os dados registrados em cada localidade foram: Oitua – 6 (60%) ocorrências para o sexo masculino e 4 (40%) para o sexo feminino; São João de Côrtes – 5 (55%) ocorrências para o sexo masculino e 4 (45%) para o sexo feminino; e Mamuna 5 (71%) ocorrências para o sexo masculino e 2 (29%) para o sexo feminino.

CARTA F4 D1



Elaboração: Juliana Pedroso

NOTAS

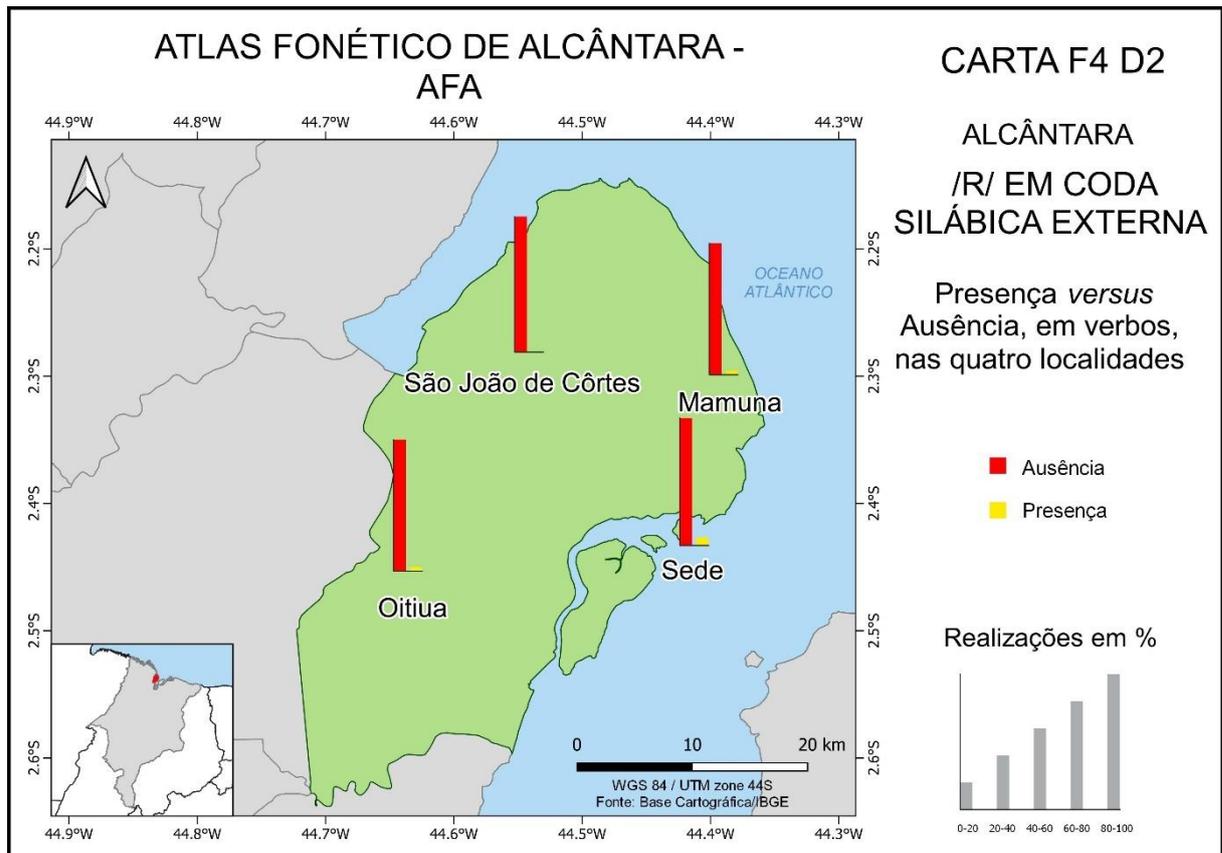
Os dados cartografados contemplam a presença *versus* ausência da do som consoante dos róticos, em coda silábica externa, registradas a partir de respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF). Do QFF foram consideradas quatro questões: (25) colher, (26) liquidificador, (61) calor e (129) mulher.

De acordo com os dados obtidos em relação à presença *versus* ausência do som consoante rótico, das 92 ocorrências observadas na fala dos informantes, registramos um índice de ausência de 89 (97%) e 3 (3%) ocorrências de presença.

As três ocorrências do som consoante rótico foram realizadas como fricativas glotais e registradas nas respostas dos seguintes informantes:

- ALC 1/1 – Sede, faixa etária I, sexo masculino, vocábulo colher;
- ALC 1/5 – Sede, faixa etária III, sexo masculino, vocábulo colher;
- ALC 3/2 – São João de Côrtes, faixa etária I sexo feminino, vocábulo calor.

CARTA F4 D2



Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

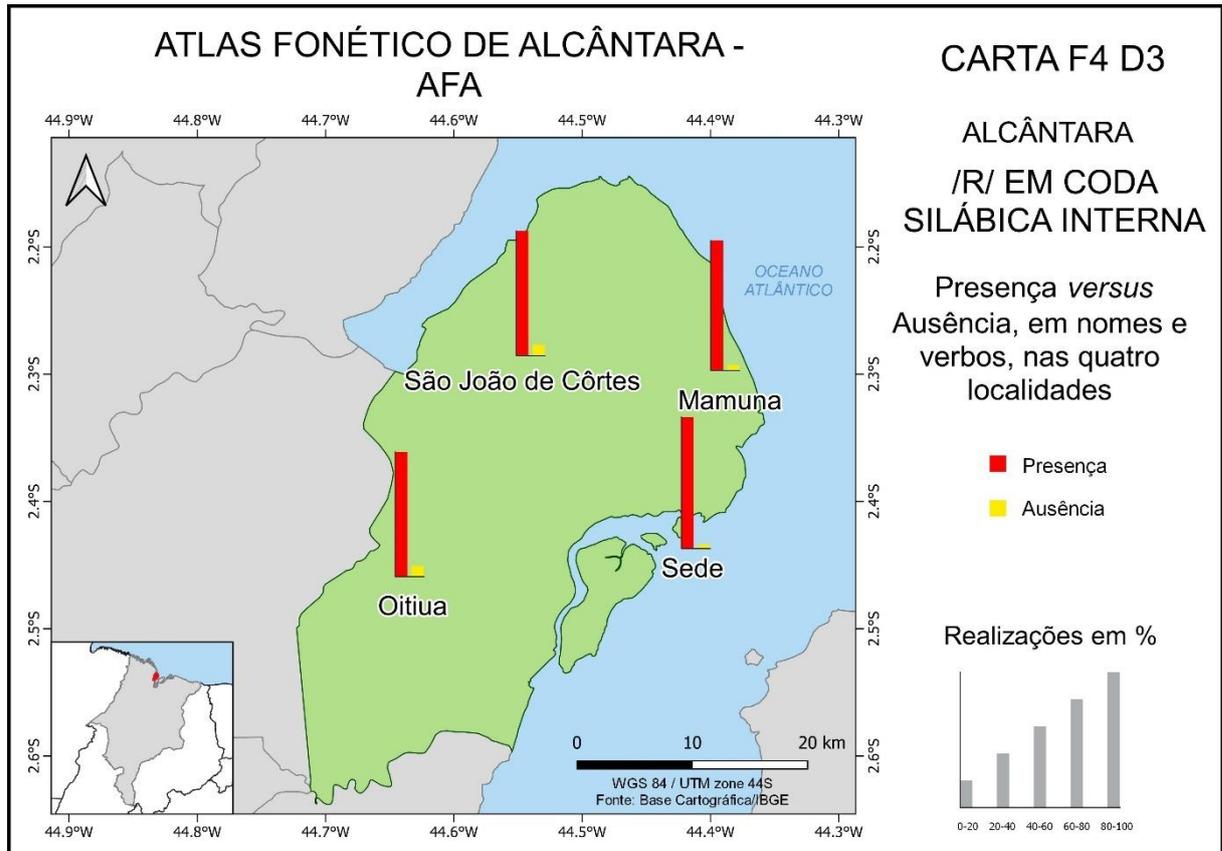
Os dados cartografados contemplam a presença *versus* ausência do som consoante dos róticos, em coda silábica externa, registradas a partir de respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF). Do QFF, foram utilizadas nove questões. São elas: (18) varrer, (36) botar, (43) montar, (80) trabalhar, (88) rasgar, (146) beijar, (151) encontrar, (152) perguntar, (153) sair.

De acordo com os dados obtidos em relação à presença *versus* ausência do som consoante rótico, das 157 realizações consideradas, registramos um índice de ausência de 152 (97%) e 5 (3%) ocorrências de presença.

As cinco ocorrências do som consoante dos róticos foram realizadas como fricativas glotais e registradas na fala dos informantes, conforme descrito a seguir:

- ALC 1/2 – Sede, faixa etária I, sexo feminino, formas verbais botar e trabalhar;
- ALC 1/5 – Sede, faixa etária III, sexo masculino, forma verbal sair;
- ALC 2/4 – Oitua, faixa etária II, sexo feminino, forma verbal rasgar;
- ALC 4/1 – Mamuna, faixa etária I, sexo masculino, forma verbal sair.

CARTA F4 D3



Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

A carta traz a presença ou ausência do som consoante dos róticos, em coda silábica interna, considerados a partir das respostas às quinze questões do Questionário Fonético-Fonológico (QFF): (12) torneira, (22) gordura, (27) fervendo, (39) árvore, (46) borboleta, (62) tarde, (65) catorze, (92) pernambucano, (105) certo, (110) perdão, (144) perfume, (148) dormindo, (150) perdida, (152) perguntar, (158) esquerdo.

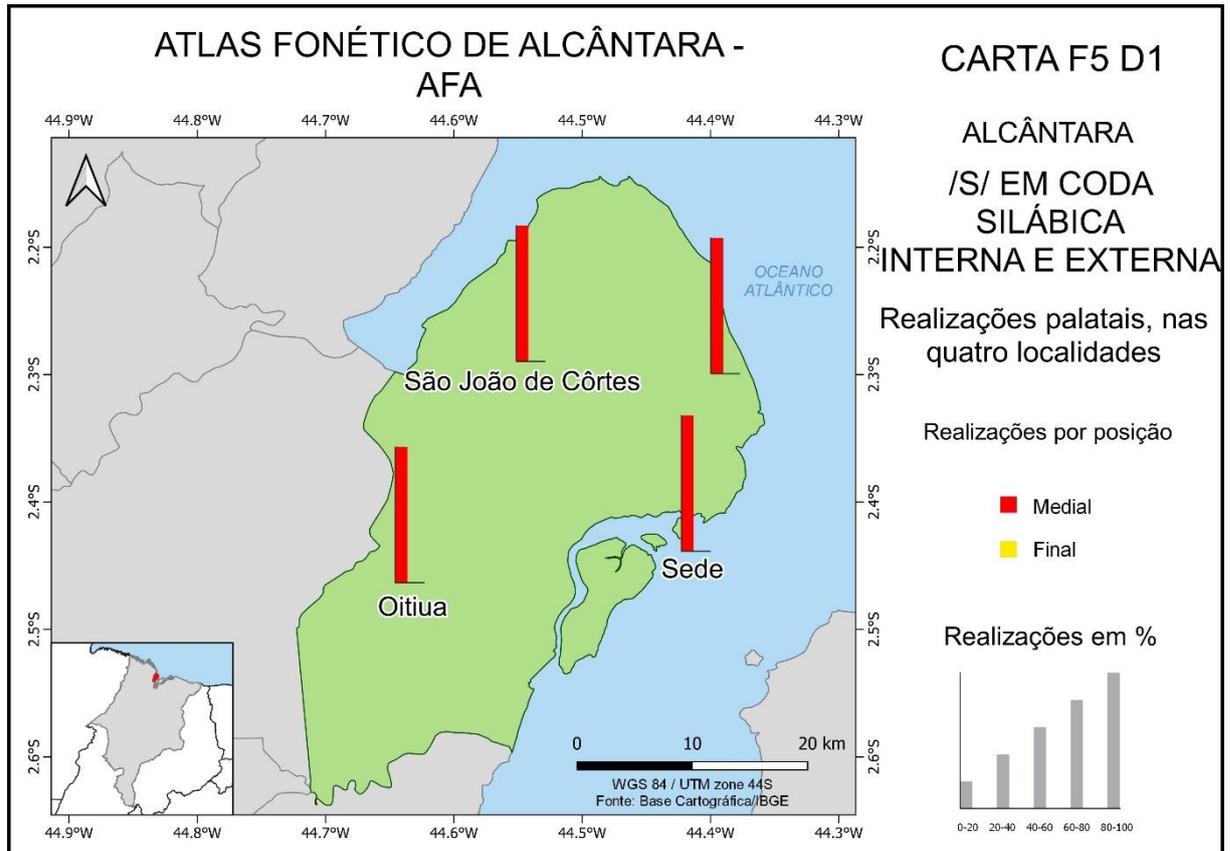
Os dados cartografados contemplam 335 ocorrências para verificação da presença ou ausência do som consoante rótico, nas quatro localidades. Registraram-se 315 (94%) ocorrências de presença e 20 (6%) de ausência.

Os dados demonstram a presença da fricativa glotal em quase todas as ocorrências, com exceção de uma realização fricativa velar e uma realização tepe nas respostas dos seguintes informantes:

- ALC 1/3 – Sede, faixa etária II, sexo masculino, fricativa velar;
- ALC 3/6 – São João de Côrtes, faixa etária III, sexo feminino, tepe.

Sobre as ausências, destaca-se que, na Sede e em Mamuna, foram 6 os vocábulos, 3 em cada localidade, em que registramos o apagamento fonético do som consoante rótico; em Oitiua e em São João de Côrtes, foram 14 vocábulos, 7 em cada localidade, onde se observou esta ausência.

CARTA F5 D1



Elaboração: Juliana Pedroso.

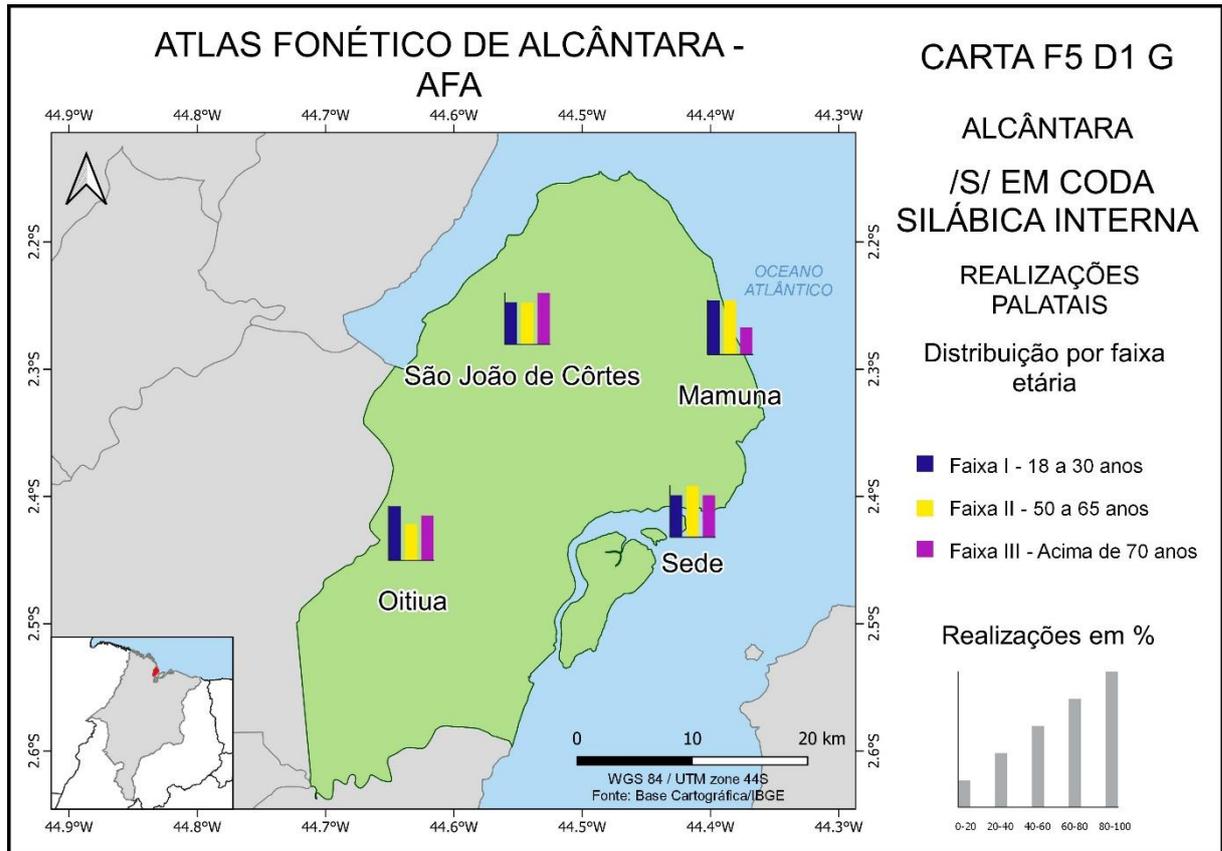
NOTAS

Os dados cartografados contemplam as realizações alveolares e palatais do som consoante das sibilantes, em coda silábica interna e externa registradas a partir das respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF). Deste, foram consideradas vinte e três questões: (9) luz, (15) fósforo, (21) arroz, (31) casca, (63) três, (64) dez, (67) estrada, (69) desvio, (76) reais, (84) escola, (85) colegas, (86) giz, (88) rasgar, (102) questão, (113) pescoço, (120) costas, (124) caspa, (126) desmaio, (137) voz, (155) paz, (156) mesma, (157) hóspede e (158) esquerdo.

As ocorrências consideradas para a investigação do som consoante das sibilantes alcançaram um total de 491 realizações. Observou-se que 425 (86%) foram realizadas com a variante dentoalveolar [s]; 62 (13%) com a variante alveopalatal [ʃ]; e 4 (1%) com a fricativa glotal [h̥]. Estas últimas foram realizadas no vocábulo mesma [ˈmɛɦmɐ].

Todas as 62 realizações alveolares e palatais consideradas nesta carta foram observadas em posição medial de vocábulo.

CARTA F5 D1 G

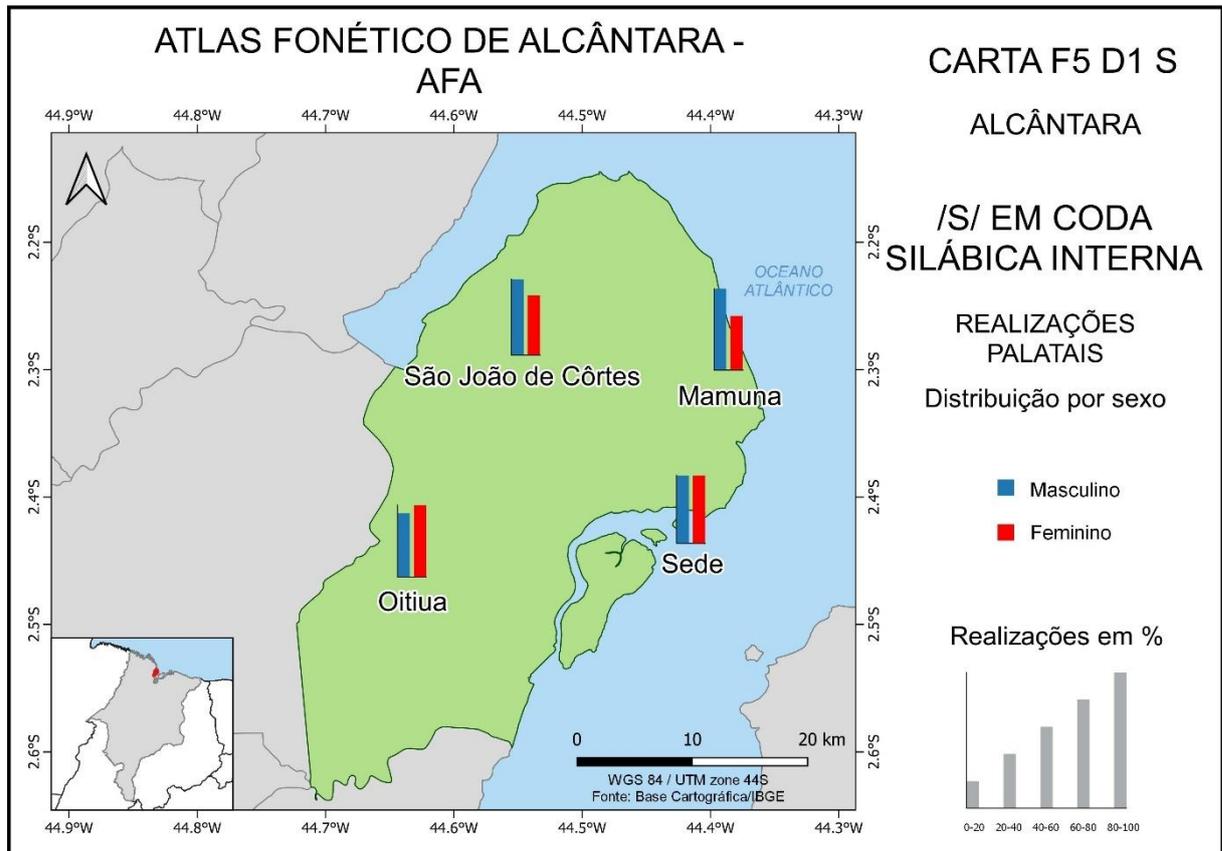


Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Com relação à distribuição por faixa etária das realizações alveolares e palatais do som consoante sibilante, observou-se que: na Sede, do total de 16 ocorrências, houve um percentual igual de ocorrências nas faixas etárias I e III, com 5 (31%) em cada uma, e ligeiramente maior na faixa etária II, com 6 (38%) ocorrências; em Oitiua, do total de 15 ocorrências, houve uma maior realização entre os informantes da faixa etária I, com 6 (40%) ocorrências, seguido de 5 (33%) ocorrências na faixa etária III e 4 (27%) ocorrências na faixa etária II; em São João de Côrtes, do total de 16 ocorrências, verificou-se o mesmo percentual nas faixas etárias I e II, com 5 (31%) ocorrências em cada uma, e maior na faixa etária III, com 6 (38%) ocorrências; em Mamuna, nas faixas etárias I e II, observou-se que, do total de 15 ocorrências, houve uma divisão equitativa de 6 (40%) realizações para cada uma, já na faixa etária III foi identificado o menor percentual, com 3 (20%) realizações.

CARTA F5 D1 S

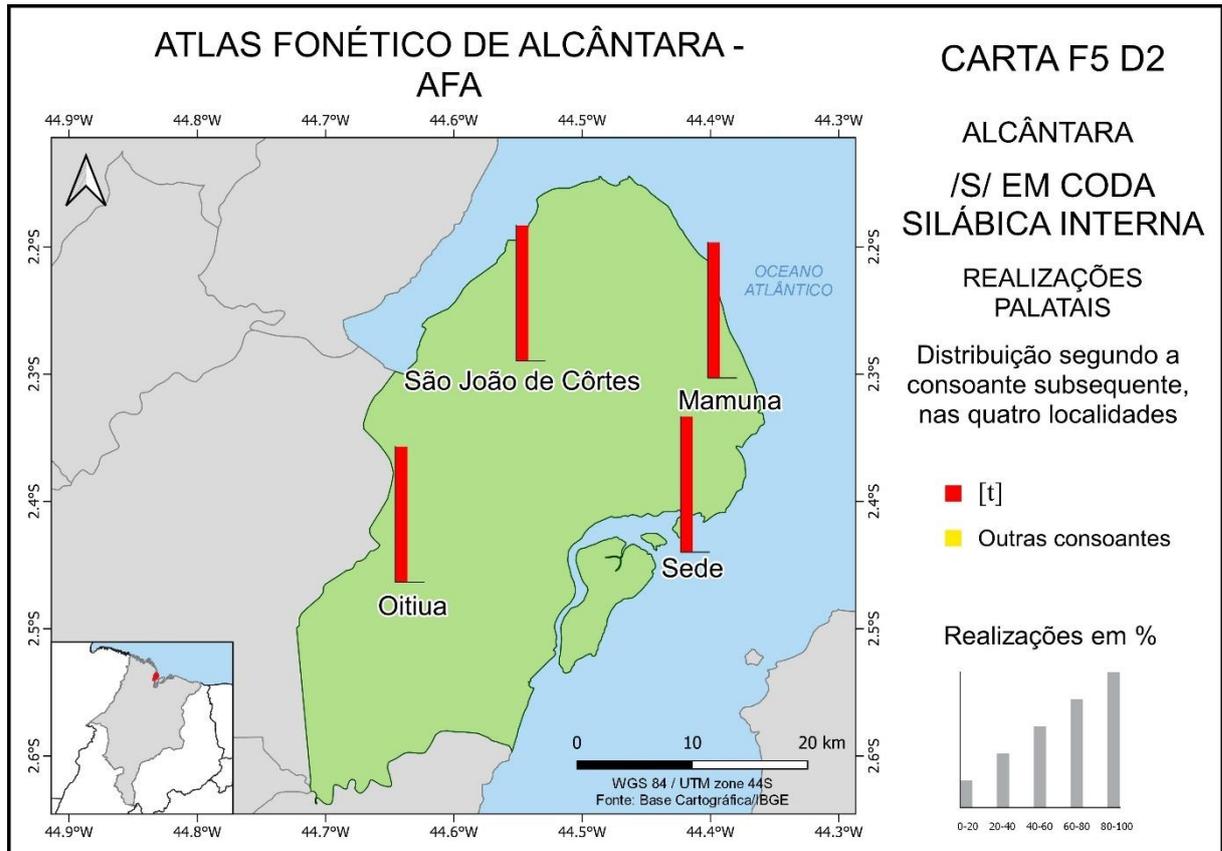


Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

De acordo com os dados, as realizações palatais [ʃ], em coda silábica interna, na Sede, foram divididas de modo equivalente entre os informantes dos sexos masculino e feminino, ou seja, 8 (50%) realizações para cada um. Em Oitua, foram mais produtivas para o sexo feminino, com 8 (53%) ocorrências e 7 (47%) para o sexo masculino. Em São João de Côrtes e Mamuna, houve um percentual maior para o sexo masculino, com 9 (56%) ocorrências entre os homens e 7 (44%) ocorrências entre as mulheres e com 9 (60%) ocorrências entre os homens e 6 (40%) ocorrências entre as mulheres, respectivamente.

CARTA F5 D2



Elaboração: Juliana Pedroso.

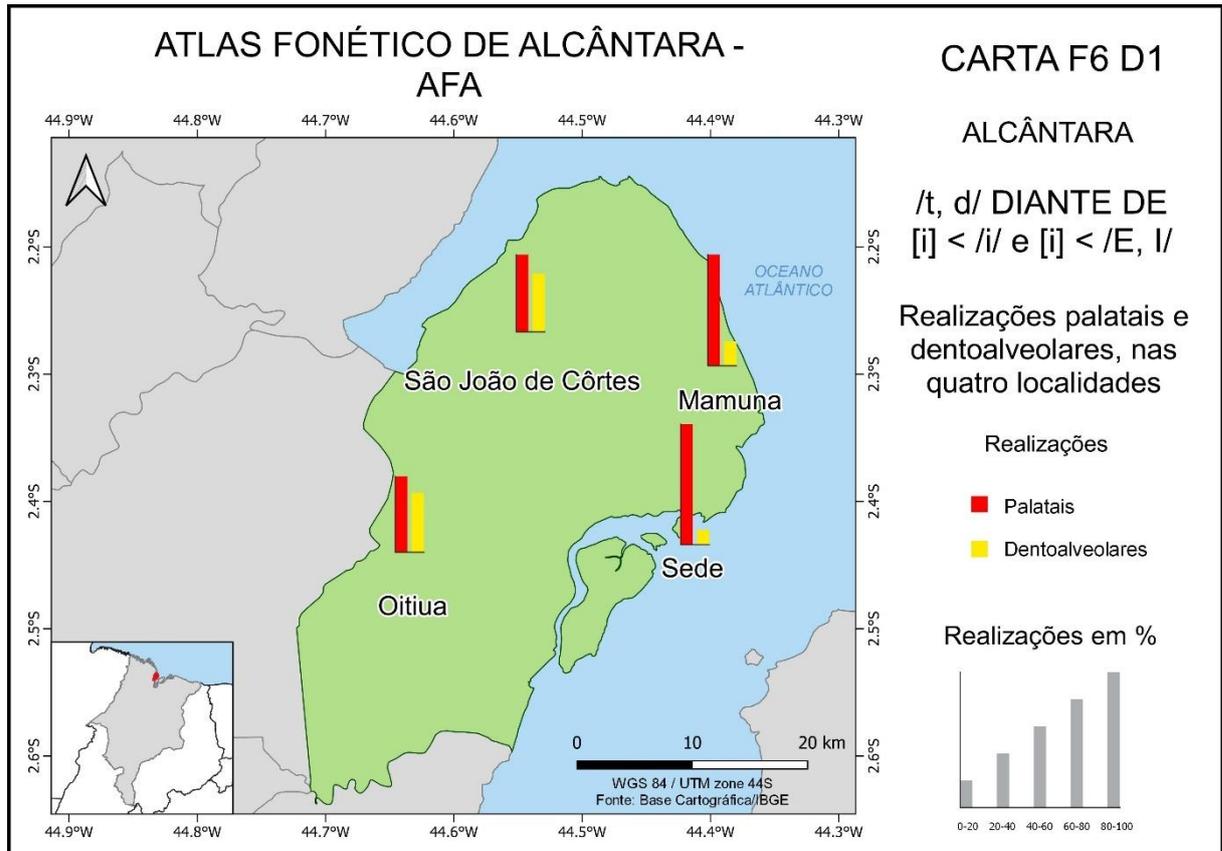
NOTAS

Nesta carta, são apresentadas as realizações palatais segundo a consoante subsequente ao som consoante das sibilantes, em coda silábica interna, distribuídas em dois grupos:

1. Consoante oclusiva dentoalveolar não vozeada [t], presente nos vocábulos do Questionário Fonético-Fonológico (QFF): (67) estrada, (102) questão e (120) costas;
2. Outras consoantes. Neste grupo estão: as oclusivas [p] [k] [g] observadas nas questões (31) casca, (84) escola, (88) rasgar, (113) pescoço, (124) caspa, (157) hóspede e (158) esquerdo do QFF; as fricativas [f] [v] observadas nas questões (15) fósforo e (69) desvio do QFF; a nasal [m], observada nas questões (126) desmaio e (156) mesma do QFF.

Todas as 62 realizações palatais [ʃ] foram observadas nos vocábulos cuja consoante subsequente é oclusiva dentoalveolar não vozeada [t].

CARTA F6 D1



Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Os dados cartografados nesta carta contemplam as realizações palatalizadas africadas [tʃ] [dʒ] e as dentoalveolares [t] [d] diante de vogal alta [i], registradas a partir de respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF) às dezessete questões: (3) prateleira, (6) tesoura, (26) liquidificador, (30) tomate, (49) elefante, (55) noite, (56) dia, (62) tarde, (69) desvio, (104) inocente, (106) mentira, (116) dente, (126) desmaio, (131) tio, (145) presente, (150) perda, (157) hóspede.

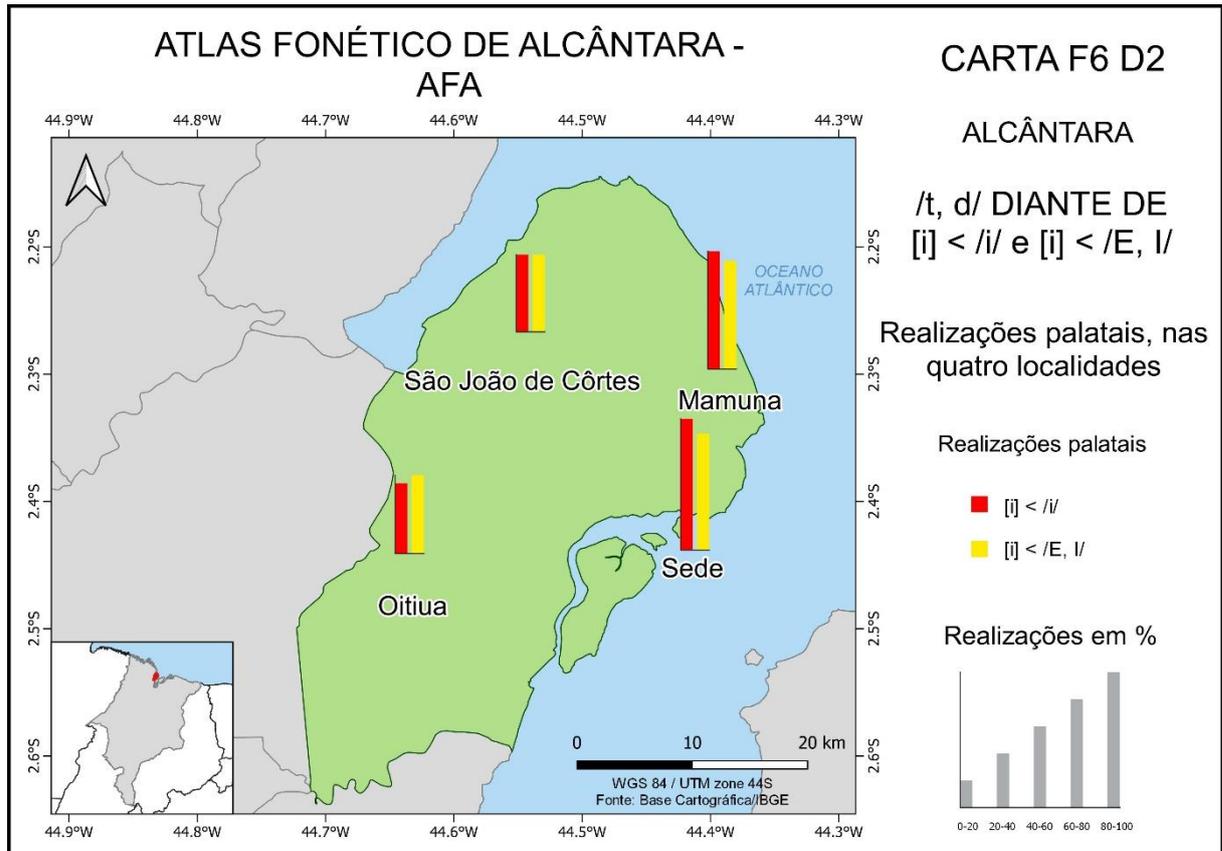
No *corpus* analisado, do total de 371 ocorrências, registrou-se 263 (71%) realizações palatalizadas e 108 (29%) de manutenção da articulação dentoalveolar, principalmente em Oitua e São João de Côrtes.

Com relação ao total 108 realizações dentoalveolares, observou-se que:

- a Sede alcançou 11 ocorrências (1 referente ao contexto com vogal [i] fonológica e 10 com vogal [i] derivada);

- Oitua alcançou 40 ocorrências (14 referentes ao contexto com vogal [i] fonológica e 26 com vogal [i] derivada);
- São João de Côrtes alcançou 43 ocorrências (13 referentes ao contexto com vogal [i] fonológica e 30 com vogal [i] derivada);
- Mamuna alcançou 14 ocorrências (3 referentes ao contexto com vogal [i] fonológica e 11 com vogal [i] derivada).

CARTA F6 D2



Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Nas cartas referentes à palatalização das consoantes oclusivas dentoalveolares [t] [d] diante de vogal alta [i], consideraram-se as realizações palatalizadas africadas [tʃ] [dʒ], registradas a partir de respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF).

Distinguem-se, porém, os contextos em que o [i] subsequente é fonológico ou não derivado, observado nas respostas às questões (26) liquidificador, (56) dia, (106) mentira, (131) tio, (150) perdida, daqueles em que o [i] é proveniente de vogal média átona, como verificado nas questões (30) tomate, (49) elefante, (55) noite, (62) tarde, (104) inocente, (116) dente, (145) presente, (157) hóspede, ou /E/, quando em outras posições, como nas questões (3) prateira, (6) tesoura, (69) desvio, (126) desmaio.

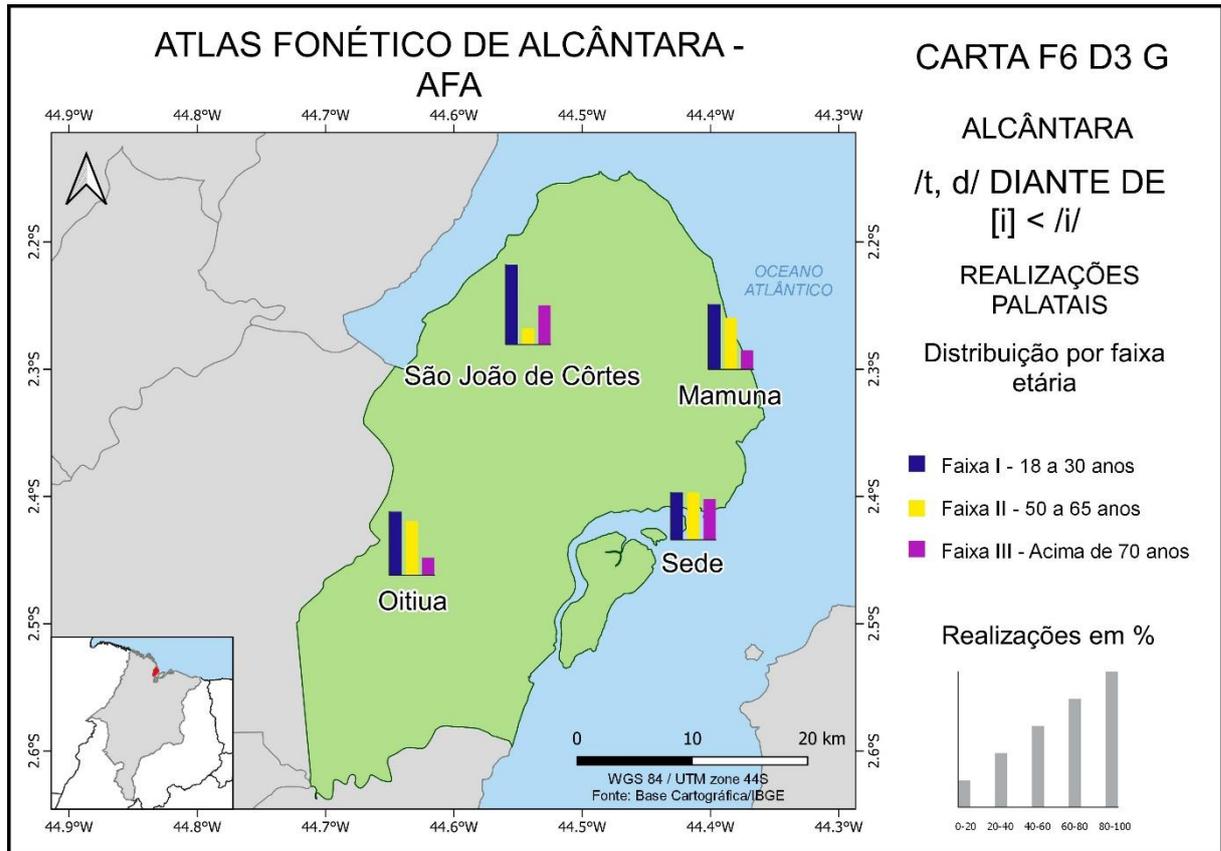
As realizações palatalizadas que se analisaram para a elaboração das cartas alcançaram o total de 371 ocorrências, assim distribuídas: 113 referentes ao

contexto com vogal [i] fonológica (73% de realizações palatalizadas e 27% de manutenção da articulação dentoalveolar) e 258, com vogal [i] derivada (70% de realizações palatalizadas e 30% de dentoalveolares).

Sobre as realizações referentes ao contexto com vogal [i] fonológica, em cada localidade, os dados observados foram: na Sede, do total de 30 realizações, registrou-se 29 (97%) ocorrências de realizações palatalizadas e 1 (3%) de manutenção da articulação dentoalveolar; em Oitua, do total de 29 realizações, registrou-se 15 (52%) ocorrências de realizações palatalizadas e 14 (48%) de manutenção da articulação dentoalveolar; em São João de Côrtes, do total de 30 realizações, registrou-se 17 (57%) ocorrências de realizações palatalizadas e 13 (43%) de manutenção da articulação dentoalveolar; em Mamuna, do total de 24 realizações, registrou-se 21 (88%) ocorrências de realizações palatalizadas e 3 (13%) de manutenção da articulação dentoalveolar.

Sobre as realizações referentes ao contexto com vogal [i] derivada, em cada localidade, os dados observados foram: na Sede, do total de 71 realizações, registrou-se 61 (86%) ocorrências de realizações palatalizadas e 10 (14%) de manutenção da articulação dentoalveolar; em Oitua, do total de 62 realizações, registrou-se 36 (58%) ocorrências de realizações palatalizadas e 26 (42%) de manutenção da articulação dentoalveolar; em São João de Côrtes, do total de 70 realizações, registrou-se 40 (57%) ocorrências de realizações palatalizadas e 30 (43%) de manutenção da articulação dentoalveolar; em Mamuna, do total de 55 realizações, registrou-se 44 (80%) ocorrências de realizações palatalizadas e 11 (20%) de manutenção da articulação dentoalveolar.

CARTA F6 D3 G



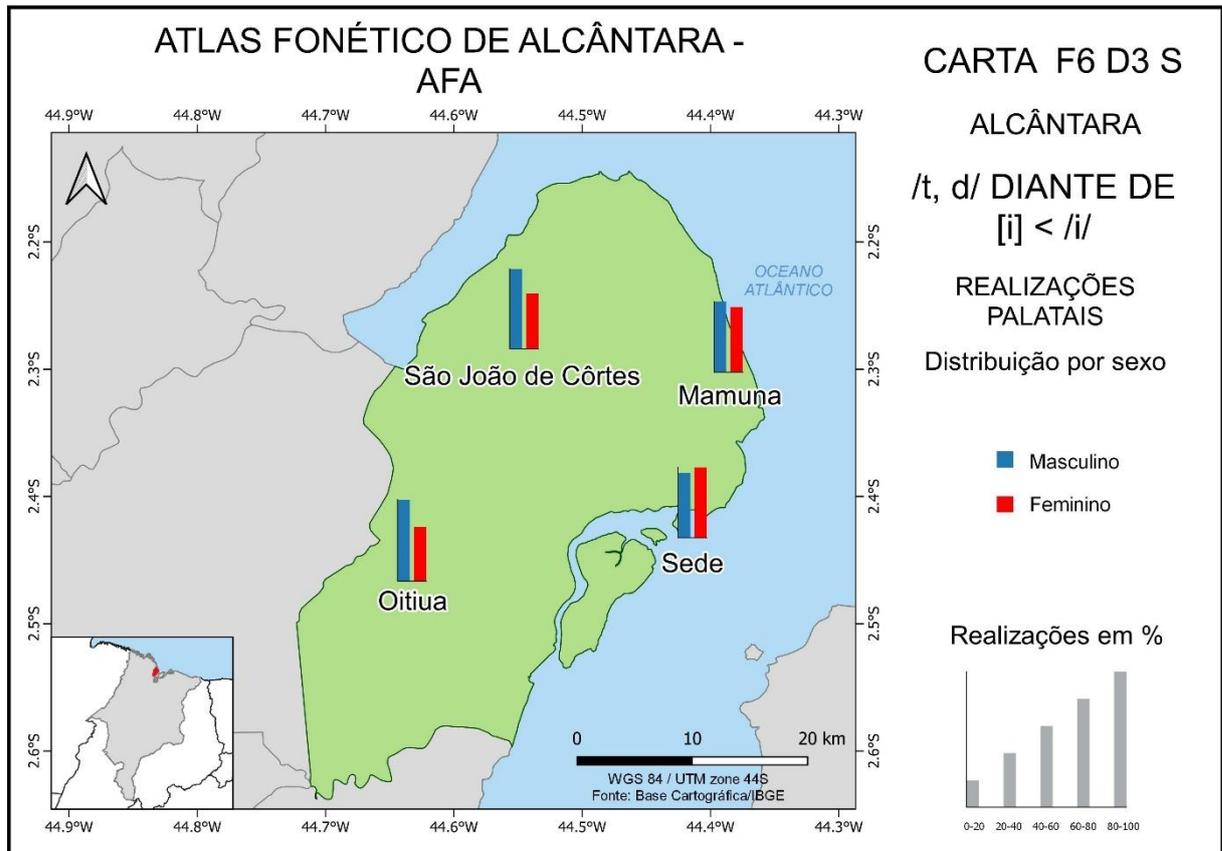
Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Sobre as realizações palatais referentes ao contexto com vogal [i] fonológica, verificou-se que: 1) na Sede, do total de 29 realizações, houve a mesma quantidade de ocorrências nas faixas etárias I e II, com 10 (35%) realizações em cada uma, e 9 (30%) na faixa etária III; 2) em Oitua, do total de 15 realizações, houve 7 (47%) ocorrências na faixa etária I, 6 (40%) na faixa etária II e 2 (13%) na faixa etária III; em São João de Côrtes, do total de 17 realizações, houve 10 (59%) ocorrências na faixa etária I, 2 (12%) na faixa etária II e 5 (29%) na faixa etária III; em Mamuna, do total de 21 realizações, houve 10 (48%) ocorrências na faixa etária I, 8 (38%) na faixa etária II e 3 (14%) na faixa etária III.

Os dados cartografados demonstraram que os informantes da faixa etária I, das localidades Oitua, São João de Côrtes e Mamuna, são os que possuem mais ocorrências das palatais africadas [tʃ] [dʒ] nos vocábulos com vogal [i] fonológica. Na Sede, observou-se o mesmo percentual de realizações para as faixas etárias I e II.

CARTA F6 D3 S

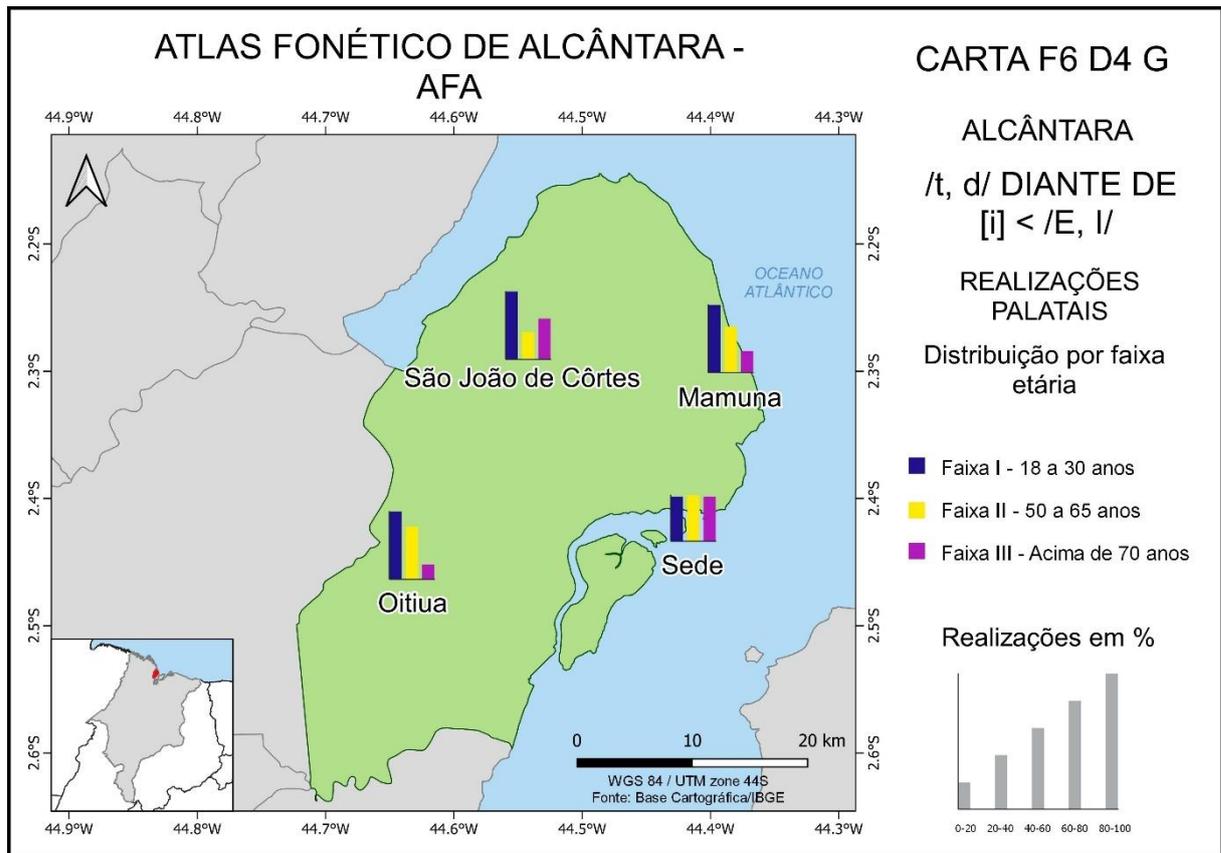


Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Os dados cartografados demonstraram que os informantes do sexo masculino, das localidades Oitíua, São João de Côrtes e Mamuna, são os que possuem mais realizações das palatais africadas [tʃ] [dʒ] nos vocábulos com vogal [i] fonológica, com 9 (60%) ocorrências, 10 (59%) ocorrências e 11 (52%) ocorrências, respectivamente. Na Sede, observou-se um percentual maior para o sexo feminino, com 15 (52%) ocorrências, em relação ao sexo masculino, com 14 (48%) ocorrências.

CARTA F6 D4 G



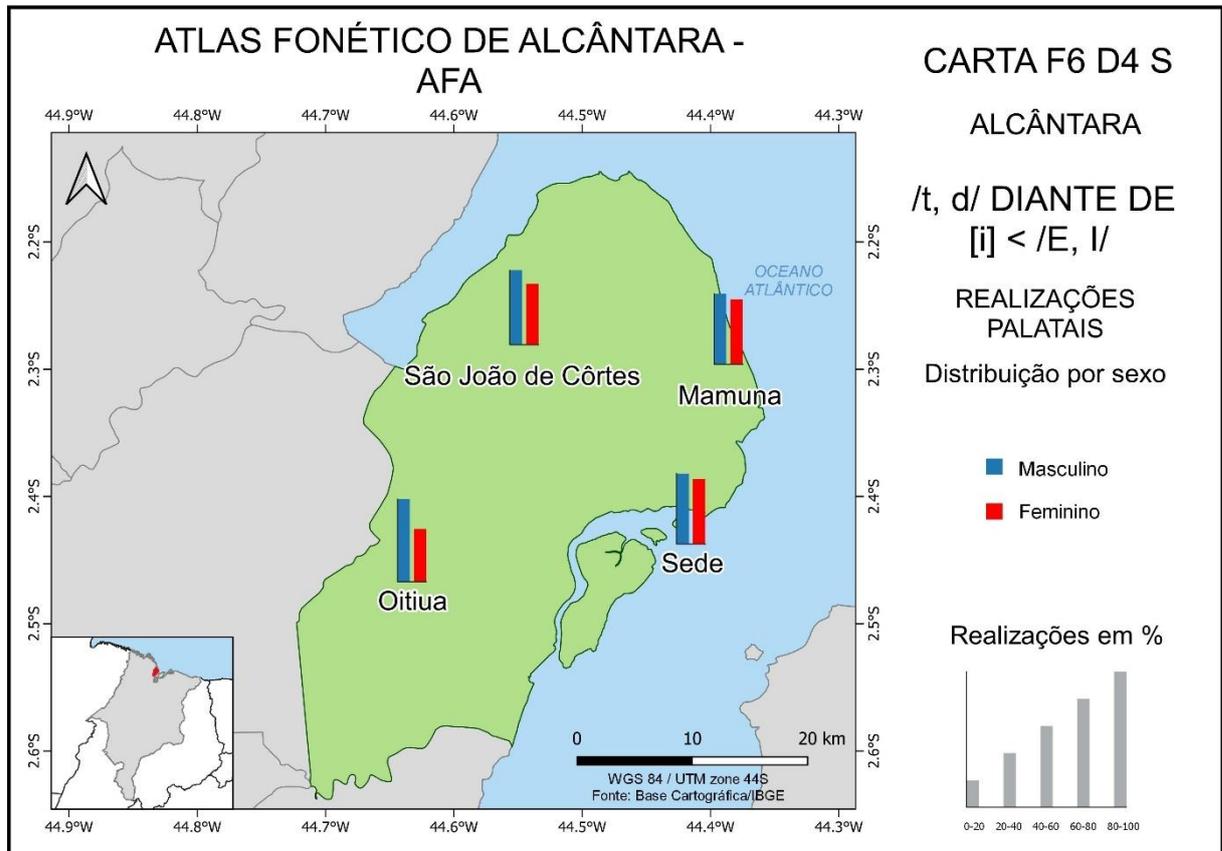
Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Sobre as realizações palatais referentes ao contexto com vogal [i] derivada, verificou-se que: 1) na Sede, do total de 61 realizações, houve a mesma quantidade de ocorrências nas faixas etárias I e III, com 20 (33%) realizações em cada uma, e 21 (34%) na faixa etária III; 2) em Oitua, do total de 36 realizações, houve 18 (50%) ocorrências na faixa etária I, 14 (39%) na faixa etária II e 4 (11%) na faixa etária III; em São João de Côrtes, do total de 40 realizações, houve 20 (50%) ocorrências na faixa etária I, 8 (20%) na faixa etária II e 12 (30%) na faixa etária III; em Mamuna, do total de 44 realizações, houve 22 (50%) ocorrências na faixa etária I, 15 (34%) na faixa etária II e 7 (16%) na faixa etária III.

Desse modo, os dados cartografados demonstraram que os informantes da faixa etária I, de Oitua, de São João de Côrtes e de Mamuna são os que possuem mais ocorrências das palatais africadas [tʃ] [dʒ] nos vocábulos com vogal [i] derivada, pois alcançaram 50% do total em cada localidade. Na Sede, observou-se praticamente o mesmo percentual de realizações para as três faixas etárias.

CARTA F6 D4 S



Elaboração: Juliana Pedroso.

NOTAS

Os dados cartografados demonstraram que os informantes do sexo masculino, nas quatro localidades, são os que possuem mais realizações das palatais africadas [tʃ] [dʒ] nos vocábulos com vogal [i] derivada. Na Sede, do total de 61 realizações, registrou-se 32 (52%) ocorrências para o sexo masculino e 29 (48%) para o sexo feminino; em Oitua, do total de 36 realizações, registrou-se 22 (61%) ocorrências para o sexo masculino e 14 (39%) para o sexo feminino; em São João de Côrtes, do total de 40, realizações, registrou-se 22 (55%) ocorrências para o sexo masculino e 18 (45%) para o sexo feminino; e em Mamuna, do total de 44 realizações, registrou-se 23 (52%) ocorrências para o sexo masculino e 21 (48%) para o sexo feminino.

SEÇÃO IV

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notadamente, a Geolinguística, desde seu surgimento, representa um grande avanço para o desenvolvimento dos estudos dialetológicos, haja vista a quantidade de atlas publicados. No Brasil, são diversas pesquisas que visam a cumprir o objetivo de mapear, descrever, justificar os falares dos seus habitantes.

Neste contexto, o AFA, enquanto atlas de pequeno domínio, cumpriu seu objetivo de mapear as variações fonéticas dos alcantarenses, a partir da elaboração de cartas fonéticas. Para isso, pautamo-nos em fundamentos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional, em que analisamos a variável diatópica a partir do mapeamento geolinguístico das quatro localidades selecionadas no município de Alcântara, no Estado do Maranhão.

Com relação às obras para compor nosso embasamento teórico, recorreremos àquelas escritas por nomes de referência da Dialetologia brasileira, como Antenor Nascentes (1953, 1958), Sílvia Figueredo Brandão (1991), Maria do Socorro Silva de Aragão (2003), Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (2010), Vandeci de Andrade Aguilera (2014), entre outros. Na área de Fonética e Fonologia, nos baseamos, principalmente, em Dinah Callou, Yonne Leite (2003) e Thaís Cristóvão Silva (2017).

O desafio ao elaborar um atlas, independentemente de sua categoria, isto é, desde o de pequeno domínio até o continental, é enorme, seja pelas longas distâncias entre as localidades, pelas dificuldades para selecionar os informantes, ou pelos percalços durante as gravações das entrevistas, entre tantas outras que poderiam ser citadas. É sabido para quem inicia nesta empreitada que os problemas aparecerão, ainda que tentemos estar previamente preparados. Entretanto, para a elaboração do AFA, além dessas questões já citadas, vivenciamos uma ainda mais delicada: realizamos a pesquisa no período da pandemia por Covid-19. Por este motivo, tivemos que utilizar máscara, manter o distanciamento físico de 1,5m e redobrar os cuidados com a higienização das mãos. Além disso, tivemos que diminuir a quantidade de pontos de inquérito e, por isso, não pudemos ampliar os pontos de inquérito como previsto inicialmente.

Os dados cartografados no AFA contemplam as realizações fonéticas de 23 informantes, distribuídos em quatro pontos de inquérito: Sede, Oitiua, São João de Côrtes e Mamuna. Além da variável diatópica, contemplamos também a diastrática, a partir de três faixas etárias – I, de 18 a 30 anos; II, de 50 a 65 anos e III, acima de 70 anos – e a diassexual.

Dos fenômenos investigados, chegamos às seguintes conclusões:

1. Sobre a realização fechada [e] e a realização aberta [ɛ] das vogais médias anteriores, e a realização da vogal alta [i], registramos, em cada uma das quatro localidades, um percentual maior de realização da vogal média anterior aberta [ɛ], em relação às outras variantes [e] [i], demonstrando, assim, que é uma marca da fala alcantareense. A variante aberta teve mais incidência de realizações entre os informantes da faixa etária III. Quanto à variável sexo, os dados demonstram que esta não parece exercer influência sobre a maior ou a menor frequência de uso da vogal anterior aberta [ɛ];

2. Sobre a realização fechada [o] e a realização aberta [ɔ] das vogais médias posteriores, e a realização da vogal alta [u], registramos, em cada uma das quatro localidades, um percentual maior de realização da vogal média posterior fechada [o], em relação às outras variantes [ɔ] [u], demonstrando, assim, que é uma marca da fala alcantareense. A variante fechada teve mais incidência de realização entre os informantes da faixa etária I. Quanto à variável sexo, os dados demonstraram que esta não parece exercer influência sobre a maior ou menor frequência de uso da vogal fechada [o];

3. Sobre a realização fechada [e] e a realização aberta [ɛ] das vogais médias anteriores, e a realização da vogal alta [i], em posição postônica não final, considerando-se o total de realizações, a variante fechada teve mais incidência de ocorrências, com destaque para a Sede e Mamuna. Observamos, ainda, que a variante aberta [ɛ] foi a mais utilizada em Oitiua e em São João de Côrtes. Sendo assim, a oeste do município registramos uma predominância da variante fechada e, a leste, da variante aberta, demonstrando a existência de variação diatópica em relação ao fenômeno descrito. Com relação à distribuição por

faixa etária, na Sede e em Mamuna, houve um percentual maior de realização da vogal média anterior fechada [e] na faixa etária II; em Oitiua, a variante fechada foi mais produtiva na faixa etária I e em São João de Côrtes, registrou-se o mesmo percentual nas faixas etárias II e III. Quanto à variável sexo, os dados demonstraram que os homens têm preferência pelo uso da variante fechada nas localidades Sede, São João de Côrtes e Mamuna;

4. Sobre a realização fechada [o] e a realização aberta [ɔ] das vogais médias posteriores, em posição postônica não final, registramos, em cada uma das quatro localidades, um percentual maior de realização da vogal média posterior aberta [ɔ], em relação à variante fechada [o], demonstrando, assim, que é uma marca da fala alcantareense. A variante aberta teve mais incidência de realização, na Sede e em São João de Côrtes, entre os informantes da faixa etária III. Já em Oitiua e Mamuna, o percentual foi maior para a faixa etária I. Quanto à variável sexo, os dados demonstraram que as mulheres têm preferência pelo uso da variante aberta nas localidades Sede, São João de Côrtes e Mamuna;

5. As ocorrências da palatalização da consoante lateral [l] foram divididas em dois grupos de vocábulos: 1) *liquidificador e liquidação*; e 2) *família e sandália*. Identificamos que, em relação ao primeiro grupo, o fenômeno não foi observado na fala dos informantes; entretanto, no segundo grupo, *família e sandália*, em todas as localidades, houve um percentual significativo de ocorrências da palatalização, com destaque para Oitiua, onde registramos o emprego da variante palatal [ʎ] em todas as respostas válidas para esta localidade e neste grupo. Quanto à distribuição por faixa etária, houve um percentual maior de realizações palatais na faixa etária III das localidades Sede, Oitiua e Mamuna. Em relação ao sexo, na Sede, houve uma distribuição equitativa de ocorrência da palatalização entre os homens e mulheres, demonstrando que, neste ponto de inquérito a variante não sofre influência da variação diagenérica. Nas demais localidades, Oitiua, São João de Côrtes e Mamuna, registramos um percentual maior para o sexo masculino;

6. Verificamos que o apagamento fonético do rótico, em final de bloco sonoro, tanto em nomes como em verbos, é uma marca da fala alcantareense, visto que, nas quatro localidades, os índices de ausência foram bastante significativos em relação aos índices de presença;
7. Sobre a ocorrência do som consoante dos róticos em coda silábica interna, em nomes e verbos, registramos que a presença, em sua maioria da variante fricativa glotal [h̥], atingiu um percentual bastante elevado em relação à ausência;
8. A variante fricativa palatal [ʃ] foi observada, nas quatro localidades, em 100% das ocorrências em posição medial e nos vocábulos *estrada, questão e costas*, em que a consoante subsequente à variante palatal [ʃ] é a oclusiva [t], demonstrando que a realização palatal ocorre somente com vocábulos desta natureza. Em paralelo, observamos que a variante [s] é a mais produtiva tanto na posição final, como em *luz, giz, voz e paz*, quanto na posição medial entre os vocábulos cujas consoantes subsequentes são outras, como em *casca, caspa, desvio, mesma e hóspede*. Com relação à distribuição por faixa etária, na Sede, o maior percentual de realizações palatais foi registrado na faixa etária II; em Oitua, na faixa etária I; em São João de Côrtes, na faixa etária III; e em Mamuna, houve o mesmo percentual de emprego nas faixas etárias I e II. Quanto à variável sexo, os dados demonstraram que esta não parece exercer influência sobre a maior ou a menor frequência de realizações palatais, visto que a diferença nos percentuais entre os sexos masculino e feminino é discreta nas quatro localidades;
9. A palatalização das oclusivas [t] [d] alcançou o maior número de realizações, de acordo com os dados cartografados. O percentual foi mais elevado na Sede e em Mamuna. Este aspecto foi analisado considerando-se os contextos em que o [i] subsequente é fonológico ou derivado. Assim, observou-se que na Sede e em Mamuna, houve um percentual maior de palatalização nas realizações com vogal [i] fonológica. Em Oitua, o maior índice foi verificado nas realizações com vogal [i] derivada. Em São João de Côrtes, houve uma

divisão equitativa entre o contexto com vogal [i] fonológica e o contexto com vogal [i] derivada. Com relação à distribuição das realizações palatais quanto à faixa etária e quanto ao sexo, verificamos que, em ambos os contextos, com vogal [i] fonológica e com vogal [i] derivada, houve um percentual maior de ocorrências na faixa etária I e entre o sexo masculino. Portanto, os dados demonstraram que a variação diageracional e a variação diagenérica exercem influência nas realizações palatais nos dois contextos;

10. Retomando uma das nossas perguntas norteadoras sobre a despalatalização das consoantes oclusivas [t] [d], ou seja, quando ocorre a manutenção da articulação dentoalveolar [t] [d], observada na fala de muitos alcantarenses nascidos em Oitua, esperávamos confirmar a hipótese de que se tratava de uma marca linguística dos habitantes nascidos nesta localidade. No entanto, após a análise dos dados, constatamos que, das 91 ocorrências das consoantes oclusivas [t] [d], 51 (56%) correspondiam às realizações palatais [tʃ] [dʒ] e 40 (44%) às realizações dentoalveolares ou despalatalizadas. Ainda que os dados demonstrem um percentual maior da ocorrência da palatalização, percebemos que o índice de despalatalização também é significativo para esta localidade. De igual modo, os percentuais para este mesmo fenômeno nos surpreenderam em São João de Côrtes, visto que, das 100 ocorrências das oclusivas [t] [d], 57 (57%) correspondiam às realizações palatais e 43 (43%) às realizações dentoalveolares ou despalatalizadas. Na Sede e em Mamuna, o percentual de realizações dentoalveolares foi de 11% e de 18%, respectivamente. Por conseguinte, podemos concluir que a despalatalização é uma variação diatópica no município de Alcântara, pois é um aspecto fonético observado nos dois pontos de inquérito localizados a oeste do município, Oitua e São João de Côrtes. enquanto nos outros dois pontos, localizados ao leste, Sede e Mamuna, este fenômeno apresenta índices pouco relevantes.

Portanto, após a apresentação dos resultados, destacamos que esta pesquisa representa uma modesta contribuição para a caracterização do modo de falar alcantarenses, uma vez que os dados coletados para a elaboração do AFA nos

permitem analisar outros aspectos fonéticos que não pudemos abordar neste trabalho devido ao tempo e outras questões relacionadas.

Além disso, para pesquisas futuras, uma amostra mais ampla, incluindo outros pontos de inquéritos, permitirá o aprofundamento das análises e inferências, confirmando ou refutando o que foi apresentado até o momento.

Encerramos esta dissertação com a transcrição de um trecho bem-humorado de um dos inquéritos realizados na localidade Oitiua, com a informante da faixa etária III, do sexo feminino, que resume, ao mesmo tempo, as alegrias e as dificuldades que vivenciamos durante as gravações do AFA. Na ocasião, estávamos na questão 153, quase encerrando a entrevista, e a informante vinha tendo dificuldade em compreender a noção de contrário sempre que havia uma pergunta nesse sentido.

***INQ:** Qual o contrário de entrar? Por exemplo, quando eu for embora, eu vou...*

***INF:** Vai com Deus, né?*

(E todos os presentes começaram a sorrir).

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. A metodologia e sua aplicação no campo. *In*: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 1. Londrina: Eduel, 2014.
- ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ)**: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2008. 2v. Volume I 163 fls. Volume II 6 cartas introdutórias e 306 cartas fonéticas. mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Técnicas de Transcrição Fonética. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade. **Documentos 1** – Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2003, p. 105-123.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara**: laudo antropológico. Brasília: MMA, 2006. 2v.
- ALVES, Diocles Igor Castro Pires. **As vogais médias pretônicas em Minas Gerais nos dados do ALiB**. 2022. 227f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2022.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BRASIL, Comitê Nacional do Projeto ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionário 2001. Comitê Nacional do Projeto ALiB. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- BRASIL. **Decreto nº 30.643**, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento.
- _____. **Decreto nº 4.887**, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.
- _____. **Decreto nº 26.077-A**, de 22 de dezembro de 1948. Erige em monumento nacional a cidade de Alcântara, no Estado do Maranhão.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.
- _____. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 1 e 2. Londrina: Eduel, 2014.

_____. O Atlas Linguístico do Brasil de “nascituro” a “adolescente”. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005, p. 1-12.

CHAMBERS, Jack K.; THUDGILL, Peter. **La dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

DLIS. Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável. Diagnóstico Participativo do Município de Alcântara. *In*: **FÓRUM DLIS**. Alcântara: Projeto AEB/MCT/PNUD, 2003.

DUTRA, Francimone da Graça Barros. [pɛx'didɐ] ou [pɛx'dʒidɐ]?, [tɔ'matɪ] ou [tɔ'matʃɪ]?: uma análise geossociolinguística da realização dos fonemas /d/ e /t/ no falar de ararienses e pinheirenses. 2021. 109f. – Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras/CCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

FCP. **Fundação Cultural Palmares**. MINISTÉRIO DA CULTURA. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=2997>. Acesso em: 10 out. 2019.

FERREIRA, Carlota da Silveira; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

IBGE. **Senso demográfico 2022**. Portal cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/alcantara/panorama>. Acesso em: 24 nov. 2023.

_____. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas intermediárias**: coordenação de geografia. – Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno, Maria Martha Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara – AFeBG**. 2006. 2 v. Vol 1: 80 p. e 5 anexos. Vol. 2: 330 p. 06 cartas introdutórias; 308 cartas fonéticas. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006.

LOPES, Paulo Henrique. **Pretônicas na língua falada em Sergipe**: dados do Projeto ALiB. 103 f. 2013. Monografia (Graduação) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MENDONÇA, Thaianne Alves. **Atlas Linguístico de Icatu – ALiNl**. 2017. 389 p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Letras/CCH), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

MOTA, Jacyra Andrade. Reflexões sobre a arte de fazer inquéritos linguísticos. *In*: Cardoso, Suzana Alice Marcelino da Silva. MOTA, Jacyra Andrade. **Documentos 2**. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 239-266.

_____. Aspectos fônicos do Nordeste a partir de dados do ALiB. *In*: LOPES, Norma da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. (Orgs). **A**

fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia [livro eletrônico] – São Paulo: Blucher, 2016, p. 59-73.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

NUNES, Carlene Ferreira. O perfil histórico da palatal /ʎ/. *In*: RAZKY, Abdelhak *et al* (Orgs). **Estudos II: geossociolinguística no Estado do Pará**. Belém: EDUFMA, 2014, p. 61-72.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Palatalização do /l/ no Brasil: alcances e limites. *In*: LIMA, Alcides Fernandes de; RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de (org.). **Estudos geossociolinguísticos**. Campinas: Pontes Editores, 2021, p. 187-208.

PAULA, Alessandra de; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Sobre vogais médias em posição postônica não final na fala popular do Rio de Janeiro. *In*: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 275-282, jul./set. 2012.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo *et al*. O Atlas Linguístico do Maranhão: os caminhos do português falado no Maranhão. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

_____. Pra mim tê uma coisa, eu tenho que trabaiá muito: o apagamento do /R/ final no português falado no Maranhão. *In*: RAZKY, Abdelhak *et al* (Orgs). **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 113-125.

RAZKY, Abdelhak. (Org). **Atlas Linguístico Sonoro do estado do Pará**. Belém/CAPE/UTM, 2004. CD-ROM.

RIBEIRO, Mariana de Almeida Moreira. **A palatalização das oclusivas dentoalveolares antes do [i] no interior baiano**. 2018. 111f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2018.

ROMANO, Valter Pereira. Percurso histórico e metodológico da Geolinguística. Papeis: **Revista do Programa de Pós-Graduação em estudos de Linguagens – UFMS**, p. 135-153, vol 18, nº 35, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3017/2445>. Acesso em: 02 out. 2020.

ROSSI, Nelson; ISENSÉE, Dinah Maria; FERREIRA, Carlota da Silveira. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANTOS, Edinaldo Gomes dos. O comportamento da vogal média anterior pretônica no estado do Pará. *In*: RAZKY, Abdelhak *et al* (Orgs). **Estudos II: geossociolinguística no Estado do Pará**. Belém: EDUFMA, 2014, p. 159-187.

- SARAIVA, Carlos Alberto Moreira. **Atlas Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri cearense (Alicace)**. 2019. 410f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2019.
- SILVA, André Pedro. **Vogais postônicas não finais: do sistema ao uso**. 2010. 216f. –Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Linguística, João Pessoa (PB), 2010.
- SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.
- SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira. O Atlas Linguístico do Brasil e os atlas de pequeno domínio: complementações e propósitos. *In*: SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira. (orgs). **Tendências da geolinguística brasileira e a nova geração de Atlas Linguísticos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 17-46.
- SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialetológicos**. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1955.
- SILVA, Thaís Cristófar. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2017.
- SOARES, Thaynara Cardoso. **Atlas fonológico-fonético das vogais médias pretônicas em Goiás**. 2022. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2022.
- SOUSA, Daiane Silva. **As vogais médias pretônicasna fala de Goiás com base nos dados do Projeto ALiB**. 2018. 144f. Dissertação(Mestrado – Programa dePós-Graduação em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2018.
- VIEIRA, Shirley. O comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo. 2010. 175f. Dissertação (Mestrado). Florianópolis, SC, 2010.
- VIVEIROS, Jerônimo de. **Alcântara no seu passado econômico, social e político**. 3. ed. São Luís: AML/ALUMAR,1977.
- ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. *In*: AGUILERA, Vanderci Andrade. (Org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005. p. 45-72.

ANEXOS

ANEXO A
ALFABETO FONÉTICO – A SER USADO PARA O ALiB/ALiMA

Som	Classificação	Exemplo	Transcrição
p	Oclusiva, bilabial, surda	papa	[ˈpapə]
b	Oclusiva, bilabial, sonora	bata	[ˈbatə]
t	Oclusiva, oral, dental, surda	taba, tia	[ˈtabə], [ˈtiə]
tʃ	Africada, oral, palatal, surda	tia	[ˈtʃiə]
d	Oclusiva, oral, dental, sonora	dedo, dia	[ˈdedo], [ˈdiə]
dʒ	Africada, oral, palatal, sonora	dia	[ˈdʒiə]
k	Oclusiva, oral, velar, surda	casa	[ˈkazə]
g	Oclusiva, oral, velar, sonora	gata	[ˈgatə]
f	Fricativa, oral, labiodental, surda	faca	[ˈfakə]
v	Fricativa, oral, labiodental, sonora	vaca	[ˈvakə]
s	Fricativa, oral, alveolar, surda	sala	[ˈsalə]
z	Fricativa, oral, alveolar, sonora	zero	[ˈzɛrɔ]
ʃ	Fricativa, oral, palato-alveolar, surda	chuva	[ˈʃuvə]

ʒ	Fricativa, oral, palato-alveolar, sonora	gente	[ˈʒɛti]
x	Fricativa, oral, velar surda/sonoro	carro, mar, rua, corta	[ˈkaxu], [ˈmax], [ˈxuɐ], [ˈkɔxtɐ]
ɣ	Fricativa, oral, uvular, sonora	carro, corda	[ˈkaɣu], [ˈkɔɣdɐ]
l	Lateral, oral, alveolar, sonora	lata	[ˈlatɐ]
ʎ	Lateral, oral, velarizada, sonora	sul	[ˈsuʎ]
ʎ	Lateral, oral, (médio) – palatal, sonoro	malha	[ˈmaʎɐ]
m	Oclusiva, nasal, bilabial, sonora	mula	[ˈmulɐ]
n	Oclusiva, nasal, alveolar, sonora	nata	[ˈnatɐ]
ɲ	Oclusiva, nasal, (médio) - palatal, sonora	minha	[ˈmɲiɲɐ]
nʝ	Oclusiva, nasal, palatalizada, sonora	início	[iˈnʝisiw]
r	Vibrante, oral, alveolar, sonora	cara	[ˈkarɐ]
r	Vibrante, oral, múltipla, alveolar, sonora	carro, mar, rua	[ˈkaru], [ˈmar], [ˈruɐ]
a	Vogal oral, central, baixa, aberta	ala	[ˈalɐ]

ɑ	Vogal oral, posterior, baixa, aberta	camada	[kɑ'madə]
ɐ	Vogal oral, central, média, aberta	monta	['mõtɐ]
ẽ	Vogal nasal, central, baixa, aberta	manta, camada	['mẽtɐ], [kẽ'madɐ]
ɛ	Vogal oral, anterior, média, aberta	ela	['ɛlɐ]
e	Vogal oral, anterior, média, fechada	ele	['elɪ]
ẽ	Vogal nasal, anterior, média, fechada	então	[ẽ'tɛw]
i	Vogal oral, anterior ou palatal, alta, fechada	ira	['irɐ]
ɪ	Vogal oral, anterior ou palatal, semifechada	ele	['elɪ]
î	Vogal nasal, anterior ou palatal, alta, fechada	cinco	['sĩku]
o	Vogal oral, posterior ou velar, média, fechada	ovo	['ovʊ]
õ	Vogal nasal, posterior ou	conta	['kõtɐ]

	velar, média, fechada		
o	Vogal oral, posterior ou velar, média, aberta	ora	[ˈɔrɐ]
u	Vogal oral, posterior ou velar, alta, fechada	uva	[ˈuvɐ]
o	Vogal oral, posterior ou velar, alta, semifechada	olho	[ˈoʎu]
ũ	Vogal nasal, posterior ou velar, fechada	nunca	[ˈnũkɐ]
j	Semivogal oral, palatal ou anterior, alta	pai	[ˈpaj]
w	Semivogal oral, posterior ou velar, alta	pau, azul, sul	[ˈpaw], [aˈzuw], [ˈsuw]
ɥ	Semivogal nasal, palatal ou anterior, alta	lenha	[ˈlɛɥɐ] [ˈlɛɲɐ]
õ	Semivogal nasal, posterior ou velar, alta	pão	[ˈpɛõ]

ANEXO B
FICHA DA LOCALIDADE

	<p>Projeto Atlas Lingüístico do Brasil Ficha da Localidade</p> <p>No. do ponto: No. do informante:</p>
1. NOME OFICIAL:	
2. NOME REGIONAL:	
3. NOMES ANTERIORES:	
4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES:	
a) pelos próprios:	
b) pelos habitantes de outras localidades:	
5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL:	
a) pelos próprios habitantes:	
b) pelos habitantes de outras localidades:	
6. NÚMERO DE HABITANTES:	
a) oficial:	
b) cálculo do informante:	
7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:	
8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:	
9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):	
10. COMUNICAÇÕES (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.):	
11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):	
12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:	

13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:

14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:

15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):

16. OBSERVAÇÕES GERAIS:

ANEXO C
FICHA DO INFORMANTE

	<p>Projeto Atlas Lingüístico do Brasil Ficha do Informante</p> <p>No. do ponto: _____ No. do informante: _____</p>
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE	
1. NOME:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F
2. ALCUNHA:	
5. IDADE:	
6. ENDEREÇO:	
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro	
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:	
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:	14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não
15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:	
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):	
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:	18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:
RENDA	
19. TIPO DE RENDA: A. <input type="checkbox"/> individual B. <input type="checkbox"/> familiar	
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	
20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas D. <input type="checkbox"/> noticiários G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> pr. religioso C. <input type="checkbox"/> pr. auditório F. <input type="checkbox"/> filmes
22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura	23. OUVE RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> parte do dia G. enquanto trabalha B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro C. <input type="checkbox"/> nunca F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja
24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral D. <input type="checkbox"/> noticiário policial G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> música C. <input type="checkbox"/> pr. religioso F. <input type="checkbox"/> pr. c/ participação do ouvinte	25. LÊ JORNAL? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> semanalmente B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> raramente C. <input type="checkbox"/> nunca

26. NOME DO JORNAL: _____	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER:		
A. <input type="checkbox"/> local B. <input type="checkbox"/> estadual C. <input type="checkbox"/> nacional	A. <input type="checkbox"/> editorial	D. <input type="checkbox"/> pr. cultural	G. <input type="checkbox"/> classificados
	B. <input type="checkbox"/> esportes	E. <input type="checkbox"/> política	H. <input type="checkbox"/> outra
	C. <input type="checkbox"/> variedades	F. <input type="checkbox"/> página policial	
28. LÊ REVISTA? A. <input type="checkbox"/> às vezes B. <input type="checkbox"/> semanalmente C. <input type="checkbox"/> mensalmente D. <input type="checkbox"/> raramente E. <input type="checkbox"/> nunca			
29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____			

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? _____				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> tímido B. <input type="checkbox"/> vivo C. <input type="checkbox"/> perspicaz D. <input type="checkbox"/> sarcástico		
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. <input type="checkbox"/> total B. <input type="checkbox"/> grande C. <input type="checkbox"/> média D. <input type="checkbox"/> fraca		
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. <input type="checkbox"/> cooperativa B. <input type="checkbox"/> não cooperativa C. <input type="checkbox"/> agressiva D. <input type="checkbox"/> indiferente		
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"		
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. <input type="checkbox"/> nenhum		
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não		
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S): 		
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO: 		
46. OBSERVAÇÕES: 		
47. NOME DO ENTREVISTADOR: _____	48. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: _____ UF: _____	49. DATA DA ENTREVISTA: ____/____/____
		50. DURAÇÃO: _____

ANEXO D

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

1. CASA
Qual é o tipo de moradia mais comum aqui da região?
Obter a forma inserida em contextos mais amplos.
2. TERRENO
Onde se constrói uma casa? [O que preciso para construir uma casa?]
3. PRATELEIRA
... aquilo assim (*mímica*), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?
4. TELEVISÃO
... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?
5. CAIXA
Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?
6. TESOURA
... o objeto com que se corta tecido?
7. CAMINHA (subst.)
Um copo pequeno é um copinho. E aquele lugar onde a pessoa se deita para dormir, se for pequeno, como se chama?
8. TRAVESSEIRO
... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?
9. LUZ
Quando está escuro é porque faltou o quê? [Quando falta energia é que ficou sem _____?]
10. LÂMPADA
... aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro? [Quando tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?]

11. ELÉTRICO
Antigamente, para passar a roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje, qual o tipo de ferro que se usa?
12. TORNEIRA
... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?
13. ÍMÃ
... aquilo que atrai objetos pequenos de metal, como agulha, prego, alfinete?
14. FECHA
Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano, _____ a porta.
15. FÓSFORO
... aquilo que se usa (*mímica*) para acender o fogo?
16. FUMAÇA
... aquilo que sai do fogo, em fogo de lenha, de carvão, e que, em uma fábrica, sai pela chaminé?
17. PÓLVORA
... aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que eles estourem?
18. VARRER
Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (*mímica*)?
19. ALMOÇO
... uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?
20. RUIM
Uma comida pode estar boa ou _____.
21. ARROZ
... o que se come no almoço, uns grãos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?
22. GORDURA
A carne de porco não é magra porque tem _____.
23. GRELHA
... uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar carne, frango, etc.?

24. PENEIRA
... aquele objeto que se usa na cozinha para passar (*mímica*) farinha?
25. COLHER (subst.)
A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]
26. LIQUIDIFICADOR / LIQÜIDIFICADOR
... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.?
27. FERVENDO
Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?
28. SAL
O que é preciso colocar na carne para temperar?
29. CEBOLA
... um tempero de comida que quando se está cortando se chora?
30. TOMATE
... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?
31. CASCA
Para comer uma banana, o que é que se tira?
32. ABÓBORA
... aquilo que dá no chão, grande (*mímica*), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, para fazer doce?
33. CLARA
No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?
34. GEMA
E a parte amarela?
35. MANTEIGA
... aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?
36. BOTAR
Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai ____ (*mímica*) água dentro. [Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai ____ ovo].

37. BONITO
Qual o contrário de feio?
38. ROSA
... aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinho?
39. ÁRVORE
O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?
40. PLANTA
Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer: Só colhe quem ____?]
41. OVELHA
... a fêmea do carneiro?
42. CAVALO
... aquele animal que serve para transportar a pessoa de um lugar para outro?
Obter a forma inserida em contextos mais amplos.
43. MONTAR
Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (*mímica*)?
44. ABELHA
... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colmeias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio?
45. MEL
É o que é que a abelha fabrica?
46. BORBOLETA
... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?
47. TEIA
... aquilo que a aranha faz nas paredes?
48. RATO
... o bichinho que o gato caça?
49. ELEFANTE
... um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (*mímica*)?
50. PEIXE
O que é que se pesca nos rios, no mar?

51. CANOA
... uma embarcação feita de madeira ou de tronco de árvore, utilizada para a navegação em rios, principalmente por índios, por pessoas que moram em lugares próximos de rios?
52. REMANDO
Quando se faz assim (*mímica*) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?
53. FAZENDA
... uma propriedade grande onde se cria gado, se planta café, cacau ou...
(Contextualizar)
OBTER A FORMA INSERIDA EM CONTEXTOS MAIS AMPLOS.
54. AFTOSA
... uma doença que dá no gado, em geral na boca? Dá uma febre. Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para ele não ter essa doença.
55. NOITE
Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____?
56. DIA
E depois da noite, o que é que vem?
57. ANO
De janeiro a dezembro se diz que se passou quanto tempo? [30 dias dá um mês, 12 meses dá um _____?] [Como é que se chama o período de 12 meses?]
58. SOL
... aquilo que brilha no céu, de dia?
59. AMANHÃ
... o dia que vem depois de hoje? [O que não deu para acabar hoje se deixa para acabar _____.]
60. SÁBADO
... o dia que vem depois de sexta-feira?
61. CALOR
No inverno faz frio. E no verão?
62. TARDE
Qual é o contrário de cedo?

63. TRÊS
O que é que vem depois do dois?
64. DEZ
O que é que vem depois do nove?
65. CATORZE / QUATORZE
O que é que vem depois do treze?
66. NÚMERO
Quatorze não é uma letra, é o quê?
67. ESTRADA
Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?
68. POÇA
... aquela água de chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?
69. DESVIO
Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?
70. PLACA
O que é que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios? [O que é que se põe nos pára-choques dos carros para identificar, uma coisa assim (*mímica*), com números?]
71. BICICLETA
... aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?
72. PNEU
... aquilo que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego, fura e se esvazia?
73. VIDRO
De que material são feitas as janelas, os pára-brisas dos carros?
74. SEGURO
Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor e faz o quê?
75. PASSAGEM
Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?

76. **REAL / REAIS** Pressione **Esc** para sair do modo tela cheia.
E quanto é que se paga para viajar daqui a ____? *Dizer o nome de uma cidade próxima.*
77. **MUITO**
Qual é o contrário de pouco?
78. **DEVE**
Você / o(a) senhor(a) tomou/pediu emprestado 500 reais a alguém e não pagou. A pessoa vai a você / ao senhor / à senhora e diz: Fulano, você me ____ 500 reais.
79. **OBRIgADO**
Alguém lhe empresta uma coisa, um dinheiro. Quando você / o(a) senhor(a) vai devolver, você / o(a) senhor(a) agradece. Como é que você / o(a) senhor(a) diz?
80. **TRABALHAR**
Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?
81. **EMPREGO**
Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procurar o quê? [Quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o ____?]
82. **INÍCIO**
Quando uma coisa está terminando, se diz que está no fim. E quando está começando, como é que se diz?
83. **PREFEITO**
Quem se elege para dirigir uma cidade?
84. **ESCOLA**
Onde as crianças vão para aprender a ler?
85. **COLEGAS**
O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?
86. **GIZ**
... aquilo branquinho, assim (*mímica*), que serve para escrever no quadro, na escola?
87. **BORRACHA**
... aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?
88. **RASGAR**
Fazer assim (*mímica*) em um papel é ____?

89. AZUL
Que cor é esta? *Mostrar.*
90. BRASIL
... o nosso país?
91. BANDEIRA
... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco?
92. PERNAMBUCANO
Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?
93. SOLDADO
... a pessoa que usa farda, que vive em quartel? [Tem o tenente, o sargento e depois o que é que vem?]
94. CORREIO
Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?
95. LIQUIDAÇÃO / LIQUIDAÇÃO
De vez em quando, as lojas querem vender toda a mercadoria para acabar com o estoque, às vezes para acabar até com a loja, então baixam muito os preços. O que é que elas fazem?
96. CINEMA
Aonde se vai para ver um filme?
97. DEFESA
No futebol, os jogadores que não jogam no ataque onde é que jogam? [Numa luta, quem não está no ataque está na ____.]
98. CALÇÃO
Os jogadores de futebol aqui (*apontar*) usam camiseta. E aqui (*apontar*) o que é que usam?
99. UNIÃO
Para vencer uma guerra, para fazer uma greve, ganhar um jogo, é preciso que todos fiquem juntos, é preciso que haja o quê? [Há um ditado que diz: Onde há ____, há força.]
100. COMPANHEIRO
Na escola, em um time de futebol, no trabalho, o que as pessoas são umas das outras? [Quando duas pessoas não são casadas e moram juntas, uma é o quê da outra?]

101. ADVOGADO

Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?

102. QUESTÃO / QÜESTÃO

Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a ____? [Quando você / o(a) senhor(a) não quer muito uma coisa, você / o(a) senhor(a) diz: Eu não faço ____].

103. PEGO

Um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você / o(a) senhor(a) diz: O ladrão foi ____ pela polícia.

104. INOCENTE

Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?

105. CERTO

Qual o contrário de errado?

106. MENTIRA

Uma pessoa lhe conta um fato que você / o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o(a) senhor(a) diz que é uma ____?

107. PROCISSÃO

Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?

108. SANTO ANTÔNIO

... o santo casamenteiro que se festeja a 13 de junho?

109. PECADO

Deixar de obedecer às leis de Deus é cometer o quê?

110. PERDÃO

Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus?

111. COROA

... aquilo que os reis colocam na cabeça (*mímica*)?

112. OLHO (subst.)

... isto? *Apontar.*

113. PESCOÇO

... esta parte? *Apontar.*

114. ORELHA

... esta parte? *Apontar*.

115. OUVIDO

E esta parte aqui dentro, (*apontar*) que se tem que limpar com um algodão em um palito ou um cotonete?

116. DENTE

E isto? *Apontar*.

117. PEITO

Onde a criança mama na mãe? [Onde o bezerro mama na mãe?] [A carne branca da galinha se chama carne do ____?]

118. FÍGADO

... o órgão que fica aqui (*apontar*), que adoece se a pessoa bebe demais, se teve uma malária?

119. CORAÇÃO

Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?

120. COSTAS

Aqui (*mostrar*) é a frente, e aqui (*mostrar*)?

121. UMBIGO

... aquele buraquinho que se tem no meio da barriga?

122. JOELHO

... esta parte? *Apontar*.

123. FERIDA

Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?

124. CASPA

... uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?

125. BANHO

Quando se está sujo, suado, para ficar limpo novamente, o que é que se toma?

126. DESMAIO

Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?

127. VÔMITO

O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?

128. HOMEM

Adão foi o primeiro ____?

129. MULHER

E Eva foi a primeira ____?

130. FAMÍLIA

Pai, mãe e filhos juntos formam o quê?

131. TIO

O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?

132. GENRO

O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que é que ele é do sogro?

133. ÚNICO

Quando a pessoa só tem um filho, se diz que ele é filho ____?

134. ALTA

O que é que se diz de uma pessoa que mede 1 metro e 90 cm, 2 metros?

135. BAIXA

Qual é o contrário de alta?

136. LOURA

A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem cabelos claros e amarelados?

137. VOZ

Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa ____?

138. DOIDO

Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?

139. VELHO

Um sapato que não é novo é ____?

140. SANDÁLIA

Aquele calçado aberto, trançadinho, usado no verão, que tem uma tira que prende no calcanhar?

141. MEIA

Aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato?

142. BRAGUILHA

... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper?
[Se você / o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, você / o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a ____?]

143. ANEL

O que é que se usa aqui no dedo? *Ou apontar.*

144. PERFUME

O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?

145. PRESENTE

Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?

146. BEIJAR

Dar um abraço é abraçar. E fazer assim (*mímica*)?

147. SORRISO

Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um ____? *Ou mímica.*

148. DORMINDO

A pessoa que não está acordada, está ____ (*mímica*)?

149. ASSOBIO

Como se chama isto? *Assobiar.*

150. PERDIDA

Quando não se acha uma coisa, ela fica ____?

151. ENCONTRAR

Quando se perde uma coisa, se vai procurar até ____?

152. PERGUNTAR

Quando se quer saber uma coisa, se vai ____?

153. SAIR

Qual é o contrário de entrar?

154. BARULHO

Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça _____, para ela não acordar.

155. PAZ

Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: Me deixe em _____.

156. MESMA

Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa _____ roupa. [Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a _____ sogra.] [Você / o(a) senhor(a) vai viajar e não leva roupa. Você / o(a) senhor(a) vai usar a _____ roupa.]

157. HÓSPEDE

Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

158. ESQUERDO

Este lado é o direito e este (*mostrar*)?

159. MORREU

Quem não está mais vivo é porque já _____?

APÊNDICES

APÊNDICE A

PERFIL DOS INFORMANTES

ALC 1 – Sede

ALC 1/1 – A. R. C. C. Masculino. Faixa Etária I. Ensino Médio Completo. Alcantareense. Passou um ano em São Luís. Pais são da Sede. Estudante. Assiste à televisão às vezes, não ouve rádio.

ALC 1/2 – M. C. P. Feminino. Faixa etária I. Ensino Médio Completo. Alcantareense. Viagens a São Luís durante dois anos. Mãe de Itamatatiua (povoado) e pai da Sede. Estudante. Assiste à televisão às vezes, não ouve rádio.

ALC 1/3 – J. H. S. F. Masculino. Faixa etária II. Ensino superior. Alcantareense. Passou seis anos em São Luís. Mãe de Guaíba (povoado) e pai de Tutoia (MA). Professor. Assiste à televisão e ouve rádio às vezes.

ALC 1/4 – A. C. C. D. Feminino. Faixa etária II. Ensino Médio Completo. Alcantareense. Viagens esporádicas a São Luís. Mãe e pai da Sede. Cozinheira. Assiste à televisão às vezes, não ouve rádio.

ALC 1/5 – J. R. B. P. Masculino. Faixa Etária III. Ensino Fundamental completo. Alcantareense. Passou doze anos em São Luís. Pais são da Sede. Pedreiro. Assiste à televisão e ouve rádio todos os dias.

ALC 1/6 – J. R. R. Feminino. Faixa etária III. 3º Ano do Ensino Fundamental I. Alcantareense. Passou 4 meses no povoado e 1 mês em Taubaté/SP. Pais são da Sede. Artesã. Assiste à televisão todos os dias e nunca ouve rádio.

ALC 2 – Oitiua

ALC 2/1 – R. J. P. G. Masculino. Faixa etária I. Ensino médio completo. Oitiuense. Viagens esporádicas a São Luís. Mãe de Bequimão/MA e pai de Oitiua. Estudante. Assiste à televisão e ouve rádio às vezes.

ALC 2/2 – B. N. C. Feminino. Faixa etária I. Ensino médio completo. Oitiuense. Passou 1 ano em São Luís. Mãe de Oitiua e pai de Santo Antônio (povoado). Estudante. Nunca assiste à televisão e ouve rádio.

ALC 2/3 – M. C. P. Masculino. Faixa etária II. 5º Ano do Ensino Fundamental I. Oitiuense. Não viaja. Pais são de Oitiua. Pescador. Assiste à televisão às vezes e nunca ouve rádio.

ALC 2/4 – A. L. P. Feminino. Faixa etária II. Alfabetização. Oitiuense. Não viaja. Pais de Oitiua. Lavradora. Assiste à televisão às vezes e nunca ouve rádio.

ALC 2/5 – I. F. Masculino. Faixa etária III. 6º Ano do Ensino Fundamental II. Oitiuense. Viagens esporádicas a São Luís. Pais são de Oitiua. Lavrador. Assiste à televisão e ouve rádio todos os dias.

ALC 2/6 – M. S. L. Feminino. Faixa etária III. Alfabetização. Oitiuense. Não viaja. Pais de Oitiua. Lavradora. Assiste à televisão e ouve rádio às vezes.

ALC 3 – São João de Côrtes

ALC 3/1 – E. A. M. Masculino. Faixa Etária I. Ensino Médio completo. Cortense. Não viaja. Mãe de Piquiá (povoado antigo de Alcântara) e pai de Canelatiua (povoado). Lavrador. Assiste à televisão às vezes, não ouve rádio.

ALC 3/2 – M. R. A. Feminino. Faixa etária I. Ensino Médio completo. Cortense. Passou um ano morando em São Luís. Pais de São João de Côrtes. Foi criada pela avó nascida em São João de Côrtes. Assiste à televisão todos os dias, não ouve rádio.

ALC 3/3 – J. R. P. Masculino. Faixa Etária II. 4º Ano do Ensino Fundamental I. Cortense. Viagens rápidas a São Luís. Pais e cônjuge de São João de Côrtes. Pescador. Assiste à televisão todos os dias, ouve rádio às vezes.

ALC 3/4 – I. V. S. Feminino. Faixa Etária II. 7º Ano do Ensino Fundamental II. Cortense. Viagens rápidas a São Luís. Foi criada por pais adotivos. Mãe de Balsas (MA) e pai de São João de Côrtes. Pescadora. Assiste à televisão e ouve rádio todos os dias.

ALC 3/5 – J. M. M. Masculino. Faixa Etária III. Ensino Fundamental completo. Cortense. Passou oito anos na Sede e faz viagens rápidas a São Luís. Os pais são de São João de Côrtes. Foi criado pela avó nascida em Bequimão (MA), mas que residiu em São João de Côrtes desde bebê. Lavrador. Assiste à televisão às vezes e não ouve rádio.

ALC 3/6 – M. L. R. F. Feminino. Faixa Etária III. 5º Ano do Ensino Fundamental II. Cortense. Não viaja. Os pais são de São João de Côrtes. Doméstica. Assiste à televisão todos os dias e não ouve rádio.

ALC 4 – Mamuna

ALC 4/1 – L. A. D. Masculino. Faixa Etária I. 2º Ano do Ensino Médio. Mamunense. Viajou a São Luís durante um ano. Pais de Mamuna. Lavrador. Assiste à televisão às vezes, não ouve rádio.

ALC 4/2 – T. S. S. Feminino. Faixa Etária I. 3º Ano do Ensino Médio incompleto. Mamunense. Viagens à Sede durante dois anos. Pais de Mamuna. Estudante. Assiste à televisão todos os dias, não ouve rádio.

ALC 4/3 – I. C. P. M. Masculino. Faixa Etária II. 5º Ano do Ensino Fundamental II. Mamunense. Não viaja. Pais de Mamuna. Lavrador. Assiste à televisão às vezes e nunca ouve rádio.

ALC 4/4 – M. F. F. Feminino. Faixa Etária II. 5º Ano do Ensino Fundamental II. Mamunense. Morou 15 anos no Rio de Janeiro. Mãe de Oitiua e pai de Ponta de Areia (povoado). Lavradora. Assiste à televisão todos os dias e ouve rádio às vezes.

ALC 4/5 – F. S. A. Masculino. Faixa Etária III. Analfabeto. Mamunense. Não viaja. Mãe de Titica (povoado) e o pai de Mamuna. Lavrador. Assiste à televisão todos os dias e ouve rádio às vezes.

ALC 4/6 – Não houve informante que preenchesse os requisitos para participar da pesquisa.